

Oferta  
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 143  
10  
DE FEVEREIRO  
1944  
PREÇO AVULSO  
E S C. 1 \$ 5 0

# Oscar de Lemos regressou de Espanha!

(Ler na pág. 14 uma entrevista com o popular artista do nosso cinema e da nossa rádio)



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



# Sala de visitas

As gares de uma grande cidade são as salas de visitas onde se recebem os convidados ou aquêles que aparecem mesmo sem serem chamados. E pelo arranjo da sala de visitas os hóspedes avaliam da ordem, da riqueza e do bom gosto de quem recebe. Do mesmo modo, as gares são uma legenda ou expoente da vida de um povo.

Lisboa, grande cidade — relativamente, vamos lá... — não tem uma gare de caminhos de ferro em condições.

Do contrário do que está a acontecer com as estações marítimas e fluviais, pouco a pouco integradas na sua função de portos de uma capital europeia movimentadíssima — as gares dos caminhos de ferro, mantêm a desagradável categoria de estações de terceira categoria, em cidades estrangeiras.

Da estação do Rossio, então, que é a primeira «gare» do país, nem é bom falar.

Passei há dias por lá, estive na sala de espera da terceira classe e senti tristeza — passei pela sala de espera da primeira e segunda classes e sorri de ironia...

É que não cheguei a saber se aquilo é uma jaula para feras ou um jardim sem flores...

De resto, será só a falta de conforto que nos faz protestar contra a estação do Rossio?

Certamente que não. As faltas são muitas e nem eu sei como enumerá-las, desde o grande átrio cá em baixo, com péssimas e desleiantes instalações de bilheteiras, passando pelo elevador — supremo ridículo! — onde é preciso pagar o «luxo» de nos fazermos transportar, até lá acima, onde não há bancos, nem assento, nem calor, nem ausência de fumo, nem mostruários elegantes com as últimas novidades da indústria e do comércio!

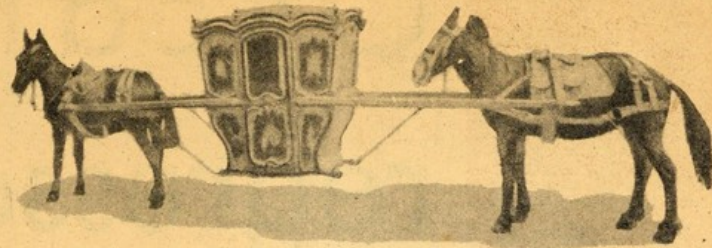
Lisboa, grande capital — não tem uma gare com instalações sanitárias decentes. Não tem um café ou um bar onde se descanse um pouco...

Em compensação, meus senhores, a estação do Rossio, que José Luís Monteiro em tão má hora desenhou, naquele pretenciosismo arquitectónico de vago manualino — tem lá em cima aquelles feios e denegridos cubículos, gaiolas pendentes do teto onde se vêm e ouvem funcionários a dormir, a discutir ou simplesmente a trabalhar em mangas de camisa, consoante a hora do dia...

Quem estas linhas escreve é um triste provinciano que já saiu de Portugal e visitou outras «gares» por aí fora, por esse mundo de Cristo. Mas coisinha pior do que esta da «gare» do Rossio — só a da Alcântara-Terra!

O mundo vai renascer das cinzas da guerra. As «gares» da Europa, onde havia tantas adaptações felizes — vão surgir-nos mais belas e dentro das necessidades do nosso século e dos séculos futuros. A da capital de Portugal ficará como está?

JOSÉ DIAS



## UM ELOGIO AOS ELECTRICOS!...

NÃO há ninguém que não se queixe dos eléctricos que vão sempre cheios, das suas complicadas plataformas onde, por compressão, se destilam os corpos e as carteiras.

Também não existe uma única pessoa que não lamente o pouco número de eléctricos, as longas esperas que o candidato a passageiro é obrigado a fazer até que chegue o carro que, regra geral, vem tardíssimo e a abarrotar.

Mas já pensaram, uma vez ao menos, na maneira como viajavam os nossos simpáticos avós? Oh, que felizes eles se julgariam se apanhassem um carro eléctrico, mesmo daquêles que demoram uma hora a passar e vêm a despejar por fora!

Nesse tempo — e não se passaram ainda muitos anos — para se fazer uma pequenina viagem, como, por exemplo, de Lisboa ao Pôrto, era tarefa arriscada e penosa, própria de pessoas corajosas.

Se quisermos remontar um pouco mais no tempo e descermos ao século XVIII, então, uma viagem era façanha de tão grande monta que o viajante, antes de se meter naquelas caranguejolas, chamava o padre para se confessar — tão pouca certeza possuía de regressar vivo.

Eis o que os nossos avós tinham como elemento de transporte; o coche ou a estufa de couro pregado que marchava aos solavancos no alto de umas rodas enormes; a liteira e a célebre diligência que se desconjuntava por aquêles caminhos cheios de pedras e de covas.

Depois de uma jornada destas, o pobre do viajante tinha um barbelo à sua espera, para lhe fazer a costurada sangria, terminada a qual ficava uma semana de cama, pelo menos, a refazer energias gastas em tão longo percurso que lhe tinha amolgado o corpo e entortado os próprios ossos.

Só por grande necessidade o nosso pacato avô ousava empreender viagem semelhante. O lisboeta falava do Pôrto, de Braga ou de Viseu com ar semelhante ao empregado hoje por nós quando nos queremos referir à Sibéria ou à Austrália ou a qualquer região muito longínqua.

Tudo o que não fosse ir de Lisboa à Ajuda ou proximidades, já representava acontecimento de vulto na vida de um homem. Mas o pior — o pior de tudo! — que podia acontecer ao nosso avô distante era ser obrigado a encetar jornada longa com uma filha ou a mulher ou a irmã.

Não se tratava apenas dos perigos do caminho, nem dos solavancos, nem dos ossos se encarquilharem, encontrá-los aqui, encontrá-los ali, pelas covas, pelas pedras, pelas estradas, pelos carrégs, a torrear serras, a descer vales. É que por mais púdica, por mais recatada, por maiores dotes morais que uma senhora possuísse, ficava para sempre liquidada moralmente ao ouvir as pragas, as queixas, os gritos, toda a série de palavras que pertenciam ao vocabulário dos liteiros, dos almocreves, dos homens das mudas e das estalagens.

E era inútil tentar que os homens não usassem aquêles termos porque, sem eles, nem os cavalos andavam nem os liteiros conseguiam fazer-se entender pelos almocreves. Aquella era a linguagem usada, a linguagem habitual, a única que os cavalos percebiam e que os homens das mudas ou os estalageiros acatavam.

E ou o nosso avô atafalhava de algodão os puros ouvidos da esposa ou da filha ou, então, ficava uma família desmoralizada, a repetir, em casa — isto, partindo da idéia bonita e fácil que conseguiam regressar inteiros — toda a sorte de obscenidades apanhadas pelo caminho.

Decididamente, o lisboeta de hoje não tem mesmo nada de que se queixar. O eléctrico demora? Não há lugar sentado? Não há mesmo lugar em pé, na plataforma, nos estribos, seja lá onde for? Acalme-se e não barafuste. Se empurrar, se der um jeltinho, sempre arranjará um lugar para si, nem que seja ao colo de outro passageiro.

Mas se não arranjar, se tiver de permanecer mais uma hora ao frio e à chuva, se perder o tempo do almoço, se ficar sem emprego — pense no seu avô, coitadinho, que sofria dores sem conto em cada viagem que fazia. Este pensamento lhe dará a calma heróica para saber esperar com paciência, com muita paciência. Se, depois disto, ainda continuar desesperado, não hesite — deite-se ao comprido debaixo de um eléctrico. Será a maneira inteligente de manifestar o seu desagrado e a Companhia perderá um passageiro. Ah, se todos fizessem isto! Que bela solução para a Companhia falir...

## CINCO MINUTOS DE INQUÉRITO

# O QUE É UM ECLIPSE?

COMO toda a gente sabe, houve, há poucos dias, um eclipse de sol, visível no nosso país, segundo diziam os jornais. Infelizmente o sol fez a partida, deixou que lhe ocultassem apenas um bocadinho de nada e apenas os nossos observadores se deram ao luxo de presenciar o espectáculo.

Isto não impediu, porém, que às cinco horas da tarde, andasse muita gente boa pela rua, a espreitar o sol através de um vidro mascarrado com negro de fumo, sempre à espera de poder gozar o apetecido fenómeno.

A essa hora estava o repórter na Graça e ficou muito surpreendido ao ver, no largo, um magote de miúdos e gente grande, com cara de caso, a esquadriñar o céu.

O repórter olhou também — e nada viu. — Olha agora, olha agora — diziam os garotos uns para os outros.

O repórter olhou outra vez — e, desta vez, até chorou, encandeado pela luz forte do sol.

— O que se passa? — inquiriu.

Eles olharam-no com pasmo. Seria caso que não soubesse do grande acontecimento?

— Vai haver um eclipse! — exclamaram.

— Sim, um eclipse — aprovou um senhor bem pôsto, que também mirava o sol através de um vidro; e acrescentou, esticando o pescoço para ajeitar o colarinho:

— É um fenómeno impressionante!

O repórter pediu um vidro emprestado a um garoto e levou-o aos olhos. Espreitou, espreitou — e nem sinais de eclipse. Quando devolveu o vidro, sente que o garoto o fita com curiosidade. O garoto sorri. Bate com o braço no cotovelo do miúdo ao lado e os dois olham para o repórter. Olham e riem-se. Agora todos olham e todos riem. O repórter está vermelho, avergonhadíssimo.

— Do que estão a rir? — pergunta, enfurecido.

Eles não respondem. Gargalham apenas. Então, o senhor bem pôsto aponta o nariz e ri também. O repórter tira um espelhinho da algibeira e examina-se. A

ponta do seu nariz estava mascarrada de negro. Enquanto o limpava, ia pensando que seria interessante fazer uma espécie de inquérito e perguntar àquela boa gente se sabia explicar o que era um eclipse.

Aprontou lápis e papel. O miúdo que lhe ficava mais à mão era um garoto ruivo, descalço, com a camisa às tiras e muito encardida.

— Como te chamam?

— Manel.

— O que estás a ver?

— Um eclipse!

— E o que é um eclipse?

Aqui, o garoto lança-lhe um olhar de incredulidade.

— Eu sei lá o que isso é!

O repórter não fica surpreendido. Um bocadinho mais atrás estava um condutor da Carris, com a mala a tira-colo.

— É para os jornais. Sabe dizer o que é um eclipse?

O condutor leva a mão ao queixo, fica-se a pensar, a pensar.

— Um eclipse?... Espere... Um eclipse é uma nuvem, daquelas nuvens negras de chuva, que tapa o sol. Se o tapa todo, a gente não vê o sol. Percebem?

O repórter disse, muito sério, que havia percebido. Mas, sinceramente, parecia-lhe impossível que um homem daquela idade ignorasse o que era um eclipse.

Na extremidade do grupo estava uma velhota encorcovada, com o cêsto assente no chão. Não tinha vidro para lobrigar o sol, mas, pelo canudo formado com as duas mãos, tentava descobrir o semicírculo negro que ninguém via.

O repórter aproximou-se: — Então, também está a ver? — Pois tou — diz ela sem desfiar o céu. — E o que vê?

— Vejo o sol... — Mais nada? — Está todo vermelho. — Vermelho? E então não vê?

O repórter disse que sim, que também via. E fez a pergunta: — Sabe o que é um eclipse? — Um quê?... Repetiu-se o nome por três vezes, mas

estas práticas medievais, altamente nocivas à saúde pública.

JOAO BARRETO — Rossio, 3 — Lisboa.

Mais uma carta sobre os simpáticos contratadores:

«Em face da carta do sr. Ricardo Pontes, conto-vos o que se passou comigo a semana passada, no Tivoli. Dia 20 fui à bilheteira daquele cinema para marcar bilhetes para o espectáculo de domingo à noite. O empregado informou-me que só aceitavam marcações no dia 21. Fui lá nesse dia, às 4 horas da tarde, respondendo-me um dos empregados que já não havia plateias, a não ser na terceira fila. Fiquei admirada! O empregado que me havia falado, desvia-se da bilheteira e vem outro que me pergunta o que quero... Eu explico-lhe: duas plateias na fila E. Logo o homenzinho traz um «maço» de bilhetes onde eu escolhi, na fila F, os números que pretendia. Como se explica isto? Um empregado diz que não, o outro... vende-me logo os bilhetes?... Teria, o primeiro, interesse em vender os bilhetes aos contratadores? Foi o que eu pensei. Não haverá uma ordem ou uma lei que termine de vez com tais abusos?

PALMIRA DE CARVALHO  
Rua Gomes Freire, 130, 4.º

Já várias vezes, tenbo feito chamadas para Troncas. O telefone está impedido e, então, a menina diz que anotarà a chamada e que chamarà daí a bocado. O tempo corre, passa uma hora, duas horas, e nada. A que será devida «tamanha amabilidade» das meninas das Troncas?

MARIA CELESTE MENDES  
— Rua Palmira, 6, 3.º.

# CRIANÇAS QUE TRABALHAM...



BEM cedo a vida os atira para a rua, em busca do pão. Gente pobre, de bairros pobres, onde a vida é dura e brutal. Garotos ainda, dois palmos de altura, sete, oito, nove anos apenas.

Meninos com aspecto de homem, que se esforçam, que lutam, que batalham pelo pão duro de cada dia. Meninos que nunca foram meninos...

## PESCADA DO ALTO...





## PRESSÕES ECONÓMICAS

**A** unidade do continente americano não foi totalmente atingida sendo em decisões de carácter doutrinarário um tanto vago. É certo que a maior parte dos países americanos se apressou, primeiro, ao corte de relações com as potências do Eixo. É certo que, depois disso, a maior parte dos países americanos foram mais além e se decidiram à declaração do «estado de guerra. Mas com renitências. O Chile e a Argentina foram, nessa altura, os mais atrevidos a embarcar na mesma nau guiada de Washington. Mas o Chile não prosseguiu nessa attitude e, na Argentina, o regime do presidente Castillo foi deposto por um pronunciamento militar, que, ao primeiro momento, nas esferas favoráveis às Nações Unidas, foi recebido com sinais de júbilo. Essa espectacular, porém, foi iludida, pois que, após as sucessivas transformações do novo regime, o general Ramirez impôs condições novas para a execução interna da neutralidade em que o país se tinha circunscrito.

No meio de um continente que tinha tomado posição contra o Eixo, a Argentina ficava sendo o último reduto viço de representação e actividade da política do Reich. A América do Norte e o Brasil fizeram sucessivas «demarches» no sentido de pôr termo ao que consideravam um perigoso foco da espionagem alemã e japonesa. Pelo contrário, à medida que se agravavam estas siníomas, eram postas sucessivas limitações à propaganda das Nações Unidas, que, sentindo e sofrendo as conseqüências desse estado de coisas, deliberaram passar à acção, submetendo a Argentina a uma crescente pressão de natureza económica, em coincidência com a decisão de não reconhecer o novo governo da Bolívia, onde também um golpe militar dera novo aspecto à política do país. A pressão anglo-americana sobre a Argentina teve como resultado o corte de relações com o Eixo, como publicamente o afirmou o ministro Ribbentrop. Mas isso coincidiu com o escândalo da descoberta, feita pelos ingleses, de uma vasta rede de espionagem na Trindade, da qual foi apontado como principal responsável o próprio cônsul argentino. Esse foi o pretexto. Os grandes acontecimentos, os grandes conflitos de natureza internacional ficam, geralmente, na dependência de qualquer incidente, às vezes insignificante, mas a que se reserva lugar na história pela sua categoria de pretexto... Foi o que sucedeu com a Argentina, que da circunstância de se descobrir e revelar um tal caso de espionagem aproveitou a ocasião para um corte de relações que lhe fôra solicitado antes de ser sugerido pela ameaça e pelo peso das restrições económicas.

A guerra, por muito repetido que esse seja, desgraçadamente, o estado das relações entre os povos, tem que ser considerado estado anormal. Não admira, pois, que anormais sejam também os processos que seroem essas relações: na guerra como na guerra... Perante a responsabilidade de uma empresa de tanta monta como esta, em que se debate hoje o mundo, quantos nela se empenham não-de jogar quanto podem e como podem. O sistema das pressões económicas chãga a ser usado, ainda em tempo de paz, como «argumento» para convencer — diga-se e reconheça-se — os menos providos de força. Não admira que, em tempo de guerra, quando a voz da força faz calar as outras vozes, o recurso seja usado com frequência um tanto mais repetida...

J. R. S.

## INGLATERRA

### A PRINCESA ISABEL JÁ TEM NOIVO?

**N**ÃO há fumo sem lume — diz o ditado.

Todavia, até onde vai a fantasia e onde fica a verdade?

Adivinhá-lo ou sabê-lo — isso é que é o grande problema. Como nós não nos arrogamos de infalibilidade, limitamo-nos, entretanto, a ser o eco do que se diz actualmente em Londres:

A princesa Isabel, futura rainha do trono de Inglaterra — vai casar. Claro que não é surpresa para ninguém, o facto de se apontar desde já o presumível rei consorte. Entre os reis, o casamento dos filhos não é um caso de família — mas um negócio de Estado.

Pois bem, neste caso, e a confirmar-se a notícia que nos vem de Londres, a princesa Isabel vai casar com o duque Charles de Rutland. É um rapaz de vinte e quatro anos, simpatíssimo, que estudou em Cambridge e foi companheiro de brinquedos da princesa Isabel, que tem hoje 18 anos irradiantes de simplicidade e simpatia e que é já uma das figuras mais populares do Reino Unido. A Inglaterra busca-se a si própria e procura resolver os seus problemas de Estado não com alianças matrimoniais — mas com a prata da casa, que é, nestes casos, da melhor e do mais puro quilate da nobreza inglesa.



## CHINA

### Os chineses americanizam-se

**N**UNCA, como hoje, houve tantos chineses nos Estados Unidos.

Desde há anos, é certo, que esse movimento migratório se vem acentuando. Pode dizer-se que a moderna geração chinesa se tem educado à base dos ensinamentos colhidos na América que, assim, se tem levantado contra todas as tradições chinesas, embaraçosas do seu progresso. Últimamente, porém, o assalto chinês aos estabelecimentos de ensino americano tem sido verdadeiramente impressionante. Os rapazes e as raparigas frequentam cursos comerciais e industriais, colhem conhecimentos directos junto da sociedade norte-americana e praticam, depois, nos grandes armazéns e fábricas, de modo que, logo no final da guerra, consultam verdadeiras equipas magníficas, prontas a partir para o seu país, onde introduzirão todos os segredos da vida moderna. Deste modo, o destino da China será pósto nas mãos de gente moça, muito embora

sejam ainda os já experimentados que lhe facultem o caminho.

Os rapazes e raparigas vivem em pequenas repúblicas, em casa de compatriotas idóneos, cultivam o espírito, organizando serões culturais que são transmitidos, pela Rádio, às tropas combatentes da China. E, uma grande revolução se nota nesta foto: as raparigas, tão gentis nas suas reminiscências exóticas, estão a dar o último golpe de morte na tradicional indumentária. Madame Chang-Kai-Chek abolira o «kimono» mas conservava a indumentária nacional da cinta para baixo. Não obstante usar sapatos de europela, a longa túnica de seda, aberta ao lado, mantém-se nas suas «toilettes» — mesmo quando veste um bellissimo casaco de peles. As suas jóvens compatriotas, porém, já se adiantaram: a saia é curta, às vezes só com abertura. E às vezes também, nem já sequer é túnica curta — mas simplesmente saia.

## ITÁLIA



### MUSSOLINI NÃO MORREU

morte não fôra anunciada, por conveniência política. Mas, dias depois, o desmentido era categórico: Mussolini era fotografado ao lado de um oficial da Wehrmacht, na margem do lago Garda. A foto é esta que reproduzimos e que, como muito bem notam os jornais estrangeiros, nos mostra um Mussolini desfigurado pelo tempo e pelos desgostos. Em meia dúzia de meses, o grande amigo de Hitler envelheceu dez anos.

É que os desgostos não matam — mas amolecem...

## BÉLGICA

### EM OSTENDE SÓ SE FALA FLAMENGO

**A** Bélgica está, como se sabe, sob o domínio alemão. E, as reformas não se têm feito esquivas. Uma delas, foi promulgada pelo governador da província da Flandres Ocidental e determina que, de futuro, haverá apenas uma única língua oficialmente reconhecida na cidade de Ostende, ou seja, o flamengo. Todos os documentos oficiais deverão ser redigidos exclusivamente neste idioma. Também os letreiros das ruas, que até agora eram bilingues, são retirados e substituídos por outros em flamengo. Provisoriamente, são tornadas ilegíveis as indicações francesas.





# A LIÇÃO PRÁTICA

## ALEMANHA

Nos últimos quatro anos, operaram-se profundas transformações nos exércitos das nações beligerantes incluindo o exército e toda a força armada germânica, embora esta, no princípio da guerra, fosse considerada, e com razão, como o mecanismo militar mais perfeito da História. Essas transformações destacam-se com toda a nitidez, neste momento culminante em que a «Wehrmacht» está empenhada nos mais duros combates de toda a guerra, e encontram a sua explicação, se lançarmos um olhar sobre a sua evolução durante os quatro anos transactos.

Em 1939, a Alemanha possuía o mecanismo militar mais poderoso de todos os tempos. O seu exército e a sua aviação estavam apetrechados dum equipamento técnico moderníssimo, e o treino dos seus soldados e oficiais correspondia, sob todos os aspectos, ao estado adiantado do seu armamento. É claro que a instrução dos soldados dum exército blindado «profissional» como De Gaulle o propusera ao Governo francês, podia ter sido mais profunda, mas, como não existia exército que, mesmo assim, se lhe pudesse equiparar, os alemães podiam bem contentar-se com a política do serviço militar obrigatório sem necessidade de criar um outro exército.

Afirm de extrair o máximo rendimento possível das três armas componentes da sua força militar, o exército, a aviação e a maior parte da marinha do Reich estavam treinados apenas para uma única modalidade de guerra: o ataque. A instrução militar alemã preocupou-se muito pouco com a defensiva e reconhecia a defesa ofensiva apenas como solução transitória.

Afirm de pôr em prática a sua táctica ofensiva, tornou-se necessária uma coordenação dos movimentos das tropas rápidas mecanizadas com os da aviação, a que se seguiriam as restantes tropas, depois de o trabalho de rompimento principal ter sido executado pelas duas armas referidas. Apesar de possuir um exército maciço, o alto-comando alemão confiava as tarefas principais às armas especializadas, ao passo que as massas se destinavam, apenas, a assegurar a posse do terreno conquistado.

Este exército tinha por missão romper as linhas inimigas com a máxima rapidez e penetrar profundamente no interior do território inimigo, onde as diferentes secções coraçoadas deveriam tornar a reúnir-se, pondo, assim, os exércitos inteiros fora de combate.

Tal método deu excelentes resultados, de 1939 a 1941, na campanha do ocidente, salvo na planeada inva-

são das ilhas britânicas, e na campanha dos Balcãs.

Mas a projectada ofensiva contra a Inglaterra foi um caso à parte. O exército alemão não tinha podido preparar mais do que uma parte da sua máquina militar: a aviação, que foi batida na Batalha da Inglaterra, quando devia, pela primeira vez, entrar em acção fora do conjunto e sem o apoio das restantes armas. O exército alemão podia considerar-se virtualmente derrotado, quando uma das suas secções não logrou levar a cabo a sua missão.

Enquanto os Aliados, a oeste, ainda tratavam de aumentar e acelerar a sua produção, tão negligenciada outrora, de tanques e aviões, Hitler atacou a Rússia, porque acreditava poder vencê-la com meios idênticos aos empregados nas campanhas anteriores. A aviação e o exército blindado levaram à-vante o ataque, seguindo-se-lhe as forças de ocupação. Passadas poucas semanas, Hitler julgou-se tão certo do seu êxito, que anunciou estar desimpedido o acesso a Moscovo e Leninegrado.

Apesar de haver munido as suas tropas de material mais moderno para a campanha da Rússia, Hitler enganou-se.

Naturalmente, como se esperava, o exército mecanizado conseguiu avançar, mas o teatro de guerra era vasto demais para que pudesse ser omnipresente e limpasse o caminho, em

todos os pontos importantes, à infantaria. O antiquado modelo das tropas motorizadas, seguidas pelo grosso mais lento do exército, já não servia. Por consequência, as tropas de choque perderam muito do seu vigor e da sua invulnerabilidade. Para mais, a infantaria foi envolvida em combates maiores e mais frequentes do que anteriormente, e a consequência lógica foi um incremento de perdas inaudito.

Nas ofensivas de 1942, o exército alemão havia recebido ordem de reter as tentativas de rompimentos, do ano anterior. Simplesmente, enfraquecera a sua envergadura e a extensão das frentes, o que diminuía, como não podia deixar de ser, as probabilidades de grandes operações de envolvimento.

Para esse fim, o exército alemão foi, mais uma vez, reformado e apetrechado de armamento melhor. O choque devia ser rápido, para que a infantaria pudesse seguir a toda a velocidade. Foi aumentado o número de divisões motorizadas. Apesar disso, a infantaria tinha que contar com áspersos combates, porque a eficiência das tropas blindadas ficara reduzida. A quantidade de metralhadoras, peças anti-tanques e anti-aéreas e outras armas foi aumentada consideravelmente. No assalto a Kertch, a infantaria teve um apoio eficaz de grandes quantidades de material moderníssimo.

Quando o avanço dos «panzers» ficou paralisado em Estalinegrado e no Cáucaso, de nada valeu à infantaria o seu armamento modernizado. Não conseguia abrir caminho aos tanques, como os tanques não conseguiram abrir caminho à infantaria.

A velha receita fracassara, e nem sequer o apetrechamento técnico conseguiu remediar o erro de táctica.

Dos acontecimentos de 1942, o alto-comando alemão tirou várias consequências. O primeiro efeito, foi o estabelecimento dum estreito contacto entre o exército blindado e a infantaria, que, nas fases anteriores da guerra, combateram separadamente. O resultado da ligação entre tanques e infantaria, foi uma enorme redução da mobilidade e, por consequente, da rapidez nos primeiros.

O exército blindado deixara, assim, de ser aquela arma mágica com que se romperam as fronteiras inimigas à queima-roupa. Tornou-se necessário defendê-lo com novos e pesadíssimos canhões motorizados. E a infantaria, por sua vez, tinha que adaptar-se à velocidade dos tanques mais lentos. No entanto, como todo este mecanismo ultra-pesado e pouco desembaraçado, não podia ser empregado em rompimentos profundos e imediatos, o alto-comando alemão também se viu obrigado a reduzir a envergadura das tarefas que se impusera cumprir.

Tendo em vista que a redução da velocidade dos tanques também originara uma redução da sua força de choque, os alemães viram-se obrigados a dotar a infantaria duma arma que pudesse substituir essa falta. De facto, começou-se a empregar em gigantesca escala o lança-minas, muito mais facilmente manobrável do que a artilharia pesada. Além disso, as metralhadoras foram aperfeiçoadas e introduzida certa quantidade de novas invenções. Os alemães fizeram, de facto, tudo quanto estava tecnicamente ao seu alcance. Mas também a falta de armas, provocada pelos bombardeamentos aéreos anglo-americanos havia de se fazer sentir em breve. Entretanto, o alto-comando alemão não conseguia substituir a velha táctica de rompimento por outra que correspondesse às necessidades de hoje. O inimigo aprendera muito com os métodos alemães. E, porque o feticço muitas vezes se volta contra o feticceiro, o inimigo copiou-lhes a táctica e técnica de defesa anti-tanques e de ofensiva.

A organização e a disciplina das tropas alemãs continua a ser o que sempre foi — excelente — mas as operações na África e na Sicília e as lutas actualmente em curso na Itália e na frente oriental demonstraram que o mito da invencibilidade do soldado alemão está a passar por uma prova grave e séria.







## UM ARTISTA DE PÊSO

**H**A famílias em que a tendência e o gosto pela arte se transmitem de ascendentes para descendentes como autênticas relíquias familiares. O arquitecto Keil do Amaral pertence a uma dessas famílias. Herdou um nobre legado de arte e, decerto, o transmitirá aos seus herdeiros, como um facho sagrado que passasse de pais para filhos. Keil do Amaral não é, evidentemente, o supremo arquitecto porque, segundo todas as informações que possuímos, não foi ele que construiu o mundo; mas devem-se já a esse jovem artista, loiro e corado, muitas coisas — planos, plantas, idéias, pontos de vista — que, nos domínios architectónicos, lhe asseguram já, não obstante a sua mocidade, um merecido lugar ao sol. Aqui deixamos, gravados para a posteridade, o seu retrato à pena e a sua caricatura a lápis; e, porque estamos convencidos de que, artisticamente, ele virá a ser um homem de peso, chamar-lhe-emos, desde já, com rigor — Kilo do Amaral. Assim seja.

## À maneira de Guerra Junqueiro

Passam, sorrindo, às revoadas,  
Olhos pintados, bocas pintadas.

Há-as pequenas, tão maneirinhas,  
Há-as compridas, há-as gordinhas.

Riem e passam, nariz ao ar,  
Tiram a «massa», põem-se a andar.

Sabem cantigas de entontecer  
Novos e velhos... Ai, que prazer!

Filhas do Demo, filhas de Adão,  
Gastam em modas um dinheirão!

Múrmuro ao vê-las, castas donzelas,  
Deus nos acuda, nos livre delas!

## A PRINCESA ISABEL

A princesa Isabel, filha primogénita dos actuais reis de Inglaterra, vai fazer dezoito anos. Aos dezoito anos um rapaz — não obstante todas as conquistas aerodinâmicas do século actual — é ainda, em regra, bastante criança; uma rapariga aos dezoito anos, mesmo criada no recato da família, é já, na maioria dos casos, uma pequena mulher. Depois dos quinze nos, rara é a rapariga que, entre os seus livros ou no acafé de *tricot*, não tenha um namôro; e — já se considera desiludida, se aos vinte anos não estiver casada ou, pelo menos, viuva. O caso verifica-se, de certo modo, em todo o mundo, desde a Europa à Oceania, desde a Ásia à América, desde o polo norte ao polo sul, e não exclue qualquer casta, classe ou família. Para estabelecer a fraternidade na terra não há como o dinheiro; dizem uns. A verdadeira igualdade no mundo — dizem outros — só poderá nascer do Amor. Quem estará na verdade? Todos nós sabemos que nas operetas — e eu não conheço imagem mais exacta da vida do que certas operetas com todas as suas inverosimilhanças — geralmente os príncipes casam com as pastoras dos seus sonhos e os pastores com as princesas da sua fantasia. Quando assim não sucede — o público pateia. Ora a princesa Isabel vai fazer dezoito anos; provável é que a jovem princesa tenha já a sua inclinação íntima para um príncipe ou — quem sabe? — um simples pastor; mas o casamento da futura herdeira do trono inglês não é, como na maioria das raparigas, um simples problema sentimental: é um sério problema político. Por muito respeitáveis que sejam as suas preferências amorosas, elas estão condicionadas às razões de Estado — e às conveniências da política britânica. Pois bem. Uma das coisas que preocupa, neste momento, o rei de Inglaterra e o Governo inglês é esta: Com quem deverá casar a futura rainha? Questão melindrosa e grave. Mas quem sabe se, a estas horas, a princesa Isabel não desejaria ser, nos domínios sentimentais, apenas uma vaga princesa de conto de fadas a quem o Amor trouxesse, corado de rosas, o seu Príncipe encantador!



### D. QUIXOTE



Sempre que ouvimos falar no D. Quixote, recordamos uma cena passada, há anos, no Chiado com o jornalista Afonso de Bragança. Afonso de Bragança era alto, magro, esguio, *chupado*, e usava um chapéu especialíssimo. Uma tarde, em que se encontrava à porta da Brasileira, passou um amigo que lhe atirou, em ar de cumprimento:

— Adeus, ó D. Quixote...

Logo ele, apontando uma enorme nódoa de café que, pouco antes, lhe caíra na gabardine clara, acrescentou:

— De la Mancha!

### «COISAS DA MARIA RITA»



Ligámos o telefone para casa do sr. Armando Ferreira.

— É de casa do sr. Armando Ferreira?

— É sim, mas ele não está. Foi para casa da

D. Maria Rita...

Ligámos para casa da D. Maria Rita.

— É de casa da D. Maria Rita?

— Exactamente, mas ela não está. Foi para casa do sr. Armando Ferreira...

Há quasi 30 anos que isto é assim. Armando Ferreira e a D. Maria Rita estão sempre em casa um do outro. Se Armando é o poeta — a Rita é a sua musa. E porque a Rita ri — Armando é o humorista que nós sabemos. As «Coisas da Maria Rita», aparecidas agora em sugestivo volume, são, no fundo — no fundo e no cima — as risonhas filhas literárias do simpático casal...

### A BOLA DO MUNDO



Alfredo Ferraz, campeão português do bilhar, vai ser chamado — eis uma novidade sensacional — ao desempenho duma alta missão. O nosso compatriota partirá brevemente para a algures na Europa — e estamos certos de que o seu nome de novo se importará, como o dum bravo «sportman». Mas afinal que vai fazer o Ferraz? Ah! já nos esquecia: vai dar a última tacada do campeonato...

### ROMANCES



Augusto da Costa publicou, recentemente, um volume — Uma aventura em Lisboa. É um romance frívolo que, nesta hora pesada, tem a leveza e o sabor dum hors-d'œuvre. Há coincidências curiosas. Ontem debruçávamo-nos na montra duma livraria, precisamente olhando este livro-recém-nascido, quando, a nosso lado, surgiu seu excelentíssimo pai. Uma coisa logo nos surpreendeu. Debaxo do braço esquerdo trazia um volume enorme de mais de mil páginas e debaixo do braço direito um minúsculo volume de algumas dezenas.

— O que é esse volumão — perguntámos-lhe.

— É um romance absoluto...

— Percebo... E o pequenino é um romance relativo...

— Acertou...

Não sabemos, porém, rigorosamente, quem eram os autores das duas obras porque na grande só conseguimos ler João Sim... e na pequenina Eça de...





## GENTE COM PELE DE PEIXE?

**P**OSSIVELMENTE, não sabem que no território do rio Arnar, na Manchúria, existe um povo de características curiosas e estranhas. Os chineses chamam a esse povo «Tártaros da pele de peixe». Por quê? Porque os homens e as mulheres desse povo têm uma tez muito parecida com as escamas de peixe.

Vivendo quasi exclusivamente da pesca e da caça, construindo as habitações em madeira, ornamentam até as próprias janelas com peles de peixe.

Eis duas fotos em que vemos dois aspectos pitorescos dos tártaros selvagens, habitantes das margens do rio Arnar.

Numa delas está um casal. Ambos fumam charuto e preparam a refeição da tarde.

Na outra fotografia, vai uma mulher com o filhinho às costas. É assim que as mães os transportam usualmente.

Povo estranho, na verdade, este dos «Tártaros da pele de peixe». A civilização não chegou às margens do rio Arnar.

## UM BOM NEGÓCIO DE AUTÓGRAFOS...

**I**NDIGNADO e aborrecido pelos prejuízos causados a uma das árvores do seu parque por certo «chauffeur» de omnibus, Rudyard Kipling, escreveu uma carta enérgica de protesto ao dono do veículo, proprietário também duma taberna muito frequentada.

O taberneiro mostrou a carta aos seus amigos e um deles, admirador sincero do famoso escritor, adquiriu-a imediatamente por bom dinheiro.

Kipling enviou, passado tempo, uma segunda missiva, mais enérgica ainda, e o taberneiro voltou a fazer uma magnífica venda.

Então, não recebendo resposta, Kipling dirigiu-se pessoalmente ao homem e perguntou-lhe encolerizado qual a razão do seu silêncio.

— Porque não respondi às suas cartas, senhor? — disse o taberneiro. Apenas porque esperava uma, todos os dias. Elas dão-me muito melhor rendimento do que o meu negócio de omnibus...

## NAMORO...



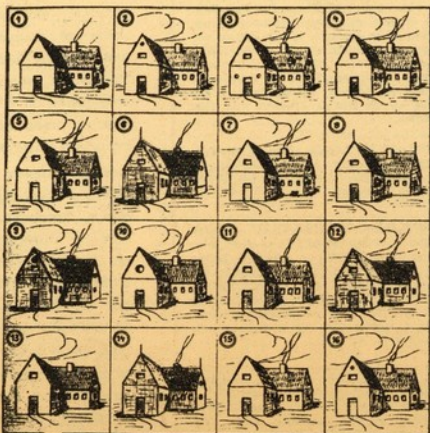
## Um problema para a sua perspicácia

**D**EZASSEIS vezes o mesmo desenho... Será ou não será o mesmo?

Revelemos desde já: são 16 desenhos diferentes, e apenas dois são iguais. Os outros têm todos uma coisa diferente da outra. Por exemplo: falta a nuvem, ou a chaminé não deita fumo, ou o sol brilha do outro lado, ou falta uma janela,

ou há uma a mais, etc., etc. Será capaz de encontrar os dois desenhos iguais? E quanto tempo precisa para isso? Coisas imprecisas nos desenhos, como, por exemplo, efeitos de luz ou de sombra, ou traços inexactos, não são consideradas diferenças.

Experimente a sua capacidade de observação...



Uma página de memórias

## QUANDO MAETERLINK ERA RAPAÇ...

...Meu pai possuía uma biblioteca importante, mas em que dificilmente encontraríamos outras obras que não fôsem de horticultura. Jamais êle lera um livro

que tratasse de outro assunto.

Nunca lera um livro meu, e isso aborrecia-o demasiadamente.

Um dia, à hora do almoço, estávamos à mesa quando chegou o carteiro trazendo uma carta dum parente nosso, que vivia em Bruxelas, e na qual êle nos enviava um artigo de «Le Figaro».

Houve um momento de espanto, em casa. Meu pai declarou logo: — «Devem estar troçando de meu filho...».

Em Gand, que era, então, uma cidade muito menos letrada do que hoje, produziu-se uma reacção idêntica, e comentava-se do mesmo modo: «Esperemos uns dias. Seguramente esta notícia vai ser desmentida; é uma farsa que quiseram pregar ao jovem Maeterlink...».

Apenas eu sabia que aquilo não era farsa alguma, e que a notícia não seria desmentida porque conhecia bem o ímpeto entusiástico e generoso de Mirabeau...

O público precipitou-se sobre as livrarias, mas não encontrou nada do que procurava. Do livro só se havia tirado quarenta e cinco exemplares na imprensa dum amigo meu, e desfizera-se logo a composição porque êsse amigo dispunha de tão pouco tipo que, depois de impressas algumas páginas, havia necessidade, para continuar o trabalho, de distribuir, de novo, os caracteres...

## Pratos exquisitos... e saborosos

**C**ALCULEM... No interior de São Paulo, no Brasil, há uma forma muito usada como alimento. Depois de torrada com sal, faz as vezes de amendoim, bastante saborado pelos brasileiros.

Noutros países, são muito apetecidos o lagarto das rochas e as baratas do mar.

Por sua vez, no Oriente, comem-se, embebidos em mel, pequenos camandongos acabados de nascer. Um dos pratos predilectos dos japoneses é o de gafanhotos, perfumados com flor de laranjeira. Isto já não falando nos gatinhos — comidos por lebre...

Então que tal, bom apetite, não?

## Uma águia que é estrela de cinema

**P**OIS é verdade. Na frente do Cáucaso, os soldados alemães capturaram uma águia real de porte tão belo que os deixou maravilhados.

Enviada para Berlim e entregue aos cuidados do professor Wedde, essa águia extraordinária vai agora ser a intérprete principal dum grande filme.

É de calcular a inveja que esta águia vai causar em muitas meninas cínfilas...



## BENEFÍCIOS DA TELEVISÃO

**U**M médico russo, Velmoni, já encontrou, para a televisão, uma interessante aplicação extremamente humanitária: construiu um aparelho telefónico de televisão que permite, nos hospitais, às pessoas que desejem visitar doentes atacados de moléstias contagiosas, não só vê-los à distância como conversar com êles. Basta, para tanto, levantar o auscultador e carregar um botão: imediatamente os visitantes vêem os doentes e podem falar à vontade com êles...



## "O JAPÃO NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E NA LENDA"

Por CÉSAR DOS SANTOS

O conhecimento das literaturas orientais é, normalmente, menos sólido e amplo, do que o da história e artes plásticas dos mesmos povos que a criaram. Está nesse facto uma das recônditas razões da relatividade de todo o saber que envolva o homem e as suas manifestações externas: dificilmente se atinge o sentido interior de cada consciência, mais dificilmente ainda os factores psicológicos da história de qualquer povo, e ainda mais quando se trate de civilizações remotas no espaço e no tempo para os que as julgarem.

Por um lado, toda a história e crítica se converte em transfiguração, reduzindo a mínimo grau a objectividade do pensamento que as exprime; por outro, fica imensamente limitado o âmbito das possíveis verdades a divulgar, reduzindo muitas vezes, o profundo sentido intencional de uma obra a esqueleto fictício e pobre que fatalmente desilude o autor e os que a lêem.

Assim sucede com este interessante esboço da «Verdade» japonesa escrito pelo jornalista César dos Santos com escrupulo, perseverança e, algumas vezes, brilho de expressão. Não é o Japão real e íntimo, o insondável e misterioso que aí se descobre. Um escritor de génio que ali vivesse prolongado tempo, como sucedeu com L. Hearn e, em certa medida, com Wenceslau de Moraes, ainda pode exprimir com estremo esforço de veracidade a realidade íntima do Japão «na história, na literatura e na lenda». Um escritor com muito maior génio ainda — por ser dotado de extrema penetração psicológica e sentido inimitável do relativismo na compreensão de outrém — poderia analisar com mais profunda visão esse estranho mundo cuja estranhas raças superam o pobre olhar do espírito humano.

César dos Santos apresentou-se, evidentemente, com intuitos muito mais modestos, pretendendo apenas realizar uma obra séria e documentada de divulgação sobre aquele país oriental. Nesse sentido e só nesse avaliam as qualidades do seu livro em que se deparam úteis revelações e referências: fontes bem escolhidas, embora pouco amplas, de informação histórica e literária; transcrição oportuna de textos japoneses traduzidos; narra-

tiva séria e bem coordenada dos acontecimentos reais em que o Japão se revelou aos europeus; comentário inteligente e conduzido com justeza e compreensão, dos dois grandes exilados voluntários que foram Wenceslau de Moraes e L. Hearn. Destaque-se ainda, pelo que manifesta de exactidão histórica e sinceridade crítica, a apreciação da atitude dos portugueses no Japão desde o Século XVI: as trafulhadas dos mercadores, a intolerância dos missionários, as vilezas dos aventureiros — todo o cortejo negro do imperialismo sob qualquer forma que se apresente.

Na revelação de textos literários japoneses e no comentário às páginas de Moraes e Hearn encontra-se, porém, o melhor desta obra apreciável e oportuna. Naquelles se pode descobrir, com efeito, um pouco do Japão verdadeiro, jacente sob a massa arbitrária e retórica das nossas impressões comuns — o povo exótico com as suas delicadezas íntimas e mistérios ancestrais, em que a mentalidade ocidental só inquietar e perturbadamente pode debruçar-se. Nos poetas, mais ainda que nos prosadores ou no folclore popular, se descortina essa realidade de mistério intransponível — porque só em vagas e duvidosas referências se descortina realmente.

Foi essa mesma a razão do drama desolador que foi de facto a existência de Lafcadio Hearn e Wenceslau de Moraes no Japão, drama que César dos Santos, soube ver e muito bem exprimir nas suas próprias palavras e nas que transcreveu desses escritores vitimados pela amargura do isolamento.

No restante, o autor de «O Japão na história, na literatura e na lenda» deixou-se arrastar demasiado pelo superficial. Não só evitou a análise profunda da alma japonesa e do sentido da sua história, como exagerou as influências ocidentais, não compreendeu sob a perspectiva japonesa a índole e as consequências da revolução de 1868 e não integrou os efeitos da técnica copiada desde então na realidade ancestral desse povo. Sente-se que o fundamental se escapa nas páginas deste livro, que se lê até ao fim, sem dúvida, mas com uma ténua desigual de agrado e desagrado.

ALVARO SALEMA



## PEARL BUCK NA INTIMIDADE DO TRABALHO

A escritora de palpitante vida e emoção, que atravessou na infância o trágico palco das convulsões políticas e sociais na China, vive agora na pequena cidade de Perkasie, no estado norte-americano de Pensilvânia. Da sua experiência aventurosa no passado, à sombra tutelar de seu pai — o missionário protestante, rígido e tenaz que representou em «O Anjo combatentes» — fez a matéria viva e sedutora dos seus grandes romances. E entre as múltiplas ocupações literárias de agora, como escritora universalmente consagrada, Pearl Buck é ainda, espiritualmente, fruto perene das suas recordações emocionantes. No silêncio e na paz do seu gabinete de trabalho, vibra e estremece, transportando-se às obras, essa imagem premente e dramática da humanidade que cobriu de luzes e de sombras a sua infância remota.

## SEIS FALAS DOS FIGURANTES DO NOVO ROMANCE DE AQUILINO

PREGUNTAMOS a Aquilino Ribeiro o que pensava do seu novo romance «Volftrâmio».

Mas éle, em lugar de nos falar do romance — apontou-nos as personagens — gente que vive, sofre e odeia, dentro das páginas do seu livro. A fantasia de Aquilino compôs, então, as respostas que se seguem, postas na boca de cada personagem e que são, por assim dizer, uma justificação das atitudes que assumem perante o mundo, dentro da obra do autor. Fala, assim, pela boca de Aquilino, o Dr. Manuel Tôrres:

— É falso que tenha acabado por deestar a Beira Alta. Vendí o casal a um volframista, porque minha mulher é uma alfacinha «enragê» que só está bem entre a Rua dos Fanguinhos e a Patriarcal Queimada. Aquí para nós, foi uma excelente operação: os caseiros devoravam-me os rendimentos; os pobres da aldeia esvaizavam-me as algibeiras; os compadres com o pedilório político consumiam-me a paciência. Ufa, despedacel os doces grilhões!

SIMÃO TADEU: — Se o prelado

dá ouvidos às bisbilhoteices deste auior, estou bem arranjado. Eu era lá capaz de servir-me da mania do Diabo para encobrir a mesquinha do volfrâmio?! Vá lá, contra a pecha que lhe é peculiar, desta feita não fez dum ministro da Igreja um exemplar de incontinências, e tal facto pode chamar-se uma vitória da virtude. Este Antoninho Fráguas, colgado, é que lhe sal das mãos mais esfangalhado que um Judas de Carnaval, ah! ah! ah!

ANTONIO FRAGUAS: — Sim, e gostava de saber que mal fiz eu! É crime enriquecer? Consegui na barganha dos metais grangerar certo peccilo para a velhice e para os meus, confesso-o. Bastia isso para se arrogar para o direito de me colar o rabo-leva de falcatroeiro e rei da mangola? O que este escritor tem é inveja. Que me pinte a trafigar, passa ainda, agora de moço algum possa consentir que associe a minha vida particeira. Solange abandonou o lar, abandonou. É legítimo que tal sujeito se ponha para aí a trobeteá-lo de Faro a Valença? Ah, não! Ah, não!

SILVESTRE CALHORRA: — Se comprei o casal ao Dr. Tôrres, do corpo me saiu, e não admito que melom o bedelho nos meus negócios. Há anos e anos que sonhava

com estes casarios, que parecem um convento, e esta regada que até cega os olhos dos cobiceiros. Estou contente que nem um chicharo. O que dispense bem são os lúzios. A pobre da Verónica escorregou nos encerados do palácio e ficou a ganhar com um pé torcegado. Também não quero cá essas amoreiras de páto. Além de que estão umas velhorras, e devem dar boa mastinha vendidas aos tamanqueiros do Pôrto, sombrelam-me o alqueite. Nestas falperas, de octosos e árvores só de vistas etibera nos Domines.

SOLANGE: — «La vida es sueño. Ontem na serra, hoje no «Palace». Sim, sim, meu amor, um dedal de «cherry-brandy».

GUILHERME CALABAZ (entre cínico e tribunício): — A vida não é sonho, querida. A vida é jógo; luta; ambidexteridade. Acusam-me de me apropriar por vias sinuosas dos bens do Fráguas. Não é mais bonito dizer que o obriguet a praticar a acção tão recomendável da eqüidade?

A TIA CISMAS: — Ele o «volfrô» é para matar gente, meu senhor?... Pois se, que ingleses e «alamões» varram tanta mistela dessa há por estas trerlinhas de Cristo!

## A imodéstia de Alfred de Vigny

A PESAR da sua nobreza de carácter e claro entendimento, o poeta admirável do primeiro romantismo sentia uma vaidade nem sempre oportuna pela sua nobre linhagem. Conta Saint-Beuve, que sabia documentar os seus juízos de crítico com traços de carácter muito bem observados, esta expressiva anedota:

Vigny narrava certa vez, perante alguns dos seus admiradores, as ruínas que a Revolução francesa, perseguidora de aristocratas, lançara sobre a sua família. Pintava com sombrias cores as destruições de castelos, o saque dos bens, as espoliações que o tinham feito nascer na miséria. Mas a mãe, que o ouvia, com leve sorriso de ironia e ao mesmo tempo indulgência para os seus exageros de sonhador, acrescentou com mal contida pena: — «Mas tu sabes muito bem, Alfred; que já em 1789 nós éramos pobres!...»



# Homenagem a João da Rocha

«Há qualquer coisa mais aterradora do que o silêncio dos espaços infinitos: é o silêncio das almas que se foram não sabemos para onde».

dade e por vocação artística; e o ocultismo, que seduzia perturbadamente a sua vida interior de melancólico, sempre solitário pelo silêncio e solidão. «Nossa Senhora do Lar», editado em 1900, contém algumas das poesias mais belas que escreveu — e até à morte compôs poesias de perfeitos ritmos, como esse primoroso soneto, que datou

do Paço de Belém a 26 de Fevereiro de 1920:

*Vimo-nos hoje. Há tanto tempo ausentes e separados da alma e da lembrança, parecem-nos banais, indiferentes, nossos amores mútuos de criança.*

*Olhámo-nos, beijámo-nos, descrentes pois fugira de nós a confiança e eram beijos de lábios já sem dentes e míopes olhares sem esperança.*

*Agora as nossas faces enrugadas fazem-nos rir dos beijos que trocámos sob os olhos de vistas namoradas*

*e dos ciúmes que nos amamos. Pois essas rugas foram as estradas abertas pelos prantos que chorámos.*

«Memórias de um médium», espécie de diário em que condensa as pretensas experiências cultuopíquicas sob a face sombria de uma quimera insatisfeita, têm o recorte fino de um prosador de raça e a verdade mais bela das suas idéias claras, impressões nocturnas e impressões dos seres, sob a cor ténue do sonho.

As conferências que editou posteriormente, como essa admirável expressão conjunta de pedagogia e naturalismo que é «Homens e Árvores», encontraram largo eco no seu tempo. E os trabalhos de investigação histórica a que se consagrou desde 1915, deram-lhe no breve espaço de seis anos a reputação de estudioso arguto, observador sereno e inteligente, cujo grande destino a morte malogrou.

Quando morreu em 1921, com 52 anos, preparava-se para trabalhos de grande estilo, incluindo uma «História de Portugal», a «História geral dos descobrimentos dos portugueses» e o capítulo «A expedição de 1501» para a «História da Colonização Portuguesa do Brasil».

Em páginas últimas definiu o próprio João da Rocha o seu conceito do escritor:

«Escraver sinceramente, harmoniosamente, só pelo gosto de formular ritmos e exprimir estados de alma, como o artista; ou para dinamizar idéias originais, como o pensador e o crítico teórico; ou ainda para estabelecer em equação e imparcialmente discutir problemas graves e profundos, como o filósofo — e fazê-lo sem cuidar de que o seu nome seja ou não conhecido, mas tendo apenas em vista a propaganda pessoal da Beleza, da Justiça e da Verdade — tal se me afigura a mais pura missão social do escritor».

A este apostolado sincero e grave se deve, afinal, a obra literária de João da Rocha, que em vida se reservou quasi exclusivamente aos seus amigos directos, evitando a declamação das palavras e atitudes, a propaganda literária dos grupelhos e a polémica inútil. Ele mesmo dizia com o orgulho da inteligência verdadeira: «Por isso creio — e neste ponto penso, como o meu querido Villiers — que o

melhor destino do homem é ter génio e viver obscuro».

Também nos últimos anos da sua vida João da Rocha se preocupava especialmente com os problemas de pedagogia infantil e de cultura popular. Os versos para canções escolares que escreveu com música do maestro português Hernâni Tórrès ainda se conservam inéditos; mas constituem, como lembrou Cláudio Basto na homenagem póstuma que lhe foi consagrada pela revista «Portucal», um belo plano de educação das crianças, tendo em vista não só a cultura da voz e o amor da língua como também a observação dos aspectos da vida portuguesa, o apêgo à terra, a moralização, etc. Trabalho inteiramente novo em Portugal. O preambulo que João da Rocha escreveu para as «Canções», diz o seu amigo e ilustrador escritor Cláudio Basto, manifesta raras qualidades educativas e fino conhecimento da psicologia infantil.

Na propaganda da educação popular desenvolveu João da Rocha notável acção, pela pena e pela palavra. A conferência «Homens e Árvores» é um modelo de inteligência, gosto artístico e compreensão da índole da sua raça e do seu tempo. Nunca se furtou ao que pudesse constituir sacrifício e até heroísmo por esta nobre causa. Poucos anos antes de morrer, a convite do Dr. Afonso Costa, foi indigitado para dirigir com Jaime Cortesão uma revista de grande tiragem em que se fizesse a preparação cívica do povo português para a indispensável participação na guerra de 1914; a revista não chegou a publicar-se, como outra que planeava anteriormente com Raúl Brandão, por altura de 1905; mas o nome e a personalidade de João da Rocha eram lembrados pelos seus conterrâneos como garantia moral e intelectual de iniciativas de grande representação pública. Os que o conheciam admiravam em João da Rocha a firmeza e integridade de carácter, a pureza e isenção de intenções, a modestia extrema, o amor pelas coisas públicas a que sacrificava o seu dilecto gosto pelo silêncio meditativo e o estudo calmo.

A sua trajectória na agitada vida política da República foi a melhor prova da elevada tempera do seu carácter. Quando faleceu em 1921 era secretário particular do Presidente da República, Dr. António José de Almeida, a que o ligavam muito mais as relações pessoais de amizade e as afinidades de carácter, do que os deveres partidários; mas desde a juventude remota, ainda antes do Colégio Militar, as suas convicções democráticas eram afirmadas com altivez

## FAÇA DE PAPEL

Magalhães de Vilhena, professor de Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra, publicou em separata da «Biblos» o seu magnífico ensaio «Filosofia e História», em que analisa, à luz da mais moderna reflexão, a idéia de história e o seu significado na evolução do pensamento. A índole pessoal e séria do jovem professor universitário é modelo de inteligência que o público não deve ignorar.

— Na «Colecção Azul» da Casa do Livro Editora foi publicado outro volume da Condessa de Ségur, traduzido por Henrique Marques Júnior e intitulado «Traquinas».

— «O primeiro milagre de Jesus», do poeta Campos de Figueiredo, é uma composição lírica delicada e fina em que prosa e verso se combinam em agradável ritmo.

e elevação moral, sem que uma existência inteira de lutas e desilusões o fizesse abdicar no mais pequeno ponto das suas certezas de idealista. Quando da sua morte, o Dr. António José de Almeida afirmava com os olhos marejados de lágrimas que lhe desaparecera o mais dedicado, inteligente e leal colaborador. «Tinham por ele a afeição que se tem a um irmão ou a um filho...», acrescentava o Presidente da República com profunda emoção.

O recolhimento na vida interior, para que era naturalmente inclinado, fez dele um místico que a insatisfação arrastava às mais estranhas quimeras. O seu reino nativo era o dos sonhos, que exprimia magistralmente em versos de ritmo sedutor mas, sempre que a vida lhe exigiu o contacto com a realidade, o seu carácter imaculado e puro permitia-lhe atravessar as situações mais perturbadoras com a integridade moral de uma grande alma intangível.

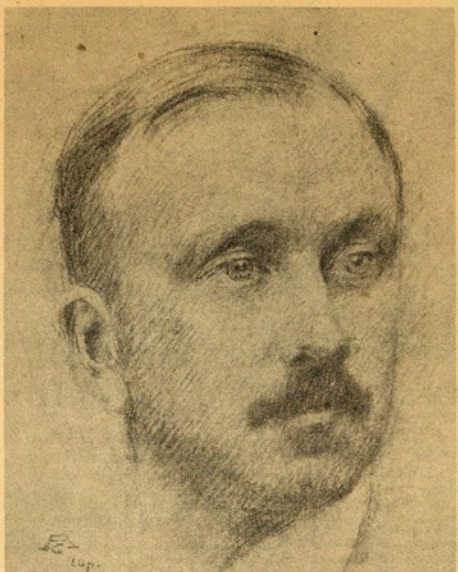
Afilado, magro, ruivo, de olhos estranhos e verdes, dilatados em branco de «gouches», como o descrevia Celso Herminio, João da Rocha foi para os companheiros directos da sua geração o «Frei» — uma alma inquieta de místico medieval, atraído pelos mistérios da existência espiritual e encarrando com inteligência desludida e melancólica as ilusões da humanidade comum. Assim o conheceram e admiraram homens como Raúl Brandão, Alberto de Oliveira, António Nobre, Guerra Junqueiro e os seus conterrâneos e contemporâneos de Viana do Castelo que puderam admirá-lo na fase mais bela e fecunda da sua vida.

A homenagem que a terra natal lhe prestou há dois dias, com emoção que o tempo decorrido não apagou e se viu reviver na presença dos filhos, é um exemplo pouco vulgar em Portugal e que bem demonstra a nobre e profunda recordação deixada nos que o conheceram por este escritor e artista de tão excepcionais qualidades morais.

## COMO ÊLES SÃO NA REALIDADE

### Ignazio Silone

O autor de «Fontamara», novela que teve entre nós grande público e em que se narra a vida cotidiana de uma aldeia na Itália de antes da guerra, foi, até aos 16 anos, lenhador nos Abruzzos. A sua existência social foi muito agitada durante largos anos, até se refugiar na Sulça onde se revelou como escritor de excepcionais qualidades. Continuou a ser, porém, o homem sombrio, amargurado pelos sofrimentos dos seus semelhantes, com a consciência amarga de quem passou por eles e contra eles lutou extremamente. Da génese política que, entre confusas perpécias, faz nascer a nova Itália, vai surgir com destaque, certamente, o nome deste escritor que tem sabido viver com energia e fé a essência reformadora da nossa época.



JOÃO DA ROCHA

(Desenho de António Carneiro, segundo um retrato de 1906)

COM esta legenda de Bourget começou João da Rocha a sua novela «Angústia», obra de profunda sensibilidade em que o real e o sonhado se confundem, com o sincero rigor de uma alma que sempre viveu assim; e também a legenda era sincera, porque o límpido carácter deste minuto abrigava na sombra inquieta da vida interior a agitada e turva obsessão da morte. Por essas palavras, que representam o último sentido da novela e do espírito que a concebeu, parecia João da Rocha adivinhar um destino em plena energia intelectual, quando se podia dizer que iniciava os seus trabalhos definitivos de investigação histórica, quando os seus versos ganhavam mais perfeito ritmo e se diluía, talvez, a sua inquietante propensão para o sobrenatural e o fantástico, João da Rocha caiu morto e depressa se sumiu em obscuridade merecida. Nessa fria manhã de 1 de Fevereiro de 1921 encontraram-no imóvel e gelado no leito, como se quisesse ainda, partindo assim bruscamente para o além que sempre o perturbara, esconder na simplicidade e na modestia o último instante da sua vida.

Logo que em Viana do Castelo, terra em que João da Rocha nasceu e sempre amou, foi conhecida a notícia do seu falecimento, diz o Professor Cláudio Basto que se constituiu uma Comissão para dirigir e efectuar condigna homenagem ao conterrâneo desaparecido. Foi logo resolvido solicitar à Câmara Municipal a compra da importantíssima livraria que João da Rocha deixara na sua terra natal, para se constituir com ela o núcleo de uma biblioteca pública; coordenar os livros inéditos e publicados do escritor; erguer um monumento à memória do artista e do homem de bem; promover a trasladação dos seus restos mortais que haviam ficando depositados no jazigo de família do Presidente da República Dr. António José de Almeida; colocar uma lápide na casa onde João da Rocha nasceu.

Dessa homenagem, apenas o primeiro aspecto foi executado pouco depois do falecimento do escritor.

Outros foram cumpridos agora, associando-se à justa exaltação desta figura notável de português não só a cidade de Viana do Castelo, mas todos os que conheceram e admiraram neste país a excepcionais qualidades do seu espírito e do seu carácter.

Dos três aspectos essenciais da sua vida pública — como escritor, como pedagogo e propulsor da educação popular, como político — não é fácil escolher o que mais sobrepõe a personalidade intelectual e moral de João da Rocha. Os primeiros livros que publicou foram consagrados a matérias que absorveram profundamente a sua adolescência: a poesia, para que era dotado por sensibili-



## Um romance de Steinbeck adaptado ao teatro

**C**OM enorme sucesso, representa-se, desde 13 do mês passado no Teatro Municipal de Louzanne, Suíça, uma adaptação ao teatro do romance «Noite sem luas», do grande escritor americano Steinbeck, autor de «Ratos e Homens» e «Vinhos da Ira».

A peça, adaptada por Jacques Béranger, tem oito quadros, nos quais o realismo patético vai sempre aumentando, deixando, no final, o espectador envolvido por um sentimento de tristeza e uma admiração profunda por um povo corajoso e orgulhoso que sofre o seu destino com dignidade.

«Noite sem luas» é o último romance de Steinbeck, onde se conta a tragédia de um país ocupado, agora, nesta guerra. A peça começa com a chegada de um coronel inimigo e do seu estado-maior à casa do Governador Civil da cidade. O país inteiro está ocupado e as tropas invasoras exigem que o Governador faça compreender aos seus habitantes que devem obedecer, ajudar a extrair o cavião das suas próprias minas e ajudar, depois, à sua carga nos barcos. Toda a peça mostra a luta desse



povo contra o inimigo. Luta surda mas gloriosa. Numa noite sem luas, aviões emigram pequenos pára-quadras transportando dinamite que servirá para fazer saltar os crails».

A peça termina com o quadro dramático da prisão do Governador, que caminha para a morte com resignação e grandeza.

A enenação e o principal papel de «Noite sem luas» estão a cargo de Jean Mauclair, um dos maiores artistas suíços. A crítica diz apenas esta palavra: «Grande trabalho».

## OS ARTISTAS TÊM MEDO DA GRIPE

**J**A não é novidade para ninguém, porque todos lhe têm mais ou menos sentido os efeitos: a gripe, aliás numa visita anual de cortezia que nunca se dispensa de fazer aos alfacinhas—anda por aí à rédea solta, a pregar catarrro nas gargantas, a pôr arrepios de frio e executando a sua sinfonia de *atchins!*...

Como é natural, toda a gente tem medo da gripe—mas, como é natural também, todos nós gozamos do privilégio de ficar na cama, quando ela nos ataca. Entretanto, há uma classe que tem o horror da gripe: são os artistas teatrais. Uma gripe não é doença que demore para proceder a substituição de papéis. Mas dá uma indisposição tão forte, que em cena mal se aguentam. De modo que ninguém tem tanto medo das gripes como os actores e actrizes, cada um deles simples elo de uma grande cadeia—mas que não pode ser dispensado, por simples ataque de gripe. O público, de resto, sabe de antemão quais são os artistas que vai ver no espectáculo—e se eles lá não estão, reflicta, porque não compreende que um ataque de *atchins* no meio de uma cena dramática ameace o equilíbrio da representação...

Por isso os artistas se atafalham de drogas, se enchem de benzeduras e defumadelas.

Pois não fomos, há dias, encontrar os camarins da Avenida envolvidos em grossos róis de fumo? Já nos dispunhamos a gritar que havia fogo, quando, das nuvens, caiu Teresa Gomes...

Andava agarrada a um fogareiro, a queimar folhas de eucalipto, para espantar a gripe!...

## Françoise Rosay sabe fumar...



A grande actriz francesa, casada com o grande realizador Jacques Feyder, demonstra, através estas três fotos, como se fuma com elegância, desenvoltura e graciosidade...

O fósforo na mão esquerda dá assim um pouco de *«snob»*—pegar no cigarro com a mão esquerda, abrindo bem os dedos, tem *«car»*, e sorrir depois da fumaça tem *«charmes»*... Ou Françoise Rosay não fosse uma grande artista.

Obrigado pela demonstração, Françoise!



## Corina Freire, já cantou diante de Churchill!

**A**QUILLO passou-se assim, mais ou menos: dois senhores muito bem vestidos e melhor falantes, prepararam as escadas e atrás, atrás, bateram três pancadinhas repenicadas na porta. A criada estava a arrumar a cozinha. Pendurou a panela muito bem areadinha no prego respectivo, deu um toque nos cabelos, que estavam desajustados, e foi abrir a porta. Os dois senhores, com uma habilidade de espantar, introduziram-se logo no corredor, mesmo sem ela, surpreendida, ter tempo de perguntar ao que vinham.

Um dos senhores, aquele mais alto, exclamou:

—Somos fiscais das Indústrias Eléctricas!

—A sua patroa está multada em dois contos!—acrescentou o outro, franzindo o sobrececho numa careta de aterrar.

—Ela está?—inquire o primeiro. Mas sabia éle que elas não estava. Que tudo aquilo era *«truc»*, mas do bem feito. Plano urdido com arte, esplêndido para intrigar criadas tímidas e com dois dedos de testa.

—Não, a senhora não está...

A voz do segundo senhor tinha ar de trovada:

—Mas a multa tem de se pagar, e é para já; ou então vai tudo para a cadeia!

A criada fêz-se branca, fêz-se roxa, fêz-se azul. E as pernas tremiam-lhe, tremiam-lhe.

Em cima da mesinha estava um aparelho de telefonia. O primeiro senhor apontou para éle.

—Se não pode pagar imediatamente, levamos aquêle aparelho!

A criada não atinava com uma palavra para dizer. Os senhores tinham um ar tão austero e tão importante que lhe matavam o entendimento.

Da ameaça à realização foi um ápice. Pegaram no aparelho, metaram-no debaixo do braço, e, sem mais uma palavra ou um sorriso, foram-se escaldas abaixo.

E foi assim que Corina Freire ficou sem o seu rico aparelho de telefonia...

### QUERO IR PARA A AFRICA!

—É espantoso, não é?—pergunta ela ao repórter.

Corina Freire está sentada num maple, com o seu «pekinois» ao colo. Depois, sorrindo com aquêle seu sorriso muito bonito que foi premiado como o mais lindo sorriso de Paris, exclama:

—O que a mim me surpreende é como a minha criada acreditou numa farsada destas!

O «pekinois» levanta-se, espreguiça-se, salta para o chão, e fica-se a olhar o repórter com um ar zangado.

—Ele não morde?

Corina Freire diz que não.

—Queira vê-lo dançar?

Pronuncia um nome qualquer e o «pekinois» desata a sacudir as «cancas» como uma bailarina espanhola.

Terminada a «gracinhas», o repórter pergunta a Corina Freire:

—Abandonou o teatro?

Os olhos dela ganham um brilho mor.

—Não.

—Então porque não trabalha?

—Mistério que eu própria não compreendo. Talvez os empresários possam responder. Mas agora ando a aprender canto!

O repórter surpreende-se:

—Canto?!

—Sim, é por que não? Até morrer aprende-se sempre...

Corina Freire tem uma voz límpida

e bela como poucas. Há anos, em Paris, no Casino, foi durante seis meses a grande atracção da revista-fantasia «Parada do Mundo», onde cantou alguns números regionais portugueses.

—A minha grande ideia—diz ela, entusiasmada—é partir para a África e cantar, cantar. Gosto dos melos selvagens. A civilização, tal qual ela é, é tão bárbara! A grande preocupação de hoje é matar depressa e bem!

E NÃO SABIA QUE ERA ELE...

Fala-se da guerra. Corina Freire exclama:

—Sabe, já cantei diante de Churchill! Tinha obtido o prémio do mais lindo sorriso de Paris quando recebi um convite para ir cantar na nossa Embaixada em Londres, numa recepção dada em honra do Príncipe de Gales. Foi então que me apresentaram a um senhor forte, baixo, que fumava charuto. Ouvi o nome e esqueci-o.

—Então como sabe que era Churchill!—pergunta o repórter.

—Porque há tempos, folheando «recorless» que falavam de mim, li que entre a assistência que nessa noite assistiu à recepção figurava um senhor com o nome de Winston Churchill.

Tem uma gargalhadinha alegre. —Quem havia de dizer que, anos depois, éle havia de ser a grande carniceira da Inglaterra!

O «pekinois» começa a cheirar, com muito cuidado, as orelhas do repórter. De seguida, ergue-se nas patas dianteiras e fica de pé, com um olhar muito triste.

—Está a pedir colo!—diz Corina Freire.

O repórter decide-se a pôr o cão no colo, se bem que muito aborrecido porque a ficar com o fato novo cheio de pêlos castanhos. O «pekinois» aconcha-se sobre os seus joelhos, põe as patas debaixo da cabeça, e dorme com um rom-rom melodioso de contentamento.

Da guerra salta-se para o cinema. Corina Freire recorda os dois filmes que fêz em Paris para a Paramount.

—Coisa horrível! Nem me quero lembrar disso! Nesse tempo, a transição do mudo para o falado, os técnicos andavam todos «às aranhas». E saíu aquilo que se viu.

Passa uma névoa triste pelos seus olhos.

—Esses dois filmes «queimaram-me». Fiquei desacreditada e, contido.

Não concluiu, mas sente-se, nas reacções, que Corina Freire gostaria de experimentar de novo.

### FINAL TRAGICO

São quatro horas. Batem à porta. A criada, a mesma criada que, nos dois senhores elegantes fugiram com o aparelho de telefonia, aparece a dizer que havia chegado o professor de canto.

Corina Freire ergue-se para se despedir do repórter. Então, passa-se qualquer coisa de extraordinário, de horrivelmente extraordinário. O «pekinois» ajeita-se melhor no seu colo, mas o repórter começa a sentir que, aos poucos e poucos, as pernas se vão umedecendo. Seria caso que... Solta um berro afilado, mas de todo inútil. A verdade era mais que evidente. O «pekinois» o pequenino, o lindo, o delicioso «pekinois» fizera uma das suas graciosas partidas...

REPÓRTER UM



# O Professor Locard

e a semelhança capilar dos Bourbons — NAUDORFF com os cabelos de Delfim

Reacendeu-se há tempos, em França, um curioso e apaixonado debate quasi extinto pela acção do tempo — qual o paradeiro do Delfim Carlos Luiz de Bourbon, o paradeiro dos seus actuais descendentes, se conseguiu evadir-se da Torre do Templo e os meios de comprovar cientificamente a sua identidade?

Recorreu-se, pela primeira vez na história das origens e procedência genealógicas, ao dr. Edmond Locard, sábio professor do Laboratório de Polícia Técnica de Lyon. Doutor em Medicina, licenciado em Direito, director do que equivale ao nosso Arquivo de Identificação Pessoal, o sábio criminologista declarou:

— «Os cabelos cortados da cabeleira do Delfim, no Templo, pela Rainha Maria Antonieta, são os mesmos que os cortados em Naundorff, morto em Delft (Holanda) em 1845. Eles apresentam uma característica muito rara: um canal medular descentrado de maneira muito nítida.»

Foi fazendo fé neste relatório do célebre criminologista, cuja ciência faz fé no mundo inteiro, que André Castetot, de «La Gerbe», pôde afirmar: — O Delfim não morreu, portanto, no Templo!

Uma outra criança foi posta no seu lugar, e o relógio prussiano que apareceu na França, após o Império, afim de declarar públicamente ser ele o filho de Luiz XVI, não era um impostor.

A admitir-se a autenticidade, ao parecer confirmada, dos cabelos examinados pelo professor Locard, um dos maiores, um dos mais apaixonantes enigmas da História encontra-se, pois, elucidado.

O herdeiro directo de Luiz XVI, actual pretendente à coroa de França, seria, assim, o príncipe Henrique de Bourbon, nascido em 1899, e residente, na actualidade, em Casablanca. Ele foi autorizado a usar esse seu título, a princípio por um voto do Parlamento Neerlandês, depois por uma decisão do tribunal do Sena, em 1913.

De há muito que sabíamos tratar Bourbon e Meneses, nas «Memórias» que está a escrever, da origem do seu apelido em Portugal. O escritor ilustre e modesto, de ressaltante estilo e escolhida prosa, cuja secção «Pedras Soltas é motivo de orgulho para o nosso colega «Diário de Notícias», exerce, também, as funções de Secretário Geral do Arquivo de Identificação Pessoal. Por esse motivo, não pode ele aceder directamente ao nosso pedido, tendo-o feito, porém, através de pessoa da sua particular amizade. É dela que recebemos os apontamentos genealógicos confirmativos de precedentes trabalhos e curiosas polémicas.

Integralmente e com a maior exactidão se publicam, buscando nós eximir-nos, assim, à maior responsabilidade de involuntária omissão ou salto e conjugação genealógica e cronológica subsequente.

## Origem do apelido Bourbon em Portugal

DIVERSAS famílias usam, em Portugal, o apelido Bourbon. São todas aparentadas, pois é única, segundo os linhagistas, a origem desse apelido no nosso país. Sanches de Baena, na sua obra sobre as famílias titulares de Portugal, explica-a, em nota, quando traça a genealogia dos condes dos Arcos de Valdevez, correntemente designados — portugueses, filho maior do visconde Villa Nova da Cerveira. Em atenção a esse casamento concedeu Felipe III, de Espanha, pela carta de 8 de Fevereiro de 1619, (registada na chancelaria desse rei e arquivada na Torre do Tombo) o título de conde dos Arcos de Valdevez, em três vidas. Desse matrimónio procedem, segundo o citado Sanches de Baena, além da casa dos Arcos, os marqueses de Angeja e de Marialva, os condes da Valadarez, etc.

Quem, então, era D. Vitória de Cardaillac e Bourbon? Era dama da rainha D. Isabel, mulher de Felipe III de Espanha, filha do barão de la Chapelle-Marival e de sua esposa, a duquesa de Bourbon. Por sua vez filha de Henrique de Bourbon, visconde de Lavedan e barão de Malause, descendente do mais antigo ramo da casa duquel dos Bourbons, aparentada com os Capetos e que no decurso dos séculos se subdividiu em vários ramos, de que saíram soberanos reinantes em alguns países, entre os quais Espanha.

Felipe III de Espanha (2.º de Portugal) veio a Lisboa em 1619 com a intenção de fazer jurar seu filho, que veio a ser Felipe IV, em Cortes, herdeiro da coroa de Portugal. Tendo partido de Madrid a 22 de Abril de 1619, entrou em Lisboa a 29 de Junho e aqui se demorou três meses, pois a 29 de Setembro desse ano regressou-se da capital portuguesa, de regresso a Madrid.

Foi por ocasião dessa viagem régia que se conheceram D. Vitória de Cardaillac e Bourbon, dama da rainha D. Isabel, e D. Luis de Lima Brito Nogueira? No artigo da «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», D. Luis de Lima era gentil-homem da corte de Felipe II...

Seja como for: o que é certo é o apelido de Bourbon, em Portugal, proceder desse matrimónio do 1.º conde dos Arcos com D. Vitória Cardaillac e Bourbon.

Foi o 7.º conde desse título, — D. Manuel José de Noronha e Meneses, filho segundo dos 4.ºs Marqueses de Marialva e 6.ºs condes de Cantanhede, que num «brinco de toiros», no sítio da Murteira, perto de Salvaterra de Magos, morreu tragicamente em 1799, episódio que a Rebelião de Silva aspirou a usarativa muito conhecida; que Bourbon e Meneses, por sinal rectifico historicamente nas suas «Pedras Soltas», demonstrando que o episódio ocorreu já no reinado de D. Maria I, cuja aclamação se deu em 13 de Maio de 1777.

El-Rei D. José faleceu em 24 de Fevereiro de 1777 e, segundo Latino Coelho, o conde dos Arcos assistiu, na tribuna da nobreza, à aclamação de D. Maria I.

A crónica de Bourbon e Meneses saíu no «Diário de Notícias» de 24 de Abril de 1929, sob o título «A última corrida de touros em Salvaterra», e foi dos primeiros ali saídos.

Dissemos que várias famílias usam, em Portugal, o apelido Bourbon e que todas elas — dada a origem única do apelido — são aparentadas. Usa-o, por exemplo, o sr. conde Azevedo, actualmente em África, que foi ministro da efêmera monarquia do norte, e cujo nome é: Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon; usa-o o actual visconde de Ameal — literariamente conhecido por João Ameal — e cujo nome completo é João Francisco de Sande de Barbosa de Azevedo Bourbon Aires de Campos, cuja mãe D. Maria Benedita de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon, «descendente da mais velha nobreza portuguesa» — vide «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», vol II, (p. 312) — e o escritor e jornalista Bourbon e Meneses, que, politicamente, marcou desde há mais de 30 anos, uma posição francamente, nitidamente radical na democracia portuguesa,

como republicano-socialista, a despeito da categoria representativa que lhe cabe, à face dos nobiliários, como representante dos Falcões, de Braga, e da casa solar de Azevedo, cuja posse só por virtude da legislação liberal pôde vir às mãos, por linha feminina, do primo consanguíneo de Bourbon e Meneses e actual conde de Azevedo, o que — diga-se de passagem — a alienou, sendo hoje propriedade, ao que parece, de um médico português.

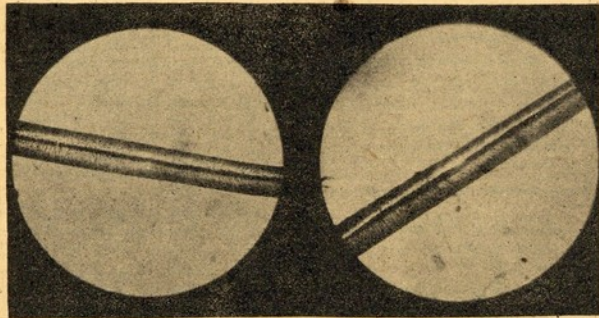
O nome completo de Bourbon e Meneses é: Afonso Augusto Falcão Cota de Bourbon e Meneses (Azevedo). Nasceu em Lisboa, em 1890, filho legítimo de Gaspar Falcão Cota de Bourbon e Meneses, 5.º filho do último senhor da casa dos Falcões, de Braga, Estêvão Silvério Falcão Cota de Bourbon e Meneses, que foi casado com D. Maria do Livramento Pinheiro Pereira de Sá Velho de Barbosa da Fonseca Sousa Castro, filha do que veio a ser 1.º visconde e 1.º conde de Azevedo, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barbosa Pinheiro Pereira de Sá Coelho, estudioso letrado, tradutor do «Quixote», prefaciador da «Divindade de Jesus», de Camilo, e um dos fundadores do jornal católico do Porto, «Falaivas», jornal este onde, em data que não nos é agora possível fixar, seu sobrinho José de Azevedo e Meneses, «o fidalgo do Vinhal» e promotor do museu camiliano de S. Miguel de Seide, publicou um folheto acerca da origem do apelido Bourbon no nosso país. Este «folheto do Vinhal», que morreu há anos, com avançada idade, era tão direito de Bourbon e Meneses, como filho de uma das irmãs de Gaspar Falcão, pai do escritor e jornalista bem conhecido.

Num opúsculo de polémica genealógica publicado em 1927 e impresso na Tipografia Progresso do Porto, da autoria de Ernesto Velho, refutando asserções do actual conde de Azevedo estampadas no prefácio do livro «Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao 1.º Conde de Azevedo», faz-se referência expressa a Bourbon e Meneses (pág. 32), ali apontado de «chefe de linhagem» e à carta de protesto que Gaspar Falcão dirigiu, em 1905, a José Luciano de Castro, presidente do conselho de Ministros, quando este estadista fez conceder o título de conde de Azevedo ao seu actual titular, com a alegação de que a posse do solar — tornada possível pela liberdade de estar implantada pelo regime liberal — não anulava os direitos históricos de representação da casa, que presentemente recaem em Bourbon e Meneses, assim como de outras. Estêvão Falcão Cota de Bourbon e Meneses, último morgado dos Falcões, de Braga, — em cujo palácio dos mais belos do país, está desde há muito o Governo Civil — teve nove filhos. O filho varão, mais velho, foi Manuel Falcão, que morreu solteiro e o 4.º filho do matrimónio foi Francisco Falcão, que faleceu sem descendência e está sepultado ao lado de sua mulher, em um modesto cemitério de Bucelas. O 5.º filho chamou-se, como dissemos, Gaspar Falcão e foi o pai de Bourbon e Meneses, 3.º filho varão e o único que deixou descendência.

O 1.º conde de Azevedo — título, aliás, de fresca data, pois foi outorgado por D. Maria II — a despeito do seu ostentatório tradicionalismo legitimista, não só veio a colaborar eleitoralmente no regime liberal como, aproveitando os princípios instaurados na sua legislação, deixou os seus bens a duas sobrinhas, uma das quais foi D. Maria Cândida Falcão de Azevedo, casada com Francisco Barbosa do Couto, Conde de Sotomaior e tia direita de Bourbon e Meneses.

Como representante da casa dos Falcões, de Braga, e da velha casa solar de Azevedo, poderia Bourbon e Meneses usar no seu brasão a águia negra dos Azevedos, a cota de prata dos Cotas — com a legenda, que disse-lhe danunziana: *Sine sanguine non est victoria*, os símbolos heráldicos dos Falcões e, finalmente, as flôres de liz dos Bourbons.

Não usa, porém, nenhum brasão. E, sorrindo de preocupações aristocráticas, registou o seu filho, simplesmente, como — Gilberto de Meneses — nome curto, eufónico, e modo que, entretanto, de algum modo, recorda o tronco originário provindo do barão de la Chapelle-Marival, Gilberto de Cardaillac e Bourbon, pai de D. Vitória de Cardaillac e Bourbon, primeira condessa dos Arcos...



O professor Locard descobriu a semelhança entre os cabelos do Delfim — o detalhe da esquerda — e os de Naundorff



O príncipe Henrique de Bourbon e o escritor Bourbon e Meneses



## Educar o amor...

**E**a imaginação a mestra da vida. É ela que nos permite viver. Viver para além do imediato e rude ambiente animal. Viver, lutar, esperar e amar. Amar, sobretudo, porque o amor não poderia sequer ter surgido na terra sem que, desde logo, nos fôsse dado imaginá-lo, quero dizer, revesti-lo de incontáveis prestígios, e transpor e erguer a um nível de altos cimos as monótonas servidões do instinto. Se a imaginação falha não há amor que perdure, mais ainda, que chegue a nascer. Refiro-me ao amor que sonha e adora, que vem do corpo, do coração e do espírito, ao grande amor humano, e não apenas ao desejo efêmero, ao amor na sua complexa, intensa e vasta expressão. Esse é que não existe quando não existe imaginação que o sustente. *«Se connaître soi-même, quelle sottise... Il faut s'imaginer»*. O romance admirável de Charles Morgan, *Sparkenbroke*, é uma ilustração e uma interpretação profunda de tão constante e aguda realidade. *«Por mais físico que seja o resultado do amor»*, escreveu Edmond Jahoux a propósito de «Edgar Poe e as Mulheres», *«não fica fora da nossa consciência e da nossa sensibilidade como a digestão e a circulação do sangue; ora são aquelas que regulam a sua marcha e preparam o seu objetivo e as suas transformações»*. Exacto, exactíssimo. O amor ou é uma força espiritual, irradiante de beleza, ou não é nada...

Quem não saberá que, no nosso tempo, a psicose da guerra e as inúmeras e cruéis perturbações pela guerra provocadas e causadas, têm conduzido o amor a formas inferiores de emoção, a quase completa ausência de ternura, de delicadeza, de carinho, de afectuosa envolvimento, de carinho eficiente? Brutal e grosseiro nas palavras, nas atitudes, nos gestos, nas aspirações e nos anelos, como talvez nenhuma outra afirmação da vida de hoje, éle arrasta para a sua miséria, para o seu negrume e opróbrio moral outras e úteis realidades do nosso universo cotidiano. Não haverá maneira de educar um pouco o amor, de ensinar um pouco, a mulheres e a homens, a jovens e a velhos, um amor diferente desse que se mostra esquecido de todas as normas da cortezia, do altruísmo, da dedicação, da bondade e até da pura humanidade atuante e vigilante?

*«Bem sentir»*, recorda o filósofo, *«é virtude maior de que bem-estar»*. Não devem desdenhar-se os luminosos sonhos *«que em nós desperta a eclosão duma civilização nova»*, da civilização de amanhã. E um desses ansiosos sonhos será, decerto, é já, sem dúvida, aquêle em que se incluir a sublimação e o conhecimento do amor, no intuito de torná-lo, pelo seu exemplo de mútuo acôrdo ou entendimento, um agente de elevada cultura da inteligência e do coração, que inspire, guie e alegre o caminho das gerações moças.

Educar o amor, que disparate, não acham? Mas, em suma, é o que fazem os poetas, com o seu lirismo de entusiasmo, de candura e de fé. João de Deus, Garrett, Verlaine, Antero — e não falo de Camões! — e tantos, tantos mais, responderam-me lá se não os devemos considerar pioneiros e arautos de novas e superiores modalidades de amor? Constroem e espalham só quimeras, ilusões, doces mentiras — tudo trabalho e obra de imaginação? Seja! Nós não ignoramos, porém, que a ilusão, a mentira em que firmemente se acredita é já uma verdade que alvorece — e às vezes tão dominadora que muda a face do mundo...

JOÃO DE BARROS

## FALA-SE ESTA SEMANA

ARMANDO FERREIRA

### “Perder a linha”



*Quando se diz «mais um livro de Armando Ferreira» — toda a gente sabe que tem diante de si umas horas de leitura amena, qualquer coisa que*

*faz bem e nos faz rir e esquecer as desgraças deste vale de lágrimas. Este último trabalho do autor de êxitos que se contam pelo número de obras, intitula-se «Coisas da Maria Rita» — um título sugestivo e saboroso, porque não falta à sua confecção nenhum daqueles condimentos que só Armando Ferreira sabe aplicar — mesmo com as dificuldades do racionamento...*

MAURICIO DE OLIVEIRA



*«A bordo do navio-chefe» — eis o título sugestivo do último livro de Mauricio de Oliveira. Perpassa neste novo trabalho do ilustre jornalista,*

*tão estreitamente ligado a assuntos do mar, um poder evocador de figuras e de factos que a emoção e um estilo brilhante largamente enobrecem. «A bordo do navio-chefe» ficará como excelente documento das nossas lides marítimas nos tempos correntes, a tocar na epopeia pelo dramatismo da acção e serenidade perseverante dos homens.*

**I**S homens definem-se pelas acções e também pelas palavras. E estas, quando são escritas, revestem-se muito mais de gravidade e de expressão, chamando sobre quem as escreve uma atenção muito mais perdurável. Aqueles que encontramos a gritar na rua o seu desespero e as suas razões, num vocabulário banido do uso, no convívio corrente dos homens — depressa os esquecemos. Sabemos que nem todos podem ser pessoas educadas, de modo que temos de nos curvar perante a realidade amarga das circunstâncias. Acabou-se, tem de ser assim mesmo, enquanto, pelo menos, não puder ser de outra forma.

Mas, quando os homens se esquecem da sua função de pessoas educadas e descem às polémicas em tom de inverosímil desprezo pelas boas palavras — é que lhes perderam o respeito e a si próprios se desrespeitaram. De há um ano, talvez, a esta parte, algumas polémicas se travaram nos jornais.

O público, curioso, saboreou, assim, o espectáculo que os intelectuais lhes ofereceram, apenas por cinco tostões, que é o preço dos jornais. Mas, diante desse espectáculo, pergunta-se o público que leu: teriam essas polémicas servido de enobrecimento a quem as manteve? Quasi sempre, os polemistas deixaram as boas regras da polémica, entre pessoas de bom gosto na selecção de palavras — e caíram em banalidades de ditos de chafarica ou soalheiro de mulherio que estende a roupa, antes de a ter lavado...

Que é, então, do bom espírito português, desse que manteve duelos de palavras nas colunas dos jornais, sem que deixasse de imperar a delicadeza, a esgrimir em lugar de chicotear?

Bem poucos se terão salvo, com efeito, das armadilhas que o ímpeto, a falta de ponderação e o nervosismo lhes tinham ditado. E bem poucos, no final da peleja, poderão ter embaelhado a lâmina do florete para dizer em consciência:

— Não perdi a linha! Sou digno do dom de palavra que a Natureza me deu!

Sem dúvida, como espectáculo e gáudio do popularuncho, do «pagode» e do mais que hoje está a fazer escola, a atitude serena da discussão pura e simples dos temas não deve constituir elemento de encorajamento para os polemistas. Mas, a verdade é que aqueles que se intitulam ou são intitulados intelectuais — e alguns com sobejos motivos de o serem — devem dar um exemplo fundamental: que as suas atitudes correspondam à altura do conceito em que são tidos, para que não se perca um restozinho de prestígio indispensável à montagem da máquina social e que distingue as pessoas educadas, daquelas que o não são ou não querem parecer.

Ao homem foi concedido o dom da palavra, para dela se servir à vontade. Mas vieram o raciocínio, a inteligência e a razão fazer selecção de valores — e, então, algumas expressões, por constituírem reflexo de atitudes interiores desaconselháveis, foram banidas, para purificação das atitudes públicas...

Por que se esquecem os polemistas de que devem fazer essa selecção de palavras, para que não percam a linha?

## ATENÇÃO AOS PEQUENINOS!

O Dispensário dos Pequenos de Benfca comemorou o seu 3.º aniversário — uma instituição particular que vive apenas do que um grupo de senhoras e meninas consegue angariar naquele bairro populoso onde a fartura e a pobreza se dão mãos. As crianças pobres podem, assim, contar com assistência médica e, em muitos casos, com alimentação, enquanto as mães trabalham. Sete mil crianças foram já protegidas pelo Dispensário dos Pequenos de Benfca — seis das quais foram este ano premiadas com dinheiro e enxovais, pela sua robustez. O dr. Azevedo Gomes (filho), ao lado de outros médicos, presta assistência médica, e nós, diante deste caso curioso, perguntamos: quando frutificará o exemplo da gente de Benfca, quando será que em todos os bairros e freguesias se multiplicam os organismos de assistência, como este Dispensário dos Pequenos de Benfca?





# — A EUROPA NÃO ESTÁ EM CRISE!

Diz o  
Dr. Fidelino  
de  
Figueiredo



O diálogo é rápido, como as características da revista determinam. De modo que não podemos comunicar-lhe todo o cunho nobre que o entrevistado lhe imprimiu, logo de princípio, quando o jornalista perguntou ao dr. Fidelino de Figueiredo:

— Na cadeira de filosofia e letras que acaba de abandonar temporariamente no Rio de Janeiro encontrou motivos que o levem a sentir-se animado a prosseguir?

— Indiscutivelmente. Encontrei, a partir de um certo tempo, uma compreensão, uma afabilidade da parte da mocidade brasileira que me leva a considerar o curso que regi, do mais alto interesse para o bom conhecimento da nossa cultura na jovem república sul-americana.

— Mas disse, a partir de um certo tempo?...

— Sim. Ao princípio, confesso, houve como que uma nebulosidade, uma inadaptação de parte a parte. Compreende: nós somos europeus, cem por cento, e os brasileiros são cem por cento americanos. Esta realidade não foi ainda desvendada nas suas amplas expressões, por quantos não conhecem o Brasil directamente...

— Acha, então...

— Que nas repúblicas americanas a União Pan-Americana está a levar a uma mentalidade em que os Estados Unidos da América do Norte são os «leaders» e a que não pode deixar de corresponder o Brasil com a pujança da sua mocidade, a ânsia da sua cultura e as possibilidades da sua terra.

— E a Europa?

— Não descreio da capacidade criadora do nosso continente. A cultura americana faz-se ainda à base da experiência europeia, canalizada pela Inglaterra para os Estados Unidos.

— Mas esta guerra não o desilude?

— Não. Pelo contrário, demonstra-me a extraordinária capacidade do povo e da terra. Daquela, porque concebe o material de guerra, desta, porque fornece. Veja que extraordinário exemplo de combatividade e que capacidade de sofrimento nos oferecem os povos subjugados e em luta; veja que capacidade produtiva representam por exemplo, a Alemanha e a Rússia que arrancam ao solo europeu a mais formidável máquina de guerra... Pode considerar-se cansado um continente que nos fornece tão formidáveis exemplos de vitalidade? A Europa permanecerá na sua função de mentora do mundo e a prova, aí a tem na própria guerra que, sendo europeia, arrastou todos os outros continentes, dependências deste bérzoi de civilizações...

— Os países americanos não poderão, portanto, dispensar a contribuição cultural da Europa?

— Pelo menos, por enquanto... Mesmo porque a Europa não está em transe, para que as Américas esperem receber a sua herança...

— E Portugal, na sua função do povo europeu?

— Não deve aparecer aonde não for chamado. E quando tiver de comparecer, viva presentes, em lugar da poalha do histórico. V. sabe que os países sul-americanos estão a construir a sua futura história. Falar-lhes na dos outros, é ferir-lhes no seu patriotismo latente, no seu amor-próprio de povos recém-constituídos.

— Quais, concretizando, os processos da nossa representação?

— Apresentando-lhes uma literatura de valor humano. Porque razão triunfou na América do Sul a cultura francesa? Não foi precisamente pelo seu espírito universal?

— Mas a língua...

— A dêles é a nossa. Portanto, nem sequer temos essa atenuante. Dizem que a nossa língua é confidencial. Mas a dinamiques não o será mais? E, não obstante quantas fontes de interesse ela não nos oferece, através dos seus pensadores!

— E de que aspectos deveria revestir-se a nossa literatura a divulgar na América do Sul?

— Principalmente a de carácter histórico-científico. O americano tem uma insatiável curiosidade e uma capacidade de absorção formidável. Mas só se interessa pelos casos de valor universal, como é lógico que acontece, deixando de parte tudo o que se refira a côr local e hermetismos nacionalistas. Tudo o que projecte o homem no Universo, sim, isso é que lhe interessa.

— Disse há pouco, que só devemos ir onde formos chamados...

— E é verdade. É preciso acabar com esse preconceito de mentores. Em geral, os que aparecem por lá têm mais que aprender do que ensinar. O Brasil é um país emancipado que sabe muito bem requisitar o material técnico, mesmo que esse material seja humano, sempre que sinta essa necessidade.

— Mas a conservação da língua comum...

— Nada nos leva a crer que seja necessária uma tutela. O português no Brasil foi transmitido por um povo pujante, a partir do século XVI. As diferenças de pronúncias, as quebras de correspondência psicológica não chegam a ser fundamentais. E de tôdas as línguas transmitidas aos povos americanos pela Europa, o português é que conserva maior pureza e características, incluindo as do arcaísmo. De resto, em muitos casos, o que perdeu da terra-mater, recuperou-o da terra adoptiva.

— Gré, então, na sua imperdurabilidade?

— Bem vê, o problema é novo na história da civilização. Nem sequer pode comparar-se à herança romana... Roma legou-nos uma língua morta, porque a nação era um cadáver putrefacto — o que não se dá com Portugal, com a Espanha com a França e com a Inglaterra, os quatro países que transmitiram a sua língua aos povos americanos...

A conversa mantém-se. Fala-se de novo do Brasil e o jornalista pergunta pelo destino de um curso de História da Civilização Portuguesa, regido pelo Dr. Jaime Cortesão. E o dr. Fidelino Figueiredo, há pouco chegado do Brasil lamenta:

— Durou só um ano, enquanto estive no Rio, e com o apoio entusiástico de

# NOTAS RÁPIDAS



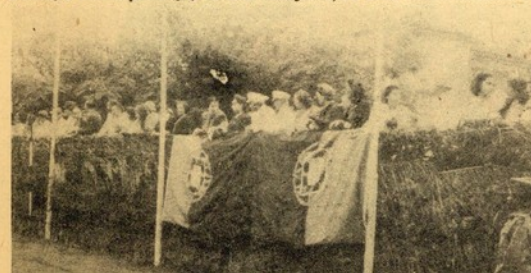
Seguiu para Londres, onde vai trabalhar nos Serviços de Imprensa do Quartel General de Invasão da Europa, o jornalista inglês Meryn Herbert, que foi adjunto do adido de Imprensa à embaixada britânica e antigo redactor do «News Chronicle». Em sua homenagem, foi-lhe oferecido um banquete no Clube Inglês, a que assistiram amigos e camaradas do ilustre jornalista.



O Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros comemorou mais um aniversário — o 10.º — numa festa simpática a que o sr. Presidente da República quis emprestar a sua presença. Na foto, vemos o sr. sub-secretário das Corporações pronunciando o seu expressivo discurso.



A exposição de Arte Alemã, constituída pelo melhor recheio de dez museus alemães, deu-nos alguns momentos do fidalgo convívio de uma arte superior, em aquarela, desenho e gravura. O certame, organizado nos salões da S. N. B. A., foi realizado pelo Instituto de Cultura Alemã, e teve a presença, no acto inaugural, de altas individualidades.



Bissau — na Guiné Portuguesa — esteve em festa, para comemorar, em 19 de Dezembro findo, o 2.º aniversário da capital da colónia. O governador Vaz Monteiro assistiu, na Avenida da República, ao desfile militar, o mais notável dos últimos tempos, pois incluía importante e moderno material de guerra. Seguidamente, o sr. governador Vaz Monteiro inaugurou a fonte Maria do Carmo do Perpetuo Socorro Vieira Machado.



# CINEMA

## PREPARAÇÃO E REALIZAÇÃO

Um filme é a resultante de determinadas forças. O valor da resultante depende, directamente, da qualidade, do sentido, da orientação dessas mesmas forças. Todas o influenciam na sua forma plástica ou no seu aspecto industrial. E, assim, uma produção será melhor ou pior, sob o ponto de vista técnico; mais cara ou mais barata, como produto acabado — com os sistemas das forças que a tornaram possível.

A primeira fase da feitura dum filme situa-se no período que vai desde a resolução de o produzir até o momento da primeira volta da manivela. Porque desde que os técnicos não sejam incompetentes — e a escolha dos mesmos efectivar-se-á no período anterior às filmagens — o filme será aquilo que for no papel...

Esse lapso de tempo, habitualmente designado por «Preparação», abrange, entre nós, a escolha do assunto, o «tratamento» do mesmo (adaptação cinematográfica), a planificação, o orçamento, a fixação dos interesses, da equipa técnica, o guarda-roupa, adereços, etc. E dizemos entre nós, porque, normalmente, lá fora, não acontece assim. A «Preparação» diz respeito, em regra, ao período que medeia entre a apresentação da planificação, pronta a filmar, e a primeira volta da manivela.

Não nos propomos dissertar sobre tema tão vasto, para espaço tão pequeno. Queremos, no entanto, frizar que a tarefa primordial para a produção de um filme, passando sobre a escolha do argumento, está na sequência cinematográfica e na «planificação» — duas fases que o influenciam decisivamente. Um filme, dissemos atrás, será aquilo que for no papel. Isto é: em face da planificação, poderemos «ver» a película desfilando na tela e, se não houver que entrar em linha de conta com a imperícia dos técnicos e artistas que intervêm nas filmagens, faremos uma ideia muito aproximada do que será pôsto em imagens. Se conhecermos as possibilidades artísticas e profissionais dos elementos que o vão pôr de pé — e se nos reportarmos às verbas atribuídas no orçamento, teremos uma visão nítida da categoria, do valor, do interesse do espectáculo.

Normalmente, entre nós, não se liga a devida importância à preparação dum filme. Atamancada a história, sem curar de aperfeiçoar a sequência e de estudar a fundo a planificação, começam-se as filmagens de qualquer maneira. Só depois, no «plateau», dá pela falta de adereços ou acessórios, e se verifica que o cenário que deveria ser montado em dois dias exigiu uma semana de trabalho. Calculado o estúdio para dois meses de filmagens, conclui-se que foram necessários três, para acabar a fita. E os trinta dias de excesso reflectem-se no trabalho da equipa — e, consequentemente, noutras verbas do orçamento.

Isto, no campo industrial. Porque, no aspecto cinematográfico, o drama não é menor à medida que se vai fazendo a montagem, nota-se a falta de «planos de ligação», os erros de «records», e constata-se que a história não se compreende lá muito bem». Tudo isto, afinal, porque se não ligou a importância devida à sequência e à planificação. Uma revisão cuidada, feita por pessoa competente, teria notado, a tempo, as falhas e as imperfeições. Se é verdade que com uma boa adaptação e uma planificação acertada se pode fazer um mau filme, não é menos verdade também que nunca se poderá fazer um bom filme, com uma adaptação defeituosa e uma planificação deficiente.

Há pessoas que entendem não dever ligar importância àquilo que consideram um travão para a sua inspiração artística. Mas nós sabemos quanto custam, em dinheiro e maus resultados, as improvisações feitas no «plateau»...

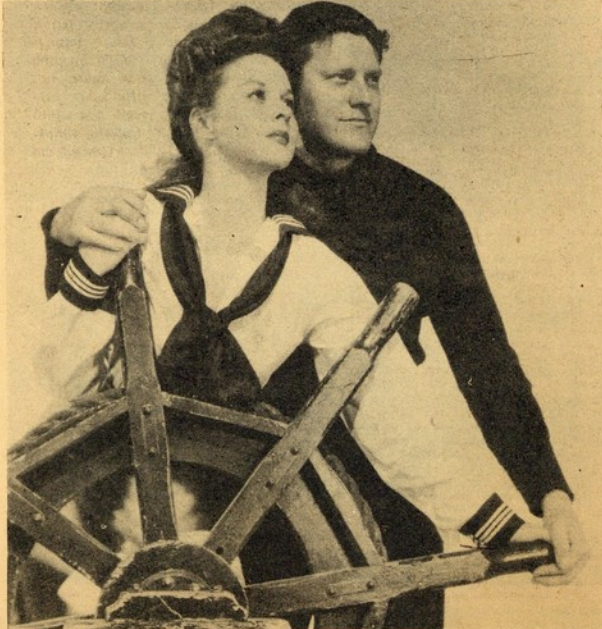
Há que iniciar a campanha da «preparação!» E se ela é legítima nos países cinematográficamente mais adiantados, impõe-se, entre nós, como uma necessidade premente e na razão directa da «ma preparação» dos produtores ou realizadores nacionais...

FERNANDO FRAGOSO

## Um filme sobre a vida de JACK LONDON

HOLLYWOOD está a realizar um filme sobre a vida de Jack London, o famoso escritor americano que foi, simultaneamente, um dos primeiros e dos mais intrépidos correspondentes de guerra. Em 1904, durante a guerra entre o Japão e a Rússia, Jack London, num pequeno escalet, e contrariando as ordens das autoridades nipónicas, assistiu à batalha travada no rio Yalu, que ficou como um dos episódios mais cruentos de todos os tempos.

A gravura mostra-nos o gald Michael O'Shea, no papel de Jack London, ao lado da lindíssima Susan Hayward, que contracena com ele — numa imagem do novo filme.



# Oscar de Lemos

## DESMENTE A LENDA DOS ARTISTAS PORTUGUESES FAMINTOS E ERRANDO, SEM RECURSOS, NAS RUAS DE ESPANHA...



Oscar de Lemos chegou há dias de Barcelona, onde esteve a filmar a versão portuguesa de «Madalena, zero em comportamentos», ao lado de Leonor Maia e de Virgílio Teixeira. Mal lhe deram tempo de descansar, porque o esperava a «Menina da Rádio», onde vai interpretar um papel tailhado para ele, ou seja o do fiel namorado da Maria Eugénia, o «Oscar», filho da D. Rosa (Maria Matos), e cujo talento musical a progenitora contraria, em obediência ao horror que a música lhe inspira.

Dos estúdios de Orpheu para os do Lumina, num salto de centenas de quilómetros, Oscar de Lemos mal teve tempo de respirar — mas está contente e feliz:

— Quando me senti, de novo, em Portugal, não calculam a minha alegria. A Espanha é, certamente, um país encantador e todos foram gentilíssimos comigo. Mas não há nada que chegue à nossa terra — e eu, nestas coisas, sou terrivelmente sentimental! Por vezes, acordava com umas saudades desta Lisboa — e ficava mais triste do que um crisântemo em dia de finados. Corria, então, ao telefone, a matar saudades — e criava alento para o resto do dia.

Os leitores, que conhecem o Oscar de Lemos, irradiante de alegria, desculpado e «bon-vivante», estranharão possivelmente o tom destas palavras. Mas a nostalgia, o «spleen» — são doenças do exílio, mesmo quando esse exílio é voluntário...

Interrogamo-lo sobre os boatos que correram, quanto às dificuldades havidas, em terras de Espanha. Nos tradicionais centros da má-língua cinematográfica, afirmou-se que, votados ao abandono pela empresa contratante, os artistas portugueses lutaram com dificuldades, de que alguns competileiros os haviam tirado, com generosos empréstimos.

Oscar de Lemos, com visível indignação, esclarece:

— É a mais venenosa mentira que tenho ouvido até hoje. Nunca tivemos a menor dificuldade! Fora-nos atribuído, aliás, para gastos de estadia, um subsídio de 200 pesetas diárias. Quem alguma vez haja estado em Espanha sabe o que isto quer dizer. De resto, estivemos hospedados, por conta dos produtores, em melhores hotéis de Madrid e Barcelona. Os boatos foram de tal ordem, que o capitulista português, o sr. João Vilhena, apareceu-nos, alarmado, para dar providências imediatas, se preciso fôsse: «Então? O que há?» — perguntou-nos ansioso! «O que há?» — voltamos nós tranquilamente: — «Nada!».

«De resto, haviam-lhe dito que a versão portuguesa não tinha sido cuidada e que o realizador se preocupava

mais com a versão espanhola. Quando nos deu parte de tais recueis, limitámo-nos a dizer: «Assista à projecção do que já filmámos!». E toda a maravilhosa cabala urdida em torno dos pobres artistas famintos, a esmolar pelas ruas de Madrid — se desfez, deste modo, da maneira mais convincente.

E Oscar de Lemos precisa:

— Se algumas dificuldades tivemos, e essas prontamente remedadas, foi com a assistência técnica da versão portuguesa, e nomeadamente, no capítulo de diálogos, em que os espanhóis não estavam à vontade. Mas que todas as dificuldades com que os artistas no futuro hajam que lutar, sejam essas! Resumindo: Recebemos integralmente os nossos honorários — e não tivemos preocupações económicas. O resto — é paisagem! Para não dizer outra coisa evidentemente...

— Tenciono voltar!

— Tão cedo, não! De resto, a «Menina da Rádio» absorve-me por dois meses. E depois, ainda que pareça piegas, tenho muito amor às nossas ruas e à nossa gente!

Fala-se do cinema, do regime de trabalho nos estúdios. Oscar precisa:

— É uma lenda supor-se que, passadas as fronteiras, tudo é perfeito dentro dos estúdios. Lá como cá, embora em maior ou menor percentagem, há organização e desorganização, calma e histerismo, competência e incompetência. Por mim, não tenho razões de queixa. Certos aspectos profissionais chegaram a uma perfeição que nos assombra! O que diz respeito a cenários, por exemplo. Há técnicos competentíssimos, beneficiando de uma larga e constante experiência. Dum modo geral, o cinema é uma indústria séria — e trabalha-se muito — e bem.

— Viu o filme da Milú!

— Estava em exibição no «Capitol», quando do meu regresso a Madrid. Mas não pude vê-lo.

— Qual era o grande êxito cinematográfico da actualidade?

— «Adeus, Mr. Chips», exibido em Portugal, há anos. A propósito, deixei-me dizer-lhe o seguinte:

— Numa tarde de chuva, não tinha que fazer e chorei num cinema. Estava-se «Tom Edison, o pequeno génio», com Mickey Rooney. Começou o filme — e fugi evaporado. «Dobrados em espanhol! V. não calcula o que era o Mickey, com uma voz afeminada, a dizer: «Homem! Como está usted?».

— É então contra a «dobragem»?

— Absolutamente! Considero-a uma monstruosidade!

— Trouxe novas canções, para as próximas «Horas de Variedades»?

— Duns do repertório do Conchita Piquer! «Figure-se usted!».

— E agora?! Vai comprar um prédio, claro...

Oscar de Lemos parece assombrado. E explicamos-lhe:

— Dois contratos, a seguir. Um em Espanha, outro em Portugal! V. deve estar milionário!

— Qual história?! Isto aqui na Península não é Hollywood. E talvez V. não acredite: mas ganhei mais dinheiro a cantar o «Fado do João Bactão», trabalhando com «atrações» nos cinemas que exibiam o filme, do que todo aquilo que os produtores me aram, para o interpretar...

## «COBARDIAS»

Será o novo filme de Brum do Canto?

ENQUANTO Jorge Brum do Canto continua a pescar, César de Sá prepara o seu novo filme. Ao que se diz, nos círculos geralmente bem informados, trata-se da versão cinematográfica da peça espanhola «Cobardias», e Barrêto Poeira — já contratado para interpretar o «Marquês de Pombal», no novo filme de Lopes Ribeiro — será o protagonista.

Segundo parece, Brum do Canto dirigirá esta nova produção de César de Sá.



# Está em Lisboa um locutor português da Rádio de Berlim

**D**EPOIS do Pessa, é José Fernandes, o melhor, Zeca Fernandes, o locutor português que mais tem brilhado no estrangeiro. «Vida Mundial Ilustrada» descobriu-o ontem, em sua casa. Zeca Fernandes não queria conceder entrevistas. Que não, que não, escusava-se brandamente, pois que chegara há pouco a Portugal e... para repousar. Que o deixassem em paz, que o repórter voltasse para o ano, ou daqui a dez ou cem anos, ou quando quisesse, mas que o permitisse saborear, tranqüilo, esta vida pacata de Lisboa, onde o céu é azul, muito azul, mas limpinho de aviões, de quadrimotores possantes, que roncam, e — pior do que isso! — despejam bombas que arrazam quartelões umas atrás das outras, as quais, diga-se de passagem, não se parecem lá muito com bombas...

O repórter insiste. E tanto insiste que José Fernandes acaba por aceder, mas com uma condição impossível: — Não se faça de política nem de guerra, valeu? — Valeu! — apoia o repórter sem convicção.

## DE MÉDICO A LOCUTOR

Naquele tempo, Berlim era uma cidade linda, com as casas todas em pé. Para jogarem o berlinde, os garotos tinham de fazer, à escapa, três covinhas muito à pressa, não fôsse o polícia aparecer e ralhar por andarem a escavar os passeios. Hoje, segundo parece, os buracos são tantos e tão grandes que, se os garotos quisessem, até podiam jogar ao berlinde com barricadas ou tonéis sem nunca errarem na cova. Mas isto não interessa. O que interessa é que, nesse tempo, José Fernandes ainda não sonhava ser locutor. Pelo contrário. Estudava noite e dia para concluir o seu curso de medicina. E concluiu o mesmo. Mas um dia — isto em 1935 — a Rádio atraiu-o de tal forma que entrou para a Emissora de Berlim como locutor das emissões em português para o Brasil.

É José Fernandes quem fala: — Como sabe, quando se inicia uma nova emissão, pede-se aos escutas de todo o mundo para que dêm informações como a mesma é captada. Pois foram os escutas portugueses que deram maior número de informações. Aliás, num concurso mundial de escutas realizado há anos na Alemanha, foram os escutas portugueses que ganharam.

Em 1936, por altura das Olimpí-

das, José Fernandes foi agraciado com a medalha olímpica, oferecida por Hitler, premiando, assim, as suas reportagens radiofónicas sobre esta competição. De todos os locutores, apenas ele e um japonês tiveram esta distinção.

Um pormenor curioso: Pessa e José Fernandes são muito amigos, se bem que se combatam ideologicamente. Tanto um como outro escutam as emissões do amigo mas adversário, para, naturalmente, prepararem a contra-propaganda.

José Fernandes conheceu Pessa em Lisboa, numa visita oficial que lhe fez na Emissora Nacional. Por seu turno, Pessa foi a Berlim, também oficialmente, agradecer a visita. Nesta altura — nem valia a pena dizê-lo! — ainda não havia começado a guerra...

## SOB UMA CHUVA DE BOMBAS

Foi com a guerra que José Fernandes começou a fazer locuções em português para Portugal.

— Não imagina a alegria que tive quando iniciei estas emissões! Falar para Portugal era, para mim, a mesma coisa que sentir-me em Portugal, a passar na Avenida ou a atravessar o Rosstö.

Como não podia deixar de ser, o repórter esqueceu-se da promessa que havia feito de não falar em política nem em guerra. Tanto assim que inquiriu:

— E os bombardeamentos? Ele foi atrás da pergunta: — Não, agradáveis. Os últimos, sobretudo, foram bastante duros. Depois, reparando que havia falado a mais:

— Não esqueça o que combinámos! O repórter flinje não ter ouvido:

— E a invasão? Os alemães têm a invasão? E o povo? Como reage êle com tanto bombardeamento? A Emissora de Berlim já foi atingida? E...

José Fernandes interrompe-o, sorrindo: — Nem guerra nem política! O repórter faz uma cara muito murcha.

— Acho bem... — e passa a outro assunto: — Ouvem lá a Emissora Nacional?

— Sim. Ouvimos bem a Emissora e a Rádio Renascença, ondas curtas. — Na Alemanha existem postos particulares?

— Agora creio que não. Há apenas a Reichsrundfunk com a sua vasta rede de emissoras regionais.

Faz-se um silêncio e de novo o repórter esquece o prometido:



— A Rádio de Berlim está instalada nalguma cave?

— Não...

— Fica, então, no centro de Berlim?

— Outro sorriso:

— Segredo...

— Mas não foi ainda atingida?

— Não... se bem que eu já falasse para o ar e as bombas a caíam perto de mim... Mas tratemos de outra coisa, sim?

O repórter que se arrepiara diante daquela informação, acede, de bomete, a mudar de assuntos.

— Quantos auditores tem a Rádio de Berlim? — Interroga:

— Onze milhões, segundo o último censo. Agora, porém, deve ter mais. E cada um dêles paga dois marcos por mês de taxa radiofónica.

— Outra pergunta:

— Que lhe parecem os nossos programas?

— Variados.

O repórter não se satisfaz.

— Seja mais preciso: maus ou bons?

— Bons. Mas a prática melhorá-

los-á mais ainda.

— Como deve ser organizado um bom programa?

— Por pessoas especializadas: Disseram-me que em Lisboa os artistas dão ordens aos técnicos. O contrário é que deve ser. O técnico é a cabeça do programa. Na Alemanha, nunca viemos um artista a recalibrar as ordens de um técnico, mas sim a obedecê-lo.

— Os nossos técnicos? Tal os acha?

— Lopes Vieira, por exemplo, é um elemento valioso.

## BLACK-OUT? NÃO!

Fumam-se uns cigarros. Uma garota entra a correr. É a filha de José Fernandes. Falam em alemão — e o repórter nada percebe.

— Haverá alguma receita para se organizar um bom programa? de rádio? — pergunta o repórter:

José Fernandes beija a filha e só depois responde:

— Uma apenas: ir ao encontro do gosto do público.

— Mesmo que êle tenha mau gosto? — Não. Deve-se interessá-lo, mas educando-o sem que êle dê por isso...

A filha de José Fernandes entretem-se a desventrar uma boneca de pano. Com a sua mão faz um bigode que lembra o Káiser?

— Quantos portugueses trabalham na Rádio de Berlim? — quis o repórter saber.

— Uns quarenta.

— E quanto ganha um locutor?

— Sete contos, em dinheiro português — e como visse surpresa nos olhos do repórter, acrescenta: — Um locutor deve ser bem pago.

— Qual a sua opinião sobre as reportagens radiofónicas?

— Uma reportagem nunca deve ser gravada. Os erros, uma ou outra palavra gaguejada só valorizam uma reportagem porque lhe dão sabor de realidade, de coisa vivida. O locutor é que não pode titubear.

A tarde já havia caído. José Fernandes dá volta ao interruptor e uma luz forte, bem viva, enche toda a sala. Então, ouve-se uma exclamação quási gritada:

— Papilein! Schnell, verdunkeln!

Fôra a garota que, muito afilada, julgando-se ainda em Berlim, pedira ao pai que fechasse a janela porque os aviões podiam ver a luz e deixar cair, com segurança, as suas bombas mortíferas...

REPÓRTER UM

# À ESCUTA...

**E**STÁ dito e redito que não basta ter fala (a fala que foi dada ao homem) para que um indivíduo se ponha diante de um microfone e desate a intitular-se de locutor. Para se falar na rádio é necessário ter-se mais qualquer coisa que voz. Essa coisa chama-se voz radiofónica. Mas, para se ser um bom locutor, além da voz radiofónica, é necessário ter-se, também, uma cultura geral bastante razoável. Pergunta-se: Terão todos os nossos locutores estas condições? Que diz a isto o locutor-proprietário da Rádio Graça?

\* \* \*

— Não foi bom — não foi mesmo nada bom — o concerto executado pela ex-Orquestra de Variedades da Emissora Nacional, dirigida por Fernando de Carvalho. Havia falta de unidade, elementos a atropelarem-se uns aos outros. Bom, com por cento bom, foi o concerto para clarinete de Artie Shaw, tocado por Vilaça.

— Não sabemos se já repararam... Mas certos programas, sugestivos, ao princípio, pela novidade e pela leveza, estão a repetir fastidiosamente os mesmos temas.

Acreditamos que a imaginação não é elástica. Mas, por isso mesmo, discordamos daqueles que amontoam encargos em demasia...

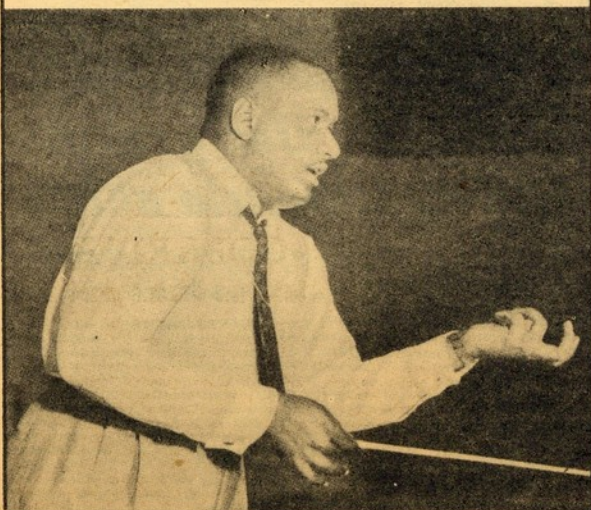
## JOSÉ CASTELO

José Castelo é um dos mais conhecidos e queridos artistas da nossa rádio: escreve músicas, faz versos, organiza programas, é locutor, canta, recita e representa para crianças e adultos. É, enfim, um caso ímpar na história curta da nossa rádio. Pois êste simpático rapaz, que ultimamente trabalhava em Rádio Renascença — deu um salto até Londres e apresentou-se na B. B. C., donde já falou algumas vezes ao portugueses, com o máximo agrado de quem o pôde ouvir, nos habituais programas difundidos para Portugal. Do mesmo modo que triunfara em Lisboa — José Castelo, simpático e espirituoso, triunfou também em Londres.



## Um negro que dirige uma orquestra sinfónica

**E**STA fotografia é um documento. Nela vemos Dean Dixon, que teve a honra de ser o primeiro negro a dirigir, na América, uma orquestra sinfónica que transmitiu, há dias, pela N. B. C., um concerto especial com obras célebres de compositores de todo o mundo. Como não podia deixar de ser, êste acontecimento despertou o maior interesse. Era a primeira vez que se via um maestro negro a reger uma orquestra sinfónica. Resta dizer que a ilimitada assistência que teve privilégio de assistir a êste concerto — era quási totalmente constituída por brancos...





# Maternidade

**W**ILLIAM Osler escreveu que, durante o século XIX, o homem se habituou a confiar mais na Natureza e menos nas drogas. E Pasteur, que nos fez arrancar às teorias da medicina grega, a que vivíamos apegados — lançou-nos num mundo novo de conhecimentos, longe das trevas egípcias.

É lícito esperar que o século XX liberte, pois, os homens do caminho das drogas e que o mundo do século XXI redunde na consagração da humanidade emancipada — pela aproximação da Natureza.

Para que a humanidade seja fisicamente mais sã, grandes modificações serão precisas na estrutura social e enormes medidas terão que ser tomadas e conceitos divulgados, a começar pela pré-natalidade.

De facto, nenhum povo pode ser forte, se o período da gravidez das mães não decorrer em condições de particulares cuidados. E se esse período merece um cuidado excepcional — que dizer do acto de dar à luz?

Num transe tão difícil, em que a vida da mulher corre tanto perigo como a do filho, que cuidados não serão precisos, para que a saúde de ambos não se resinta e as energias da raça não se depauperem?

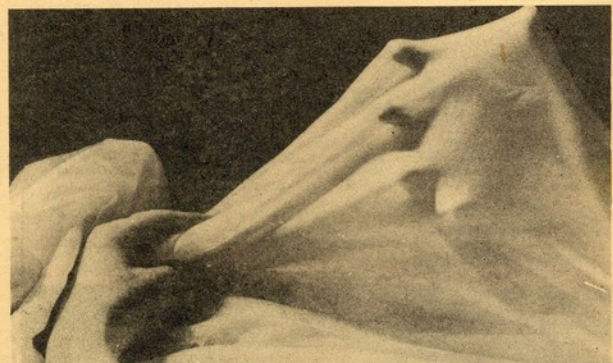
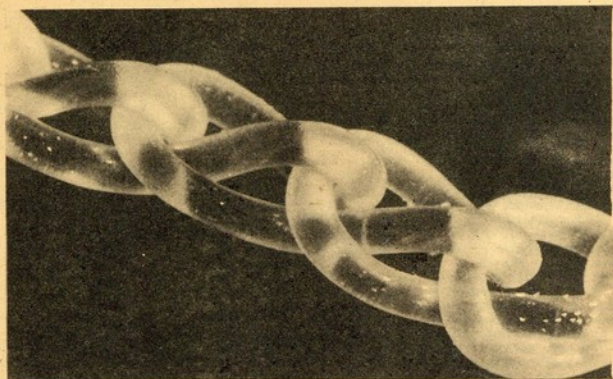
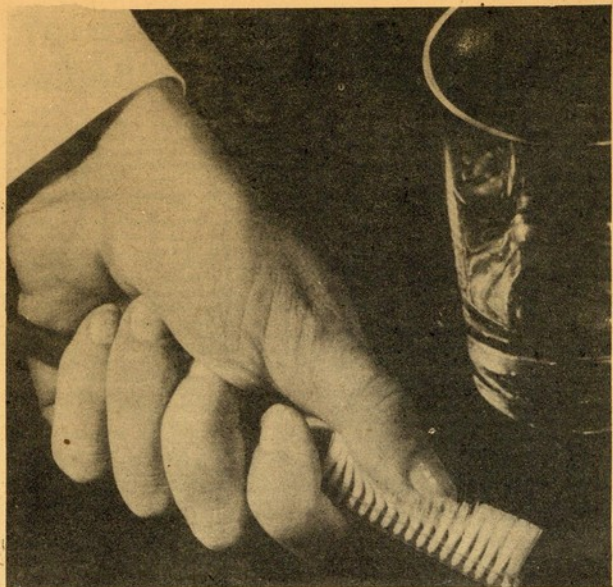
Por esse país fora, os boletins médicos todos os dias nos dão conta de casos de tremenda ignorância e de excepcional deficiência em que os actos da maternidade ocorrem. E em Lisboa mesmo, onde a miséria tantas vezes dá a mão à ignorância, os exemplos podiam ser indicados a dedo.

Bem se sabe que o problema não tem sido descurado pelo Estado e pelas entidades particulares que tomaram a incumbência de zelar pelos interesses dos que estão para nascer ou nasceram em condições precárias. A Obra das Mães, a acção das visitadoras sanitárias, as Maternidades — tudo isso são pontos importantes de um todo que ainda, entretanto, não criou corpo e forma definida, de modo a frutificar como é, decerto, intenção do Estado, das entidades particulares e de todos nós que somos o povo da nação.

A verdade, porém, é que no que respeita a Maternidades, não obstante termos das melhores e mais zelosas instituições, continuamos a viver em condições precárias — porque, sendo bom o que temos, não chega. Todos os dias se fecham as portas das Maternidades a mulheres ansiosas e aflitas — porque não há vagas, porque não há camas que cheguem para tantos casos!

O progresso de um país, a que não faltam belas estradas, belas escolas, belos edifícios — é indispensável ao seu bom nome e ao conceito em que deve ser tido pelas outras nações. Mas, se os homens que vão viver e gozar esse progresso nasceram em más condições de profilaxia e de higiene — de que serve todo esse bem-estar?

Sem saúde, sem alegria de viver, não há palácios doirados que possam interessar...



## O «CARVÃO AMARELO» NOVO PRODUTO DE AUTARQUIA

OS químicos italianos conseguiram aproveitar, ao serviço da economia nacional, mais um produto-resíduo. Trata-se das cascas do arroz, até agora consideradas inúteis, e que eram geralmente queimadas depois do descaque. Devido a um tratamento muito simples, essas cascas são transformadas, agora, em combustível precioso, que é queimado em fornos especialmente construídos, fornecedores de tanto calor, como os fogões a petróleo. Calculou-se que, devido à utilização desse produto, baptizado com o nome de «carvão amarelo», se poderão poupar 70.000 toneladas de carvão por ano. O pior é que, se não houver arroz na Itália...

## A LUA aproxima-se da Terra...

**E**IS um planador, contra o qual a D. C. A. será impotente! O que vale — é que, segundo dizem os astrónomos, a catástrofe só se dará daqui a 45 milhões de anos!...

Com efeito, a Lua, esférica regularíssima e muito bem acabada, aproxima-se da terra. E um dia virá em que esteja tão próxima dela — 16.500 quilómetros — que, sob a acção da força centrífuga — aquela que afasta os corpos do centro — será deformada até se tornar oval. Depois, quebrar-se-á em dois, quatro, oito, dezasseis bocados — enfim, numa infinidade enorme de corpúsculos que girarão à volta do globo terrestre em seguida dotado de um magnífico sistema de anéis — mais magnífico, ainda, do que o de Saturno, duas vezes mais pequeno que o da Terra.

Entretanto, um dia virá em que o génio dos homens aperfeiçoará os aviões de transporte, para ir colonizar a Lua, primeira escala nas grandes viagens inter-planetárias...

## MATUSALÉM

só chegou  
aos 92 anos



O arqueólogo dr. André Efron publicou um trabalho em que pretende provar que todas as idades de pessoas indicadas no Velho Testamento têm sido completamente mal interpretadas e por isso têm induzido os investigadores em muitos erros.

Para fundamentar a sua teoria, o dr. Efron serve-se dum «símbolo» curioso, em forma de árvore, que se encontra gravado freqüentemente em muros, rochas e outros sítios, na Mesopotâmia e territórios vizinhos. A quantidade, comprimento e posição dos ramos destas árvores simbólicas são sempre diferentes, o que, no entanto, não é por acaso. Trata-se, pelo contrário, dum código escrupulosamente elaborado, que o dr. Efron afirma ter decifrado. Diz ele que os últimos sábios que conheciam o código eram os filósofos e matemáticos gregos do tempo de Platão.

Com o auxílio deste símbolo, o sábio reviu as indicações de idades da Bíblia e verificou que Matusalém não morreu aos 969 mas aos 192 anos, ou seja quase em criança. Adão não atingiu os 930, mas apenas os 96 anos, e Noé, quando construiu a Arca, não tinha 600, mas só 48 anos.

De tudo isto, temos de concluir, mais uma vez, que a falta dum Registo Civil bem organizado, no Paraíso, continua a causar embaraços aos sábios!

## PERLON, um grande exito da indústria actual

**TODOS** nós temos o dever de odiar a guerra, com todo o seu súdrio de horrores e morticínios. Entretanto, esse ódio, pura especulação sentimental, pode não impedir que se pergunte:

— Se não fosse a guerra, o homem usufruiria tanto conforto e bem-estar? A resposta tem de ser imediata:

— Sem dúvida que não. A ânsia de aperfeiçoar a máquina de guerra instiga o homem de ciência a criar novos elementos de progresso. E, então, surgem com os instrumentos de guerra, os instrumentos de paz — todo um cortejo de pequenos inventos e descobertas que não apareceria se não houvesse a mira da glória, pela vitória das armas.

E aí temos, então, como se vê todos os dias — e estas fotos o demonstram — novos produtos, sucedâneos e sercatsas, capazes de preencher todas as lacunas criadas pelas dificuldades do momento. Um dos novos êxitos revelados pelos alemães, fala-nos de uma nova substância sintética — o Perlón. É claro que as informações postas a circular não nos dão a chave química da nova substância. Mas dizem-nos, em compensação, que, com a fibra de Perlón se fazem escovas, duras e elásticas, tecidos de surpreendente elasticidade, como a foto mostra, etc.

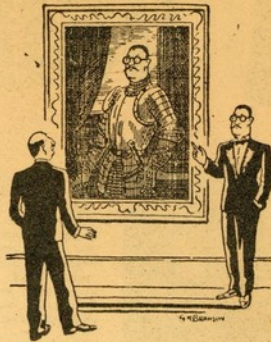
Uma das curiosas fotos ao lado, que tanto lembra uma corrente forte, é simplesmente a microfotografia de um fio de Perlón...





—Então, meu amigo, anda sem guarda-chuva, num dia destes?  
 —Deixei-o no escritório...  
 —Que pena! Se não chovesse, em prestava-lhe o meu.

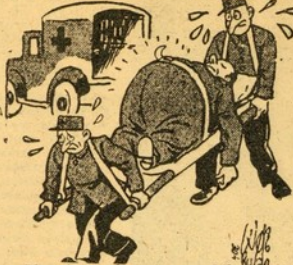
(«420», Florença)



O dono da casa — Mande acrescentar os óculos para que a parecença fôsse mais evidente...

(London Opinion, Londres)

DESILUSÃO...



Um dos enfermeiros — Cálcula, tinham-nos dito que se tratava de ferimentos leves...

PROGRESSO



— Sim, o nosso irmão esquimo chegou há pouco tempo de Nova York...

BOA OBSERVAÇÃO



O cabo — Então o que esperas para disparar?  
 Soldado — Ah!... Estava admirando a paisagem!

(Ric et Rac, Marselha)

HISTÓRIA DE LADRÕES



O ladrão — Não se assuste, tiozinho... É um pesadelo!

A PETITE...



— Faz favor, dá-me aquele peixinho redondo que está além no fundo.

TRÊS PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Três perguntas da algibeira

Pergunta — Porque é que o caracol anda sempre com os pausinhos de fora?

Resposta — Porque a mulher o enganou...

\* \* \*

Pergunta — Qual é o casal mais desigual?

Resposta — O burro e a «burra». O burro geralmente é pobre e a «burra» está sempre cheia de dinheiro...

\* \* \*

Pergunta — Qual o melhor livro que um poeta pode dedicar à sua amada?

Resposta — O livro de cheques...

HUMORISMO

Graças históricas

UMA OPINIÃO DE LLOYD GEORGE

CERTA vez, um diplomata confessou a Lloyd George, com ingenuidade, que ficara desapontado ao ver que ele, um homem tão célebre, era assim de estatura tão diminuta.

Logo, tranqüilo e irónico, o estadista inglês respondeu:

—Depende da maneira que o senhor usa para medir os homens... Na minha opinião, não se devem medir do queixo para baixo, e, sim, do queixo para cima...

GALANTERIA FRANCESA

A imperatriz Maria Tereza de Austria perguntou a um oficial francês se achava que certa princesa, apresentada na véspera ao mesmo oficial, era, de facto, a mulher mais linda da Europa.

Num sorriso, o oficial afirmou imediatamente:

— Magestade, eu acreditava nisto até ontem...

A FILOSOFIA DE CROMWELL

Vendo a multidão que se juntara para saudar a sua entrada triunfal em Londres, Cromwell, bom psicólogo, comentou sem grandes entusiasmos:

—O interesse deles seria o mesmo se me conduzissem ao patíbulo...

QUESTÃO DE SENTIMENTO...

Quando Oscar Wilde foi condenado nos tribunais ingleses, o procurador, para exemplificar melhor as suas afirmações de acusação, leu alguns versos do poeta e perguntou agressivo:

— Há alguém que chame a isto poesia?

Altivo, Oscar Wilde retrucou:

— Lidas assim, por quem não sabe ler, não são poesias, de facto...

CÚMULO DE VAIDADE

A escritora Louise Collet tinha em grande conta a sua beleza verdadeiramente excepcional. Uma noite, em que se encontrava rodeada de admiradores, exclamou subitamente:

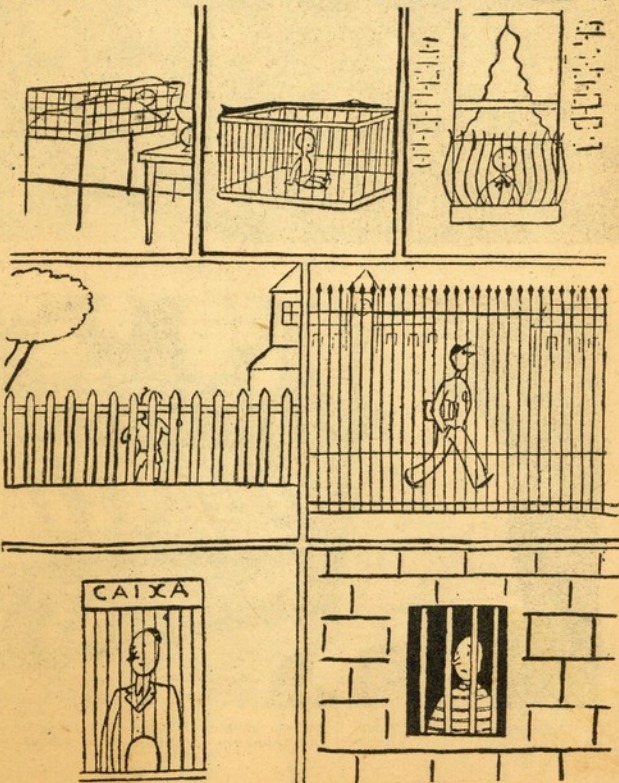
— Sabe que foram encontrados os braços da Venus de Milo?

— Onde? — perguntaram logo os admiradores.

E ela, sorridente, informou:

— Aqui, dentro das mangas do meu vestido!

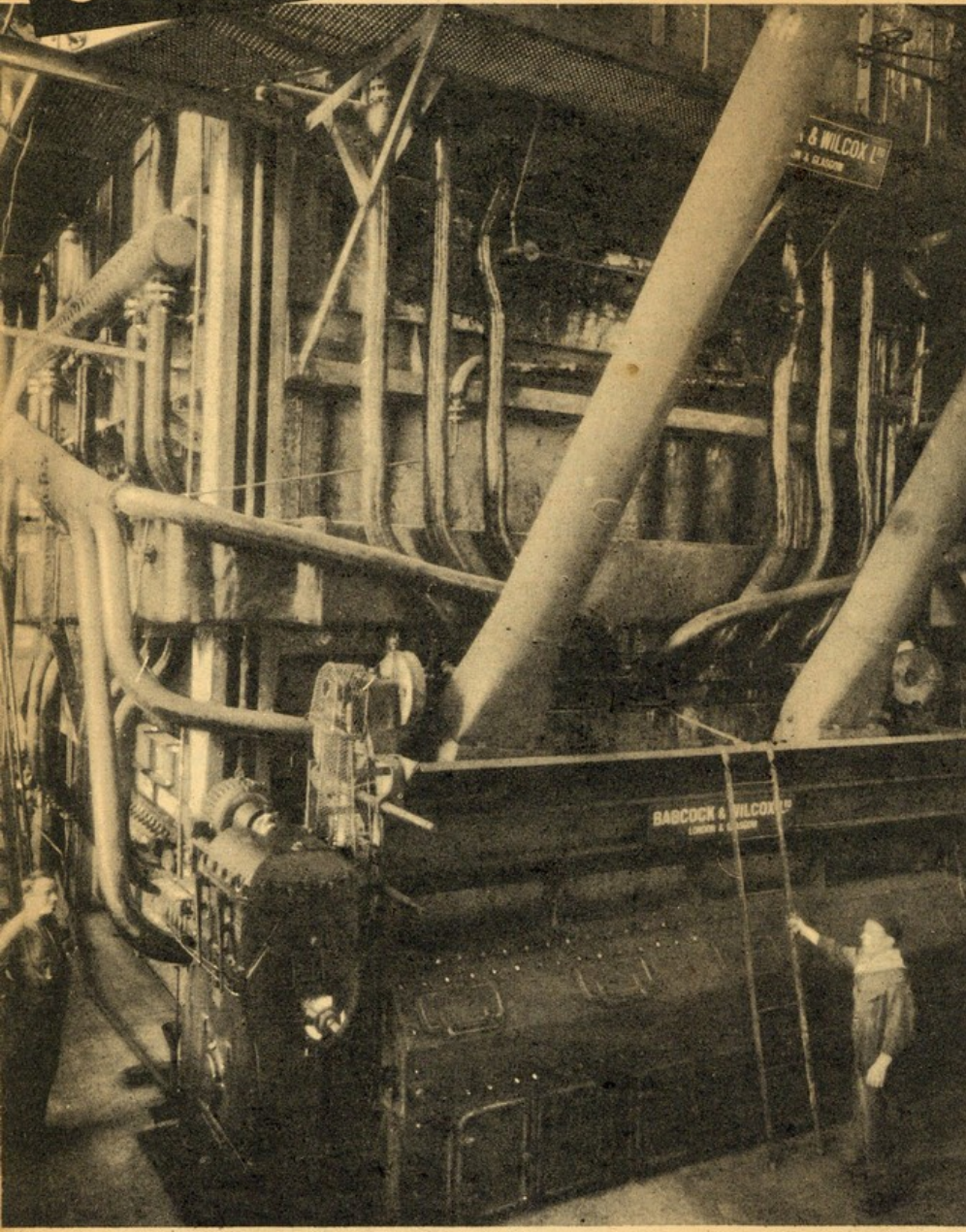
HISTÓRIA DE UMA VIDA





**LEITOR, AQUI ESTÁ A HISTÓRIA DA LUZ QUE CONSOME EM SUA CASA!**

# OS HOMENS QUE LIDAM COM A MORTE!



As caldeiras de alta pressão são tão altas, que os operários sobem por escadas.

**A** O aconchego do lar, nas noites de inverneira, sabe bem de pés estirados, ao canto do fogão, ligar o aparelho e ouvir, com o sono a pesar nas pálpebras, o que vai por esse mundo. A música, o sonho, a suavidade duma canção distante, fazem esquecer a vida que vai lá fora — a chuva que molha até aos ossos os que, sem ela nem beira, labutam, ingloriamente, com um destino fatídico. Porém, exactamente quando a música mais nos faz sentir na alma uma lufada de poesia, é que um estoiro inesperado põe a casa às escuras — e tira desoladamente, o som ao aparelho.

O burguês estremece. Na cozinha, a criada, que cantolava o «Sebastião» dá um gritinho e deixa cair, em estilhas, o trigésimo prato com os seus quinze dias de casa. Na rua também não há luz — é tudo imerso em sombras.

Com ares superiores, o dono da casa, para sossegar a família — e sobretudo a sogra que é nervosa hereditária, explica logo, com um côto de vela na mão «que aquilo» foi um curto-circuito — ou então rebentaram as correlas da central...

Muito à socapa, encolhida de medo, os setenta anos da sogra, em confidência, rezam um Padre-Nosso, não ande a revolução na rua. A atrapalhação é grande.

— O candeeiro de petróleo! — acenda-se o candeeiro! — grita com energia a dona da casa. Mas qual? O ano passado estava em clima da prateleira. Os garotos, numa algarviada, dizem que o viram na marquise, ao pé do cesto da roupa. Pragueja-se — mas ninguém atina no meio da escuridão. Já o senhor patrão às apalpadelas, deu duas caneladas no guarda-louça, e o mítido mais novo choramanga, com um galo na cabeça. A criada, muito atrapalhada, foi-se meter na carvoeira julgando que era a «marquise» — mas por fim, ufano e triunfante, o senhor patrão, aparece com o candeeiro. Risca um fósforo, risca dois — risca meia caixa que a cabeça dos fósforos, como a de certas pessoas, têm, propriamente, pouco fósforo — e a luz, indecisa, baça, mas chela de fumarada começa a aparecer, exactamente, quando, numa alvorada festiva a electricidade ilumina a casa.

Há um sutils de cansaço — e de alegria.

E o dono da casa, diante da família e da criada, com as bochechas inchadas de superioridade, remata, como se tivesse dado ao mundo inquieto uma grande surpresa: — Que disse eu? um curto-circuito! Aquilo foi lá na central! algum parafuso que caiu ou correla fora do seu lugar.

E diante daquela gloriosa certeza a família inteira que nunca entrou na Central — e conhece-a da passagem no combóio, aos Estoris, — fica meditando, acabrunhada, como aquilo tudo será complicado. Grandes máquinas, sempre a trabalhar, correames que, num continuo válvem podem matar quando a ganga leva um raspão; homens gigantes sujeitos de óleo e faldas, com as mãos envoltas em borracha, os pés sobre grossas pranchas de madeira falam soturnamente, no meio daquele grande ruído, como se a morte, de garras abertas, pairasse no teto, à espera de presa fresca; tudo é negro sinistro: as grandes fornalhas, vermelhas do fogo, as altas montanhas de carvão, os vapores que pelas bocarras escancaradas saem expelidas entre nubes de fumo; e, todavia, no meio de tão árdua tarefa há em mira apenas uma coisa: dar energia eléctrica àquela pacata família da Travessa da Paz, para que o Quim, o Zeca e a Lili se divirtam com o samba que, pela telefonia, se faz ouvir...

Ora, senhores, nem tanto à terra, nem tanto ao mar. A electricidade que se gasta em todas as casas tem, de facto, a sua história.

A Central Tejo — essa grande fábrica produtora de energia, não é um inferno de ruídos e de estranhas labutas.

Senão, vejamos:

Como se produz a electricidade? Eis uma pergunta que muita gente terá feito à sua curiosidade.

São precisos dois elementos: carvão e água.

A água trabalha continuamente, em ciclo fechado, sendo apenas necessário renovar uma pequena fracção,

correspondente às perdas inevitáveis. A Central Tejo utiliza para seu governo a água do mar, que depois de tratada fica nos grandes depósitos. Tem, também, um poço hertziano, que pode, em caso de necessidade, ser utilizado. É curioso acentuar que a água desse poço hertziano é tão famosa que muita gente de Belém e arredores, com garrações depois de autorizada, lá busca-a, não sabemos bem com que intuito...

A Central só num caso de emergência recorre, como vimos, à água da Companhia.

O carvão, outro elemento, é transportado das grandes pilhas, onde está amontado por meio de vagonetas até aos elevadores, sofrendo uma preparação.

As pilhas de carvão estendem-se pelos grandes areais, numa área de centenas de metros. Continuamente, na ponte da electricidade, como o povo lhe chama, grandes fragatas descarregam as negras pedras. Os homens e as mulheres empregadas nesse serviço pertencem àquela região de Alcochete — e chamam-se alcostonos; — dormem em grandes barrações nas imediações da fábrica — e são contratados por uma Associação que tem o monopólio destes serviços.

Acontece, por vezes, como ainda há pouco, o carvão, exposto ao calor, pelo atrito, produz, pelos gases que liberta combustão — incendiando-se. E não há nada que possa apagar aquele fogo — nem água, nem areia. O que se faz é isolá-lo do outro e deixá-lo arder... até se fazer em cinza.

Já dissemos que as vagonetas trabalham continuamente — homens, por turnos, têm a missão de carregar e empurrar sobre rodados, os carros de ferro. Gasta-se uma média diária de 410 toneladas de carvão e lenha — sobretudo agora, que os combustíveis não desenvolvem o número suficiente de calorías, pela má qualidade.

A trituração e a dosagem nas devidas proporções são trabalhos a que o combustível fica sujeito. Depois disso o carvão, em elevadores, vai alimentar as grelhas colocadas na parte superior da grande sala das caldeiras. Ao entrar na grelha inflama-se por irradiação da abóbada refractária e abandona as suas calorías nos gases de combustão, impulsionado por um sistema de ventiladores, que renova o ar.

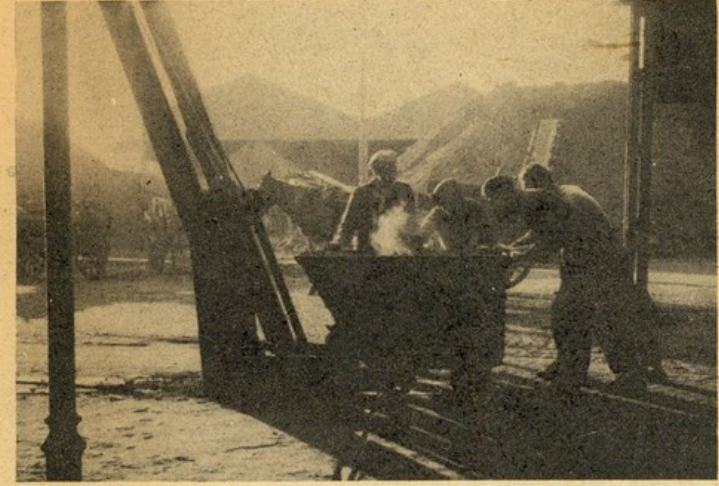
Os dois ventiladores têm um trabalho interessante: O superior faz o lançamento dos gases arrefecidos para a atmosfera — e o inferior produz o ar necessário para a combustão do combustível. A força poderosa do vapor atravessa então, sucessivamente, os três órgãos principais da caldeira: o vaporizador — sobre-aquecedor e economizador. No primeiro a água é transformada em vapor, saindo daí para o sobre-aquecedor onde os gases, úmidos e secos, são novamente aquecidos.

A missão do economizador aparece depois. O vapor ao deixar a caldeira, segue por colectores que o conduzem à sala das máquinas para alimentar os tubos-alternadores, formados pela ligação duma turbina de vapor — órgão propulsor — ao gerador da energia eléctrica — alternador.

Depois de ter atravessado a turbina entra num condensador onde o vapor é transformado em água, novamente, por meio duma circulação continua. Esta água vem do Tejo. A água condensada é levada a um tanque; depois com a compensação das perdas já reunida, volta à caldeira, atravessando o economizador, que lhe dá um aquecimento prévio aproveitando as últimas calorías contidas nos gases de combustão.

Depois deste trabalho da água e do carvão, elementos fundamentais, os alternadores produzem a energia. São 5, totalizando uma potência de

(Continua na pág. 30)

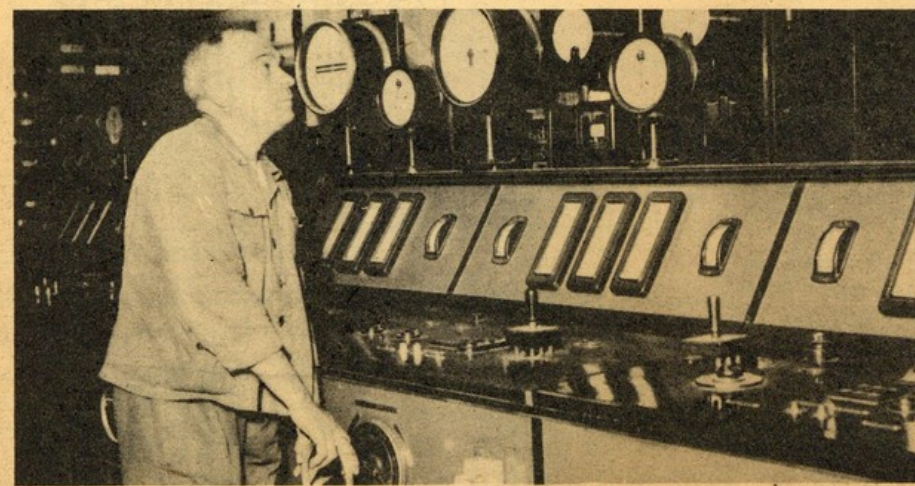


Esta faina é penosa. Todos os dias são descarregadas das vagonetas toneladas de cinza.

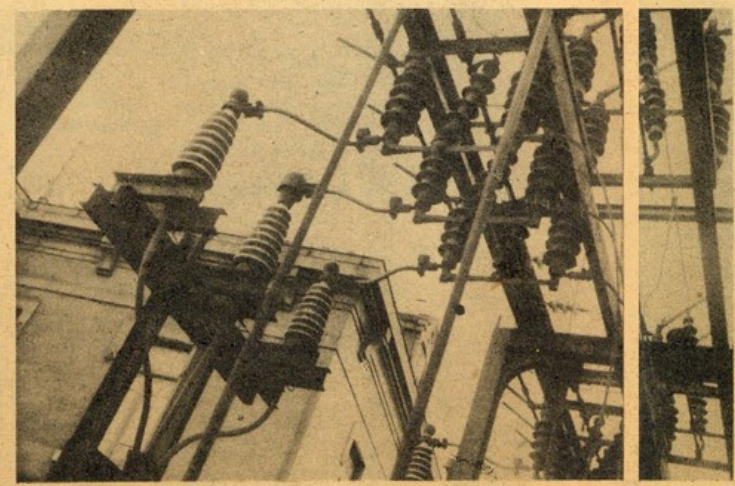
As caldeiras de alta-pressão precisam, diariamente, de toneladas de combustíveis! Os operários, no meio dum grande calor, enchem de lenha a bocarra insaciável da fornalha!



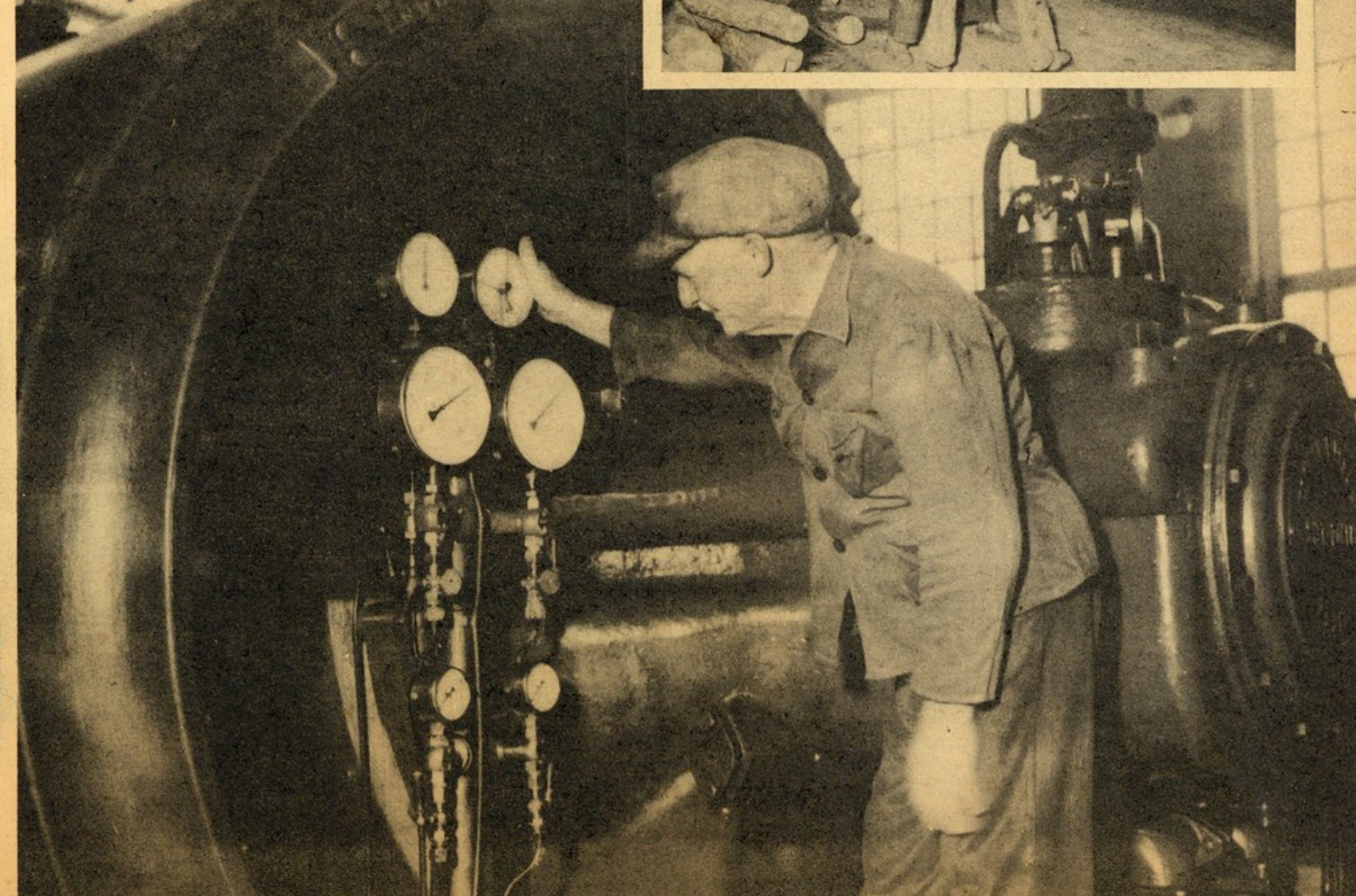
Este obscuro operário há 55 anos que trabalha na Companhia! Todos os dias a sua tarefa é vigiar a pressão das caldeiras. Um pequeno descuido pode produzir uma hecatombe.



Aqui, nestes aparelhos, está o controlé de toda a Central. O operário, continuamente, faz as leituras, que ficam registadas nos mapas diários.



Por estes cabos, de alta tensão, partem 20.000 volts para abastecerem Santarém!





# LISBOA

## PORTO DE EMBARQUE DE REFUGIADOS!

POR CÉSAR DOS SANTOS

FOTOS DE ROGER KAHAN

**O**UTRA leva de refugiados da guerra, multidão triste e angustiada, sem lar, sem pátria, em busca da terra prometida, seguiu, há pouco, no «Niassa», a caminho da Palestina.

Lisboa, terra amável e acolhedora, tem assistido, com enternecida e infinita mágoa, à partida destas legiões de emigrantes que a guerra arrasta pela Europa ensanguentada e andam a percorrer um calvário de injustas expiações por esse mundo de Cristo. Torvelinho de gente apavorada, farrapos humanos, sombras trágicas que despertam visões horríveis e cruéis do drama da guerra, é como uma onda que corre aflita e deixa um rasto de desolação por onde passa.

Por aqui têm passado essas multidões de fugitivos, vaga de desespero, feita de vidas sem alma, de destroços de existências, num impressionante cortejo de dor, entre lágrimas, súplicas e doloridos apelos à compaixão dos homens a quem os ódios e as paixões desviradas não transformaram em feras.

O espectáculo dessas levas de emigrantes banidos dos seus lares, afugentados da terra onde floresceram os seus afectos e as suas ilusões, é sempre o mesmo, e quem tiver assistido, alguma vez, à partida dos refugiados poderá compreender o drama da guerra naquilo que tem de mais pungente.

É que essa pobre gente põe-nos, ao vivo, diante dos olhos a odisséia das multidões inocentes, o sacrifício das populações indefesas que viram as suas casas destruídas, as cidades arrasadas, o céu ensombrado pelas asas negras da morte; são aqueles desgraçados que presenciaram horríveis massacres e sofreram a humilhação sob a tirania implacável e odiosa do invasor e viu correr rios de sangue pela terra devastada — a massa dos fugitivos, engrossando sempre, a rolar pelas estradas, empurrando carruagens desconjuntadas e cheias de destroços, a fugir da onda de lava que ia subvertendo exércitos e nações, e ora avançava penosamente sob a chuva de metralha que caía do céu, confundindo-se com a tropa em debandada, ora estava em assombroso pânico, tomada de pânico, diante dos monstros de aço que vomitavam fogo e cilindravam tudo à sua passagem. Depois, a penosa caminhada pelos trilhos da desventura, rumo ao exílio, e, já longe do furacão que rugia distante, sinistro e ameaçador, a desgarradora tristeza da solidão num mundo estranho povoado de fantasmas, a torturante incerteza dos dias futuros e o travo amarelado do pão ensopado em lágrimas, na terra estrangeira, que por ser generosa e hospitaleira, não deixa de ser a terra do exílio.

Não têm conto os fugitivos que aqui vieram parar como náufragos a porto de salvamento; foi esta terra que os acolheu num carinhoso ambiente de tranquilidade, e daqui partiram, muitos deles sem rumo certo, sem itinerário marcado, com a alma sepultada na densa treva que não mais se dissipará, resignados, sem outra ambição que não seja um lugar ignorado para viver em paz.

\*\*\*

É sempre o mesmo espectáculo que comove a

partida destas levas de emigrantes refugiados da guerra. Temo-los visto de perto, no reportagem anónima que observa nos pormenores ínfimos e emocionantes os dramas que depois não são mais do que efêmera crónica nos jornais. E ainda há pouco a partida do «Niassa» veio recordar a reportagem de uma outra leva de foragidos, magistralmente focada pela pupila mágica do famoso repórter fotográfico do «Cine-Monde», Roger Kahan, que aqui embarcou para o Brasil e de quem são as fotos que se juntam a esta crónica.

Ficaram-nos gravadas na memória as silhuetas daqueles pobres emigrantes que da amurada do navio fumegante contemplavam, nostálgicos, o nosso céu, tão sereno e luminoso como o céu da Galileia. Eram imagens vivas do sofrimento recortadas no rubro clarão do poente que incendiava o horizonte e, coando-se pelo cordame da complicada mastreação, parecia entornar oiro no empedrado do molhe, ao longo do qual a multidão se agitava, inquieta, num confuso rumor, em incessante movimento. Uns impacientavam-se com pressa de embarcar, num supremo anseio de evasão, enquanto outros espalhados em grupos silenciosos, junto das malas e dos sacos amontoados a esmo nos cais, pareciam alheios de tudo, resignados, pensativos, e deixavam os olhos ir vogando nas águas que corriam em torvelinho, a desfazer-se em espuma. Adivinhava-se, porém, em todos eles uma angústia muito íntima.

De repente, a «sereia» de bordo lançou um grito estridido e angustioso que o eco repercutiu ao longe em trémulo redemoinho de sons magoados no meio da neblina que crescia da barra.

Como permaneciam ainda muitos emigrantes nos cais, a cada grito da «sirene» que a aragem fria esfalejava no ar, eles despertavam das suas contemplanções; erguia-se um clamor, como o eco remoto das lamentações de Jeremias, o formigueiro humano movimentava-se, ondulante, num marulhar de vozes, e crescia para a beira do molhe. Falavam-se quasi todos os idiomas europeus naquela multidão de indivíduos de impressionante semelhança nos caracteres exteriores, mas com a mesma paixão na alma.

A cada momento, aumentava a confusão, mas como havia tempo para todos embarcarem, os funcionários que regulavam a entrada a bordo tranquilizavam os impacientes, acalmavam as suas aflições. O vozear confuso tornava-se, então, em pálido rumor, quasi um silêncio, e eles mergulhavam, de novo, nas suas cismas.

A meio do cais, um dos refugiados permanecia imóvel, enlevado no filho, um inocente coroado de loiros caracóis, que sorria feliz; mais além, uma mulher tristonha aconchegava os pequenos ao peito protector e tinha um ar tão desolado que parecia Raquel a chorar os filhos. Ao pé dela, um ancião, com estranho brilho no olhar, contemplava, ensimesmado, o horizonte para os lados do Nascente.

Em que pensava ele, o bom velho, gasto e cansado de palmilhar as sendas do destino? Onde iria ele, pobre como Job, sem alguém a ampará-lo na última caminhada, já no ocaso da vida, onde iria ele acabar os seus dias? Onde encontrar os quatro palmos da terra-mãe para repousar os ossos, entre silêncios, no imperturbável descanso do nada, como quem adormece para se libertar de um medonho pesadelo? Curvado para o pó que o há-de comer, mirrado e roído de ilusões, com a nostalgia do lar desfeito, bem quisera ele ser sepultado sob um pedaço do doce céu que cobre a sua aldeia heróica e mártir, quando a Primavera fizesse florir os prados, num glorioso cântico de paz!

A Paz! Mas quando voltaria a Paz?!

Daí a pouco, despertava do seu sonho contemplativo e subia, fatigado, para bordo. O sol desmatava, esvaldando-se em sangue, e já a noite vinha crescendo do horizonte, entre as brumas que saiam das ondas. Enquanto as sombras desciam pelas colinas, a cidade começava a aconchegar-se na escuridão, para adormecer e sonhar.

\*\*\*

Até à chegada dos primeiros fugitivos, Lisboa não podia avaliar da monstruosa tragédia da guerra moderna, mas, depois, de cada vez que embarcavam aqui os refugiados, essa pobre gente vinha recordar, numa visão alucinante, o pavoroso drama em todo o seu cruento realismo.

Aos dias de angustiada expectativa, na esperança do milagre da paz que os homens que detinham nas suas mãos os destinos da Europa não quiseram ou não puderam realizar, a essas horas de perturbadora incerteza seguiu-se o assombroso pânico e a torturante inquietação ante os primeiros acontecimentos trágicos.

Aqui neste extremo da Europa recolhido na sua pacatez provinciana ouvia-se falar dos horrores da guerra total, que começava pelo sacrifício das populações civis. Um gigantesco cilindro de aço que aniquilava exércitos, triturava as multidões em fuga desordenada e destrua redutos inexpugnáveis, reduzindo tudo a destroços, rolava sobre

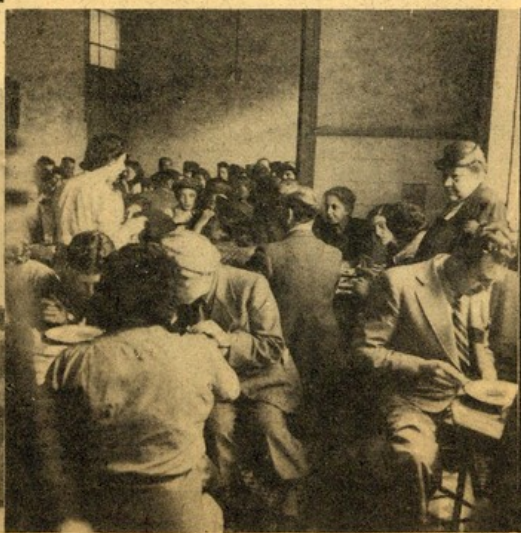


Onde irá repousar das suas aflições este anónimo que leva toda a sua fortuna num pequeno saco e a alma a transbordar de melancolia?

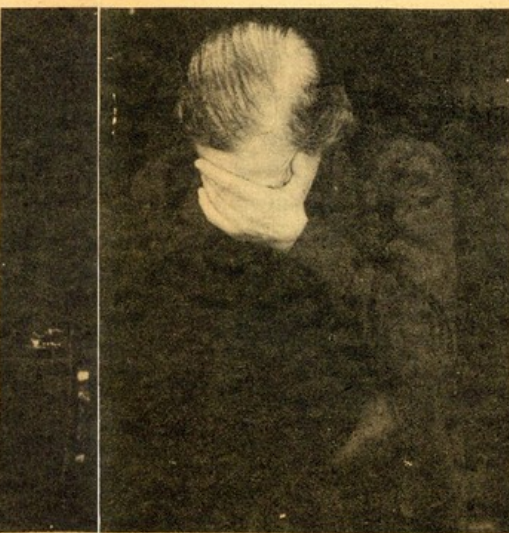


Como seria bom regressar ao lar, na pátria incoadida e desmantelada, esquecer a grande tragédia na tranquilidade de algum recanto humilde, ignorado, cheio de luz e de paz!

Uma cozinha económica, onde os que perderam pátria e família encontram o conforto de um lar cómodo.



A primeira refeição num ambiente de paz, em terra amiga.



A legenda e vive na

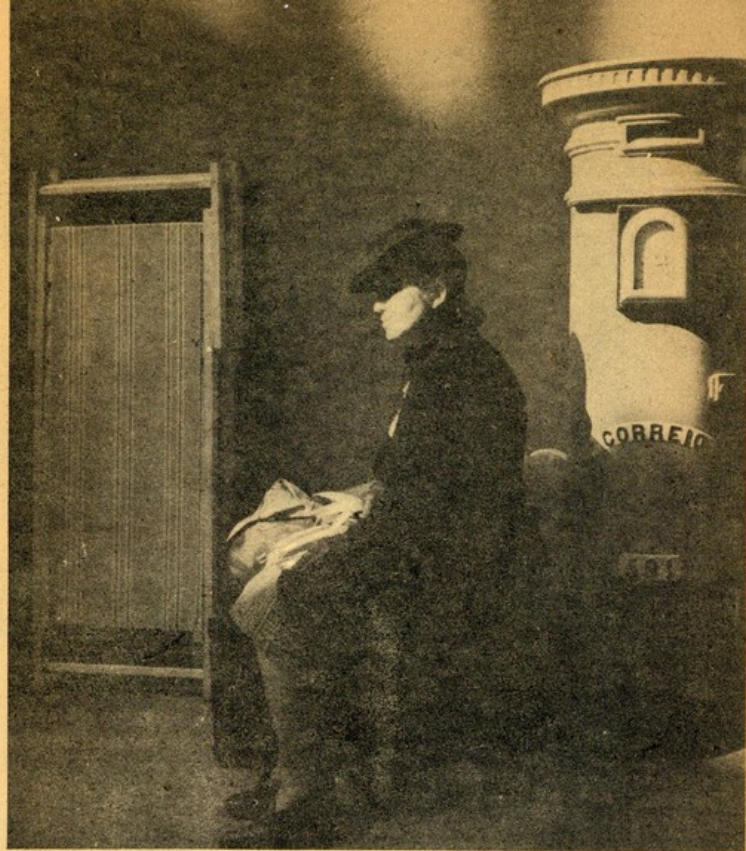
dêste quadro está na história dos nossos dias alma dos que estão presentes à tragédia da guerra...



Olham o céu e imploram protecção contra os homens esquecidos do amor que Jesus pregou!



Esta gente perdeu afeições e todos os haveres e presenciou os horrores da guerra, na sua expressão mais cruel.



Eis um símbolo de desgarrada tristeza: a vida errante, fugindo ao fantasma da guerra, sabe-se lá atrás de que destino!

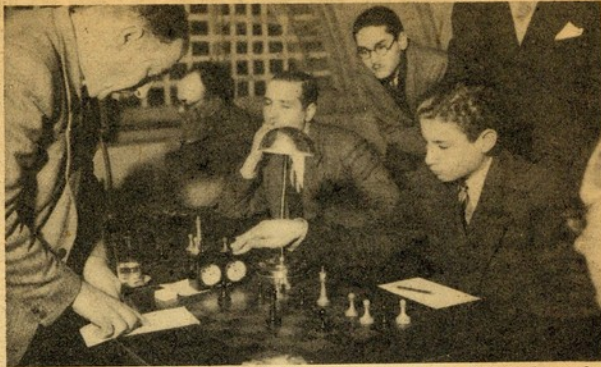
a Polónia e essa nação desaparecera do mapa. Varsóvia, a primeira cidade que sofreu a inaudita violência e crueldade dos bombardeamentos aéreos, ficou irreconhecível, sepultada em ruínas fumegantes, pejada de cadáveres, mergulhada em trevas. A queda da Polónia foi rápida, assombrosa, esmagadora.

A Europa, convulsionada, sofria, então, o efeito psicológico da guerra de nervos que levava a desorientação e o temor a toda a parte, e aniquilava o ânimo das populações indefesas, e o moral dos exércitos. Depois das «quintas-colunas», da «novidade» dos paraquedistas, das máquinas diabólicas que lludiam os mais finos ardis e venciam todos os obstáculos, dos dilúvios de bombas, vieram outras surpresas, e foram tantas que as vítimas e os espectadores, atônitos, nem tinham tempo para se refazerem das violentas e acabrunhadoras emoções.

Lisboa que já era refúgio de foragidos, tornou-se no grande porto de escala das vítimas da guerra — cais de embarque dos refugiados que iam correr mundo à procura de abrigo, bem longe dos lugares das suas desventuras. A América do outro lado do mar, era uma esperança. E as levas de emigrantes partiam, cada vez mais numerosas.

Tudo aquilo que o laconismo do noticiário convulso apenas deixava adivinhar, desde os acontecimentos espantosos que precederam a queda de poderosas nações até à heroica resistência das populações cativas e oprimidas pelo invasor, desde as levas de prisioneiros para os campos de concentração, a Leste, à descida das grandes migrações de refugiados para o Sul, tudo isso — o grande drama da guerra — essa gente evadida do inferno da Europa, do grande atumete de sombras, nos fez compreender melhor do que os mais emocionantes relatos da tragédia. Lisboa não pode libertar-se do angustiante pesadelo enquanto eles, os refugiados, não voltarem de regresso ao lar reconstruído, quando a paz trouxer ao mundo a fraternal harmonia.





Mário Carlos marca o tempo, no relógio de controles do jogo, daquele demorado lance...



Gabriel Russell, mestre da Federação de Xadrez, felicita o seu valoroso adversário, que o fez empregar a fundo.



O árbitro, Rui do Nascimento, explica um ponto da partida



Um momento de expectativa: num lance pode estar a sorte de toda a partida

Um grande campeão de xadrez, com 14 anos

# MÁRIO CARLOS

Campeão do Norte,  
bate Francisco Lupi,  
titular de Lisboa

**N**UMA das salas da Sociedade de Geografia, no meio duma grande expectativa, está decorrendo o campeonato nacional de xadrez. Ali se encontram todos os titulares, campeões regionais e mestres da Federação Portuguesa de Xadrez. O torneio tem grande interesse — este ano enriquecido com a assistência de muitos curiosos que, dia a dia, se vão introduzindo na prática daquele inteligente jogo. Um caso, porém, veio ainda agitar mais o meio. Trata-se da presença do campeão do Norte — um rapazito de 14 anos, que na cidade Invicta acabava de derrotar estrondosamente velhos titulares.

Muita gente acorreu à Sociedade de Geografia para conhecer de perto *aquêle fenómeno*. E bem fenómeno se pode chamar, de facto, se acrescentarmos que Mário Carlos — assim se chama o já famoso jogador de xadrez — anda nestas lidas há três anos e é estudante do terceiro ano duma Escola Comercial. Se muitos pensam que só o intelecto bem desenvolvido pode auxiliar o jogador — o caso d'êste rapaz, que não deve saber matemática superior, é bem expressivo: joga o xadrez com toda a inteligência e calma e resolve um lance com mais facilidade que qualquer lição dita diante do professor.

Mário Carlos acaba, empatado, a sua partida com Gabriel Russell, mestre da Federação e um dos jogadores de maior prestígio em Portugal. Vêm felicita-lo. Sua mãe, que o acompanha, está radiante. Querem falar para o Pôrto, a darem a nova ao pai, o dr. Adelino Ribeiro, médico na capital do Norte e entusiasta do jogo de xadrez. Enquanto a chamada para o telefonema demora, Mário Carlos fala, ao repórter:

— Comecei a jogar tinha onze anos. Meu pai ensinou-me — e jogava comigo de costas para o tabuleiro. Tinha uma predilecção especial por aquêle jogo...

— E como aprendeu a bater o seu pai?

Mário Carlos tem um sorriso — e logo com seriedade, à maneira de pessoa idosa:

— Compreende: li muito, estudei problemas, preocupei-me com as teorias do xadrez. No dia em que ganhei o primeiro jogo, o meu pai...

— Ficou amuado, não? — perguntámos.

— Não! Mas achou que valia a pena prosseguir. Comecei, então, a frequentar o Café Palladium, onde funciona o grupo de xadrez. Meu irmão, que tem 19 anos, joga nas segundas categorias. Todas as noites há encontros renhidos.

— O Pôrto tem bons jogadores?

— Sim, habilíssimos elementos. São, na maioria, mais novos que os de Lisboa. Leonel Pias, Alexandre Gonçalves, Américo Martins, Aristides Cunha e Manuel Costa evidenciam, hoje, a sua classe.

— Como ganhou o campeonato do Pôrto?

— Foi muito trabalhoso. Preparei-me cuidadosamente. Desejava ardentemente fazer um bom resultado. De antemão conhecia a classe dos meus competidores. Avaliava que a tarefa não seria fácil. Quando entro num torneio procuro alhear-me de tudo que está à minha volta. Vivo só aquêle momento. Consegui oito vitórias e o título de campeão nortenho, que me deu muita honra.

— E o seu melhor jogo em Lisboa?

— Ah! — e os olhos de Mário Carlos têm um clarão de entusiasmo. — Aquêlê em que venci Lupi, campeão de Lisboa. Nós, no Pôrto, somos acima de tudo baïrristas. Este triunfo sobre o titular da capital encheu-me de regozijo.

— Qual é agora a sua aspiração?

O pequeno jogador hesita um momento. Mas logo, com desembaraço, responde:

— Ficava satisfeito com a categoria de mestre da Federação e para isso estou jogando com ardor e entusiasmo!

— O xadrez é o seu passatempo favorito, não é verdade?

— Claro. Todos os dias jogo. Mas faço ciclismo, natacção, «football» e sou sócio do Académico do Pôrto. Outro desporto que muito me agrada, é a patinagem.

— E de teatro e cinema...

— Gosto imenso, sobretudo quando me pagam o bilhete...

Mário Carlos fala com vivacidade. Nota-se que há nêle uma expressiva inteligência, mesmo pela maneira como explica certos problemas de xadrez, que lhe têm aparecido neste campeonato. Sendo ainda uma criança, parece um mestre, de facto, com um raciocínio vivo que causa admiração. Faz-se roda, à sua volta, para o ouvir dissertar. Admiradores dão-lhe felicitações — e Mário Carlos, com a compostura dum «gentleman», agradece, curvando um pouco a cabeça.

A ligação esperada está feita para o Pôrto. Do outro lado do fio — um fio que liga duas cidades — o pai, ansioso, ouve da boca do filho o resultado dessa noite. Não foi mau. Um empate — um empate com Gabriel Russell, mestre da Federação. Há entusiasmo na maneira como fala.

Mais nada se pode dizer nesta entrevista. O campeonato tem duas voltas. A segunda vai começar, brevemente. Conseguirá Mário Carlos, o pequeno campeão do Norte, derrotar Carlos Pires, campeão de Portugal?

Sabe-se lá. Se não fôr este ano — ainda haverá muitas voltas de outros campeonatos...



Já não se efectuam os jogos Lisboa-Sevilha em futebol. Mais uma oportunidade perdida de duas pugnas emocionantes. Em matéria de competição internacional, continuamos pois de braços cruzados!

\*\*\*

Dois jogadores da Académica sofreram um castigo pesado por deficientes informações do árbitro. Houve tempo de repór a verdade e fazer justiça. Parece-nos conveniente, porém, que os árbitros se saibam exprimir com propriedade, de forma a evitar percalços perigosos. E nada mais doloroso, que uma acusação infundada!

\*\*\*

A Federação Portuguesa de Hand-ball aplicou uma série de castigos a jogadores e interditiu o campo do Estoril Plage. Sopra uma aragem de moralização e disciplina, muito de aplaudir.

\*\*\*

A fusão de três clubes de Paço de Arcos que parecia ser uma coisa assente, está duvidosa. Há várias divergências, possíveis por muitas razões, uma delas os caprichos e egoísmos dos homens...

\*\*\*

Já repararam que o desporto feminino, se não morreu, está pelo menos, agonizante?

\*\*\*

Rafael, o magnífico extremo belemnense, voltou a ser castigado por tentativa de agressão ao médio eleonino Eliseu, que também foi suspenso, por cientara responder na mesma moeda. Vimos o jogo e não demos pelo facto. Mas o árbitro que o diz, e porque é verdade...

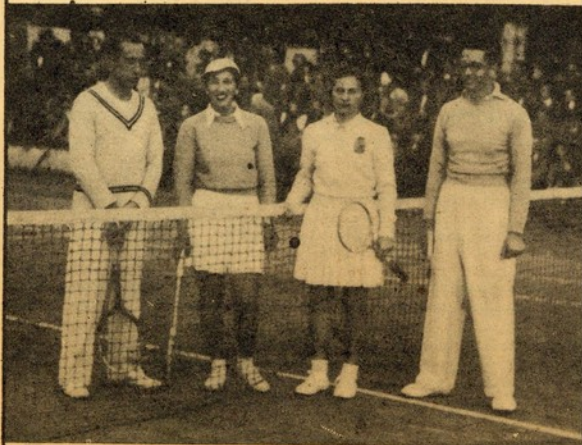
...Os boletins são escritura sagrada...



## TORNEIO INTERNACIONAL DE TENIS NO ESTORIL

O Estoril, estância privilegiada de turismo e de desporto, assistiu recentemente a interessantíssimas competições internacionais de ténis. Estiveram presentes nomes famosos, os quais os portugueses se bateram bem.

Na foto que inserimos, podemos ver, da esquerda para a direita: Cochet, Gabriela Cantarino, Madame Rurak e José Roquete.



## "Os pugilistas portugueses são todos de medíocre qualidade"

Declara Basílio de Oliveira

**D**ISSEMOS há tempos que recebêramos uma carta do antigo campeão de «box»-amador, Basílio de Oliveira, que durante bastantes anos viveu em Inglaterra e peijou por vários «rings», sendo um conhecedor consciente dos segredos da «nobre arte». Nessa carta, Basílio de Oliveira aplaudia uma doutrina por nós exarada nestas colunas sobre o panorama do pugilismo português e razões dos seus defeitos.

Os pontos de vista de Basílio de Oliveira eram bastante curiosos. E como partiam de um homem que nunca se deixou avassalar por propostas tentadoras e chorudas para ingressar no profissionalismo, levando afinal uma vida regrada como se tivesse que defender qualquer bolsa, as suas palavras ganham maior relevo e autoridade.

— Que lhe parece o estado do pugilismo nacional?...

— O mais enérgico possível, por via de incompetência e ignorância de uns e falta de conhecimentos técnicos dos «boxeadores».

Após o primeiro pensamento, Basílio de Oliveira prossegue:

— Da parte dos dirigentes não há o cuidado de promover competições para que os pugilistas possam aprender e aperfeiçoar-se. Ora, meu amigo, só nos «rings» se ganha experiência. — Havia em Lisboa duas organizações...

— Os organizadores não sabem cultivar, porque não semeando com grande antecedência, não podem esperar grandes colheitas. Se as empresas existentes realizassem provas alternadamente, de 15 em 15 dias para principiantes, não seria muito difícil con-

seguir-se um razoável número de amadores, que cuidadosamente preparados seriam amanhã bons profissionais. Atrair com um rapaz dotado de boas condições para altos empreendimentos, sem o deixar amadurecer, é um grave erro.

Animando-se:

— Se fôsemos os organizadores e «managers» que levassem os sócios, haveria entre nós menos pugilistas arrazados. É vulgar ouvir dizer-se que tal «boxeador» «encaixa» bem, e eu fico sem compreender o significado do termo. Se me disserem que êle esquiva bem, batendo ao mesmo tempo, acho excelente e reconheço-lhe apenas os conhecimentos técnicos, que todo o «boxeador» deve possuir para se defender dos duros golpes que os adversários executam. O tal «encaixe», de que tanto se fala, significa desconhecimento absoluto de esquivas e com a continuação de combater, dá-se então o inevitável, ou seja a destruição do homem que de começo se apresentou com todas as possibilidades de fazer carreira.

— A sua opinião sobre os pugilistas portugueses não tem, portanto, nada de animador...

— São todos de medíocre qualidade, por falta de escolas e professores que os orientem. Cêdo se convencem de que já sabem tudo e não precisam aprender mais nada!... Alguns até chegam a ensinar aos outros, os seus defeitos e vícios. Não há critério, nem método nos treinos. Fazem-se autênticas barbaridades. Vêm-se homens esmurçando-se mutuamente, inutilizando-se com a continuação dos golpes duros que trocam. Ora os treinos deviam ser o mais leve possíveis, no que diz respeito a luvas, reservando todos os sócios rijos para os combates. É exactamente o contrário que se dá, não surpreendendo que haja muitos pugilistas «tocados» pela violência dos treinos, — e ficam sem saber nada!

Definindo melhor a sua opinião:

— Nos treinos, o pugilista deve bater muito ao de leve, fazendo apenas esgrima de punhos para poder estudar a vontade os golpes, defesas e contra-ataques, e corrigir defeitos de preparação. Eu, dois anos depois de combater, ainda recobria lições do meu professor, ao qual pagava 500\$00 por dúzia e as despesas de transporte.

Outra transição:

— Depois, um homem que quer abraçar a vida profissional tem de viver única e exclusivamente para a profissão. Podia dar-lhe muitos exemplos da maneira como me conduzi sempre durante a minha longa carreira de pugilista — note bem, «amador» — mas basta que lhe diga isto: durante vinte e tal anos, às nove e um quarto da noite, estava na cama. E com os meus 58 anos, ainda muito recentemente, na festa do Silva Ruivo, mostrei para que serve uma cuidada preparação.

— O que preconiza para combater o mal que afflige o nosso pugilismo?

— Fazer com que os clubes e escolas mantenham classes de «box», escolhendo entre a «prata da casa» os homens mais competentes que possuímos, para ensinarem. Em Inglaterra, nas escolas e universidades, há



classes de «box», com proyas e campeonatos, o mesmo acontecendo na América. A Corporação da Polícia Inglesa tem os melhores amadores mundiais, que combatem constantemente em público e todos os anos realizam os seus campeonatos. Combatu muitos dos melhores amadores das 3 categorias: meios médios, médios e meios-pesados, nuns 200 combates que fiz.

— Fale-nos dos resultados desses combates...

— Isso, meu amigo, era uma conversa muito longa. Anote, em síntese: bati os melhores amadores e profissionais portugueses, alguns espanhóis, alemães e ingleses. Ganhé a Taça de Liverpool, em meios-médios; Campeonato do Norte da Inglaterra, em meios-médios e médios. Perdi 7 combates, por pontos, tendo obtido desforra vitoriosa em seis. O outro adversário recusou-se terminantemente a conceder-me novo encontro!

Uma pausa. E Basílio de Oliveira conclue o «seu caso»:

— Deixei de combater o campeão do mundo amador em duas ocasiões. Da primeira, parti um pulso e da segunda o meu adversário caiu de cama com uma pneumonia. Jack Johnson, com quem fiz uma demonstração, convidou-me a ir com êle à América, para me preparar para os campeonatos daquela nação e ingressar depois no profissionalismo, mas eu rejeitei. Também do Brasil tive um convite, quando cá bati um dos seus bons amadores, Tobias Xavier, mas nessa altura já eu tinha passagem marcada para Inglaterra, onde me ia casar!

— Obrigado, Basílio, pela palestra. Resumindo, V. acredita que o pugilismo português poderia vir a ser alguma coisa...

— Absolutamente. Desde que se tome a sério o seu ensino e os praticantes se convencam de que têm de seguir um regime rigoroso de preparação, far-se-á boa figura e o progresso será certo. Porque matéria-prima temo-la e da melhor.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



# A Europa não está em crise!

(Continuação da pág. 13)

Amoroso Lima. Imagine: em quatro séculos de história do Brasil, apenas uma vez, e por um só ano, as escolas superiores brasileiras ensinaram o que foi a nossa missão no mundo, como povos civilizadores!...

E, com um sorriso:  
— Mas não estamos sós. Sanchez Albornoz espírito lúcido e cultura sólida, antigo ministro da Argentina em Lisboa, queixa-se do mesmo, em relação a Espanha que não tem representação congênere nas escolas argentinas...

— Há quanto tempo funcionam as Faculdades de Filosofias, Ciências e Educação de São Paulo e Rio de Janeiro?

— Vai fazer 11 anos. A primeira foi criada em S. Paulo, durante o Governo de Armando Sales e o primeiro professor português que ocupou a cadeira que eu estou a reger, foi o Dr. Gonçalves Rebêlo. Desempenhou magistralmente a sua missão, não obstante ser o mais jovem professor universitário português com o ano do nascimento muito longe dos trinta...

O Dr. Fidelino Figueiredo, que vai regressar ao Brasil logo que a missão que o trouxe a Portugal lho permita, e que no Rio foi excepcionalmente distinguido com o convite para presidir ao júri de exames para professores dos ginásios, fala-nos ainda largo tempo do panorama brasileiro:

— Os centros de pesquisas científicas são hoje um valor prático comprovado. Equipas de especialistas norte-americanos e europeus trabalham ao lado dos brasileiros nos laboratórios porque o Brasil sabe rodear-se dos técnicos de que precisa. O reitor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Educação, dr. Jorge Americano conseguiu nesse campo apreciáveis resultados. Nos laboratórios as soluções extraídas para o esforço de guerra são já uma realidade, porque as pesquisas universitárias são dirigidas por sábios requisitados pelo Governo. E digo-lhe que a situação desses homens é excepcional. Como se sabe, o Brasil quer bastar-se a si próprio. Mas sempre que reconhece a necessidade de uma presença — não hesita: o Presidente põe a sua assinatura nos contratos.

Estamos no fim da entrevista. O problema da emigração portuguesa é abordado. Mas o Dr. Fidelino Figueiredo atalha:

— É melhor não falar nisso. Os países que abrem as suas veias à emigração perdem-se no conceito das nações e desperdiçam o melhor oiro que é a contribuição humana para o seu progresso.

— Mas se a terra é pequena...

— Que os portugueses façam das suas províncias ultramarinas outras nações como o Brasil. Que melhor missão nos pode ser atribuída? A emigração é sempre uma modalidade de exportação de carne humana. Mas, quando esta se faça, que se evitem os dissabores a que o pobre emigrante está exposto ao pôr os pés no barco que o leva através de um destino para que não está preparado.

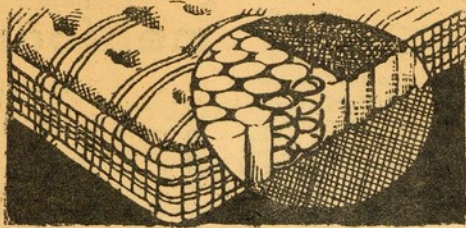
E, pondo o ponto final na entrevista:

— Pobres emigrantes, boçais e ignorantes que partem daqui, para quantas virtudes natas precisam de apelar, a fim de vencerem lá fora um meio civilizado que não era o seu!...

# AGUIAR

FABRICA: Campo 28 de Maio, 174 — Tel. 5 7235

ESTOFOS



DECORAÇÕES

COLCHÃO DE MOLINHAS «SUPER»  
25 ANOS DE FABRICO — PATENTE N.º 1651



Dois artigos de sensação neste número de «SINAL»

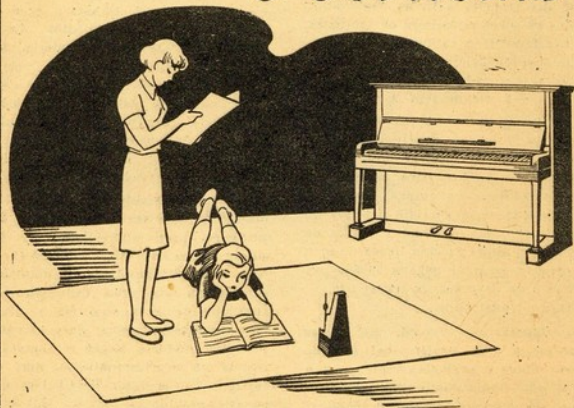
A carta de Moscovo  
A América, “o país das promessas”

Outras crónicas de palpitante actualidade:

O segundo empreendimento - “Irmãos...” - Nos bastidores da maçonaria italiana - Musas à porfia - Do ferro até à seda.

Muitas fotografias — Páginas a cores  
À venda o n.º I - Esc. 20\$00 ex.

# Pianos de cauda e verticais



EST. VALENTIM DE CARVALHO  
RUA NOVA DO ALMADA, 97  
LISBOA

LEIA TODOS OS SÁBADOS  
**VIDA MUNDIAL**

ESTE NÚMERO DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA  
FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
GRÁFICAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.ª,  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A CHARADA ANTI-CABRALISTA DE BERNARDINO MACHADO

**B**ERNARDINO Machado, petiz cheio de dinamismo, aspirou, a grandes traços, a atmosfera anti-cabralista da «Pátria». A «Mária da Fonte», símbolo clássico da mulher portuguesa, voluntariosa, pegada nos santos e aos predicadores de rebeldias, arraigara-se no Entre-Douro e Minho. Ali parava o futuro centenário, ali casaria, ali projectaria a sua figura histórica e imperturbável.

Os Cabrais! Todo um século de lutas encarniçadas, renitentes, encarna esse apelido beirão e famoso. Ora já o nosso familiar e fraterno democrata sentia latejar a vela charadística, literária e... anti-cabralista. Dessa remotíssima época data o seguinte enigma:

Há um U partido pelo meio. A seguir, uma cabrinha; uma lista elei-

toral, a letra é acentuada a preceito. Segunda parte da charada: outro U partido; a partícula «de»; e, imagens finais, uma fogueira com seus cavacos e um campanário minhoto a arder, tendo os sinos e sinetas a desaperderem-se e a deixar chamas e fumos.

A fórmula essencial da revolta foi, como é da história, o incêndio dos campanários. Assim se inter-comunicavam os rebeldes minhotos, comandados pelos oficiais migueleiros ou liberais descontentes.

Tradução da charada bernardina: «O partido cabralista é um partido de assassinos».

Tinha intenção, graça e, puxando-se um pouco as orelhas à «cabra» e à «lista», dá certo.

Os dois fraques ou a primeira casaca de Bernardino Machado

**E**RAM dois rapazes joviais, efusivos como todos os estudantes; penas poucas e preocupações nenhuma: chamavam-se Marçal Pacheco e Bernardino Machado. Seria à volta de 1870, talvez um pouco antes, quando muito um bocadinho depois.

Terminara o ciclo de vida colimbrã. Bernardino Machado, nascido no Rio de Janeiro, nessa segunda pátria de todos os portugueses, de cabeleira negra, nem a si próprio se reconheceria hoje em dia.

E Marçal Pacheco, filho de Loulé, verboso, imaginativo, de pelagem exuberante e não menos escura, possuía essa fatura capilar, roçando pelo azul-escuro, característica de quasi todos os louletanos-andaluzes.

Longe estava de sonhar com o que lhe reservava o futuro: vir a ser o Romero Robledo português, o estadista apurado, sagaz, talentoso. Apenas, e já bastante era, suara o seu curso superior em qualquer «república» da rua dos Militares. Para além disso, declarara guerra a todas as preocupações. Esse, o programa de qualquer rapaz e, também, o do doutor Bernardino Machado.

Recem-chegados a Lisboa, ainda convenientemente enrolados nas velhas, polimentadas, esfarrapadas ca-

pas, iam arrastando as semanas em qualquer quarto do Bairro Alto à espera de uns patacos abundantes, mandados pedir às respectivas famílias. Mas, nesses tempos primitivos, Loulé ficava tão distante de Lisboa, por via postal, como o Rio de Janeiro.

Até para dizer a verdade, mais distanciada, para créditos, a cidade de Lisboa, a capital do grande Império sul-americano, onde Bernardino Machado gozou, sempre, de títulos: pois quando não os teve de propriedade, usava os de sua casa, então chefiada pelo irmão mais velho, o barão de Joaze, camarista do imperador Pedro II, salvo erro ou omissão.

Neste intervalo, chegou um convite: um acontecimento, um facto sensacional, na Lisboa de há setenta e tal anos. Um lente, um liberalíssimo catadrático, convidava-os para um baile. Bernardino Machado queria ir; Marçal Pacheco também. Qualquer deles possuía a elasticidade de borracha ainda há pouco perdurável no antigo chefe de Estado.

A tal que o olho matreiro de Guerra Junqueiro assinalou e assim definiu, verticando-lhe um século de existência; Marçal Pacheco também. Qualquer deles possuía a elasticidade de borracha ainda há pouco perdurável no antigo chefe de Estado.

A tal que o olho matreiro de Guerra Junqueiro assinalou e assim definiu, verticando-lhe um século de existência; Marçal Pacheco também. Qualquer deles possuía a elasticidade de borracha ainda há pouco perdurável no antigo chefe de Estado.

— É elástico, e de borracha... Nada deitara o Bernardino abaixo...

Bellaram, saltaram, deitaram o quarto comum e todo o Bairro Alto todo inteiro ridículo da sua mocidade sem alteração intempestiva e reumática, como a de agora.

— E repara numa coisa — bradava Marçal Pacheco — aqui anda coisa do Fontes!

— O grande Fontes Pereira de Melo? Enão, é candidatura certa nas primeiras eleições! — comentava, cauteloso, Bernardino Machado.

— Vais ver que é Fulano é muito amigo de Cicrano, e este nada faz sem indicação do Fontes. Abaixo a delinquência e viva a locomotiva Viva o progresso; principalmente, que vivam os progressistas! — continuava Marçal Pacheco.

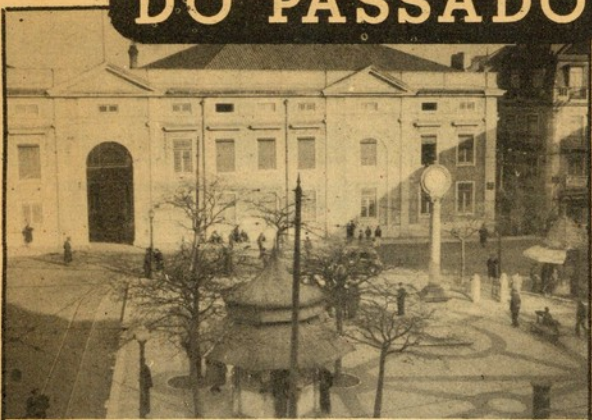
Nisto, exclamaram horrorizados: — Não temos trajes de etiqueta! Há quanto tempo já haviam desaparecido na voragem dos prestamistas da Couraça Alta ou do Arco de Almeida! Nem a memória havia deles e dos respectivos chapéus altos; dos de molas, daqueles que se fechavam, tlm, tlá, com um ruído seco e apropriado à entrada das casas de bom tom.

Mobilizaram-se todos os estudantes recém-vindos de Coimbra, único centro universitário. E, estes, discretamente, fraternalmente, empenhando-se no caso homens como Barjona de Freitas, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, requisitaram as velhas casacas palermas, as calças, os chapéus-cliques, fraques — um montão inverosímil de aprestos.

Em poucas horas, ajudados por affinets e sigilosas «coseduras» — alguns dos panos solenes tinham estado na revolução de 1820! — arranjaram-se solenes indumentárias.

Eias agostaram-se bastante bem. Quando no salão surgiu Fontes — pois fora ele o inductor, na verdade — Marçal Pacheco bradou a Bernardino Machado:

— Conquistamos o círculo mas não recuarei!



Os dois «Diários Populares»

Mariano de Carvalho e a luta com Mariano Pina ajudado por Mariano Prezado

**T**ODOS os dias, logo pela manhã, atravessava este largo da Palmatória, hoje em dia conhecido por Largo da Misericórdia, a figura popular de Mariano de Carvalho. Assim fez durante seus quarenta anos, até dias antes da sua morte, ocorrida em 1905, aquele que foi o maior jornalista do século XIX, o unico a quem o Sampaio da «Revolução de Setembro» e do «Espectro» temia, e que de Emídio Navarro, o fulgurantíssimo espírito extinto no mesmo ano, recebeu vênua e pública proclamação do seu génio jornalístico, da sua pericia de escritor e do seu tacto de lente de matemática da Escola Politécnica, de director-astrónomo do Observatório da Ajuda e...

Deixemo-nos de termos laudatórios. A margem anedótica dessa vida cheia de trabalhos e de lances talentosos do insigne jornalista dá para tudo. Teria dado para volumes inteiros, dentro da sua época, se Mariano de Carvalho, associado à mardocidade do seu espirito, tivesse a malícia nossa contemporânea em lugar da ingenuidade que o caracterizava.

Pois naquelas imediações das escadilhas do Duque ficava a redacção do «Diário Popular» — instituição viva, dinâmica, persistente, aferrada ainda hoje, numa longínqua retumbância, aos hábitos lisboetas, ou bairro-altescos. Era um prédio de pouco fundo, pardacento, hoje em dia completamente renovado. Não este, cuja composição de linhas denuncia rebóco recente e onde viveu, durante a sua vida intensa e brilhante, o diário «A Manhã», do qual já fizemos menção.

Intensa, preocupada era a vida de Mariano de Carvalho. Simultaneamente, escrevia colunas sobre colunas de magníficos editoriais e ecos no «Diário Popular», no «Primeiro de Janeiro» e na «Palavra». Metade da sua vida de espirito era para Lisboa e para o Paço das Necessidades, onde as suas invectivas e retumbantes campanhas ecoavam; e o resto para o Pôrto, a cidade invicta, cujas tradições liberais persistiam e se desdobravam nas instituições jornalísticas do «Primeiro de Janeiro», nascido da «Janeirinha» e da «Palavra», do visconde de Samodães — alma de socialista cristão a fulgurar no seu diadema de velho fidalgão modesto, talentoso e renovador.

Assim era. Mas, com tudo isso,

Mariano de Carvalho, orador eminente a par de jornalista, só reconheceu a consagração das garfoteas gazetilheiras de Urbano de Castro, o ilustre «João Saloos do «Diário Ilustrado», cujas versalhadas êle tomou demasiado em sério. No entanto, septuagénario, a sua voz ergueu-se, num repto de sensibilidade, e ante um parlamento de cépticos, umas galerias de arruacellos e um senado de anquilosados pares da Reino, uniu todos e subjugados, emocionados, electrizados, ante a voz do velho jornalista, que descera sobranceiro, na majestade plena do seu talento, da sua cadeira de ministro para a sua banqueta de deputado da Nação — as côrtes do Reino viveram o seu último dia de glória pura, inultrapassável, inexcédvel, aplaudindo, comunicando, fundindo-se com aquela figura de ressuscitado, de ancião coberto de câs e de glórias, e que meses depois caíra, prostrado, ao escrever, como um gigante, numa última fôlha de pergaminho a sua sigla de nobre filho do Sado e do Tejo — fontes sempiternas de força, pujança, saúde, renascença...

Todas as manhãs, todas as tardes... Sim. Ele trabalhava desde o radioso nascer do primeiro sol. Dava o tom e a meta aos seus simultâneos jornais, deveres e officios. Até que, sendo administrador do «Popular» Mariano Prezado, houve um conflito com Mariano Pina. Este julgou-se em condições de fazer uma «partidinha» e, aproveitando-se de um sábado, em plena férias judiciais, apareceu com uma mistificação do «Diário Popular». Evidente suplantação de personalidade jurídica, logo teve o protesto de Mariano de Carvalho, do qual eram redactores cheios de personalidade Tito Martins e Rafael Ferreira, então jovens e já acreditados escritores e jornalistas, além de cavalheiros bemquistos e autores de aplaudidas obras de bom e empolgante teatro. A luta entre os diversos Marianos teve o breve espaço de vida das rosas de Malherbe: «*et espace de un matin...*». Mas quem ganhou, por direito, por justiça e por próprio fóro e tradições jornalísticas, foi Mariano de Carvalho — cujo perfil sugestivo e persuasivo nos propomos, brevemente, evocar através de pena autorizada e eloquente, e não destas desvaliosas considerações.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA





# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### A BATALHA QUE NÃO SE DEU

É agora evidente que se a batalha de Bialistock-Minsk se tivesse desenrolado nas condições e com as características com que geralmente aparece relatada, todo o curso da campanha germano-russa teria um desenvolvimento completamente diferente daquele que, efectivamente, veio a conhecer. Por isso nos parece da maior importância insistir sobre esse ponto, pois do seu esclarecimento total depende a compreensão exacta do que se tem passado na frente leste.

Como temos referido, no pensamento do Alto Comando alemão e na versão dos seus órgãos de propagação, aquela batalha teria equivalido ao aprisionamento de mais de trezentos mil homens do exército soviético, os quais deviam constituir precisamente a sua «élite». As suas repercussões teriam sido, nessas condições, incalculáveis. A verdade, porém, é que a retirada das tropas russas, depois da batalha de Bialistock-Minsk, continuou a desenrolar-se metódicamente, embora sob uma pressão constante e crescente, mas sem nunca haver tomado os aspectos de desordem e desorganização que são a consequência inevitável das derrotas militares catastróficas, como no caso de Tannenberg.

As asas da tenaz que devia apanhar nas suas malhas as tropas soviéticas eram constituídas, uma pelos grupos blindados que, operando a partir de Vilna

através de Barisov, devia alcançar Minsk, ao mesmo tempo que a segunda atingiria esta última cidade passando por Brest Litovsk e Kobrin.

Antes que a junção se operasse tão perfeita e tão completamente como havia sido planeado, o comunicado russo de 27 de Junho deu conta dum grande batalha de carros travada ao norte de Minsk, na qual teriam sido aniquilados trezentos daqueles engenhos alemães. A junção das asas da tenaz da Wehrmacht fez-se em Minsk, mas numa altura em que o grosso das tropas russas estava a salvo dos seus efeitos e quando as «Panzer» haviam sofrido já um desgaste apreciado que obrigava a uma rectificação dos projectos inicialmente formulados. É por isso que alguns críticos militares classificam a batalha de cerco de Bialistock-Minsk como «a pancada dum êmbolo no vácuo», a qual serviu muito mais os fins compreensíveis da propaganda dum dos beligerantes do que as suas reais exigências militares.

### DOIS EXÉRCITOS CERCADOS

Outras razões, e não menos ponderosas do que aquelas que resultam do conhecimento de haverem sido aniquiladas algumas centenas de carros do 39.º Corpo de Exército Blindado do Reich, ao norte de Minsk, no dia 26 de Junho, são as que se torna lícito deduzir do cortejo dos comunicados que referem a qualidade e o número dos efectivos dados como cercados e aniquilados na região de Bialistock-Minsk.

As primeiras informações, sem qualquer carácter oficial ou fundamento oficioso, que davam conta da marcha da luta aludiam ao cerco iminente de dois exércitos soviéticos na área de Bialistock-Minsk. O comunicado alemão de 10 de Julho, a que já fizemos referência, diz que do cerco resultaram exactamente trezentos e trinta e dois mil prisioneiros. Estas duas versões são inconciliáveis como facilmente se demonstra.

Os exércitos ou grupos de exércitos, na nova orgânica militar dos soviéticos, viram sensivelmente diminuído o número dos seus efectivos iniciais dadas as características de extrema mobilidade que foi necessário emprestar-lhes. O número de divisões que passou a constituir um exército russo era mesmo, na altura em que a Wehrmacht entrou no aerriatório soviético, sensivelmente menor do que o número de divisões que compunham um exército alemão.

Só excepcionalmente dois exércitos russos totalizariam à volta de trezentos mil homens. Prender, desses trezentos mil homens, trezentos e vinte e dois mil era não apenas prender todos os soldados e oficiais que os compunham, o que era pouco verosímil, mas exceder mesmo um pouco esse número. O que, sob o ponto de vista militar como sob o ponto de vista do bom senso, deve considerar-se impossível.

Esta versão não aparece apenas contraditada pelos factos subsequentes mas pelas próprias apreciações dos mais autorizados críticos militares alemães que, naquela altura, não deixaram de pôr em relevo os factos a que nos referimos, embora não se julgassem em condições de tirar deles as conclusões que a sua competência profissional certamente lhes ditaria. Entretanto, a distância, o seu depoimento reveste-se neste momento da maior importância pela luz que vem lançar sobre a batalha das fronteiras e pelas revelações esclarecedoras que implica.

### O TESTEMUNHO DOS TÉCNICOS

O crítico militar do «Vielkisher Beobachter», coronel Soldan, escrevia, por exemplo, em 19 de Julho: «A diferença essencial que há entre a vitória que conseguimos no ano de 1914 em Tannenberg e aquela que agora alcançamos em Bialistock está em que, no primeiro caso, os russos cercados se renderam até ao último homem, enquanto no segundo combateram até final. Isto deve considerar-se um fenómeno tanto mais estranho, quanto é certo que, tanto na campanha da Polónia como na campanha da França, os nossos inimigos lançavam fora as armas logo que se compenetravam de que estavam cercados e de que era perfeitamente inútil a continuação da resistência. Mais tarde se verá que, em condições idênticas, os bolchevistas, mesmo nas situações mais desesperadas, atacavam e voltavam a atacar as forças alemãs».

Isto significa que o cerco de dois exércitos soviéticos poderia praticamente terminar pelo seu aniquilamento total mas não pelo seu aprisionamento. Max Werner, que é o mais autorizado e o mais conhecido intérprete da doutrina da «pancada do êmbolo no vácuo», para caracterizar a batalha de Bialistock-Minsk reproduz, em defesa da sua tese, que hoje está largamente divulgada e se encontra em grande parte pelo menos confirmada pelos factos, o depoimento de muitos dos mais conhecidos repórteres de guerra que acampanharam as primeiras ope-



Para atravessar os rios, quando as neves deixaram livres as águas serenas, os soldados servem-se deste estranho equipamento: uma espécie de raqueta a servir de remo e um salva-vidas que os mantém à superfície.





Os números atingiram, nesta campanha da Rússia, expressões verdadeiramente astronômicas. Dos milhares de tanques e aviões destruídos em cada dia, é preciso juntar as legiões de prisioneiros, como esta composta de elementos russos.

rações da Wehrmacht na Rússia, fazendo parte das brigadas de propaganda cuidadosamente preparadas pelo Alto Comando.

Todos são unânimes em reconhecer o carácter inédito e duro da luta travada na frente leste. «No campo, dizem eles, o inimigo uma vez batido não se submete. Organiza a luta de guerrilhas e continua a obedecer às ordens dimanadas das autoridades locais, as quais por sua vez se encontram em contacto com os chefes militares. Nas cidades pratica a política da terra queimada e conduz combates de casa para casa até ao último reduto tomando assim difícil a ocupação dos grandes centros urbanos e dos locais da sua indústria de guerra».

## ALGUNS DEPOIMENTOS

O correspondente de guerra da «Frankfurter Zeitung» podia escrever em 4 de Julho: «Os soldados soviéticos fazem a guerra individual opondo uma enérgica resistência. Deixam a nossa infantaria avançar apenas para a poderem visar, de maneira mais eficaz. Metidos no meio de esconderijos, cuidadosamente preparados, ou instalados no cimo dos telhados, deixam aproximar os nossos soldados para depois abrirem fogo contra eles».

No dia 13 do mesmo mês, o correspondente da «Der Neue Tag» escrevia: «Individualmente considerado, o soldado russo mostra grande aptidão para construir defesas na terra, preparar trincheiras ou cavar abrigos. Sobretudo mostra-se especializado na arte do ardil e da camuflagem e na utilização do terreno. Refugiando-se nas florestas ou utilizando outros meios de protecção, é das árvores e dos telhados que mais freqüentemente se utiliza para abrir fogo contra as nossas retaguardas».

Na mesma altura, a «Frankfurter Zeitung» voltou a tratar o mesmo assunto sob o mesmo aspecto, escrevendo em 19 de Julho: «Nos últimos combates os bolchevistas esforçaram-se por opor a todas as nossas atitudes táticas idênticas. Não se trata, porém, duma simples improvisação mas do resultado de muitos anos de treino militar apropriado. Esse treino abrangeu, não apenas a teoria geral da guerra, mas alargou-se à definição da tarefa pessoal de cada um dos soldados colocados perante as exigências da luta. Durante os últimos dias, nenhuma das nossas iniciativas deixou de deparar com a tenacidade quase insensata do inimigo revelada em contra-ataques e em enérgicas medidas de defesa».

A batalha das fronteiras não constituiu uma excepção a esta regra geral, desassombadamente afirmada pelos alemães, e especialmente pelos que na Alemanha tinham a responsabilidade da condução das operações, desde os primeiros dias da sua ofensiva. Aquela batalha revelou, da parte dos russos, um conhecimento exacto das armas que estavam empregando e uma adaptação fácil às exigências da luta no terreno. Estas circunstâncias eram incompatíveis com uma batalha de cerco liquidada pelo aprisionamento total e sem combate aos elementos cercados.

## O EMPRÊGO DOS CARROS

De entre essas armas, foram precisamente o avião e o carro de combate aquelas que os soldados e os oficiais do exército russo revelaram maior aptidão para manobrar, durante os primeiros dias da luta quando a batalha de Minsk se deu. Este facto, que teve uma influência decisiva na marcha ulterior dos acontecimentos, deve considerar-se tanto mais inesperado quanto é certo que se tratava dum país onde o esforço de industrialização se intensificara apenas nos últimos tempos, e onde, por consequência, a base de recrutamento militar estava nas largas manchas de população rural que constituem o fundo demográfico da U. R. S. S.

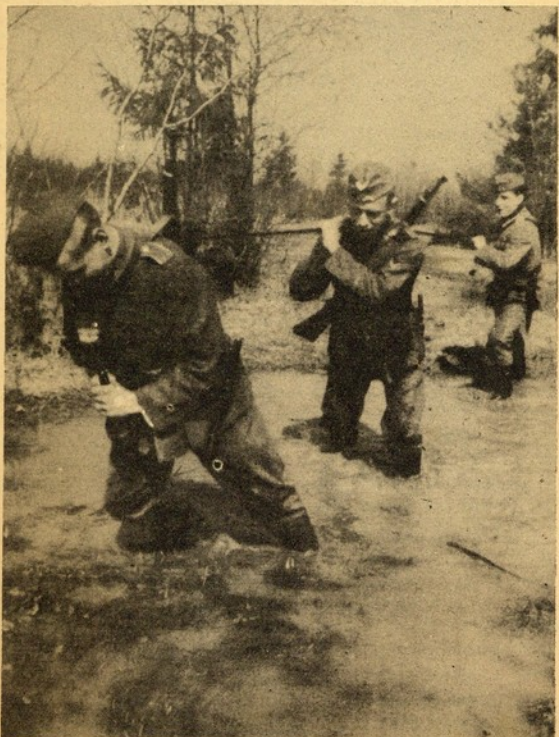
A manobra de «tanks» realizada pelos russos, entre 24 e 26 de Junho, na área de Minsk, foi a primeira afirmação duma capacidade de realização que punha em causa os planos do O. K. W., naturalmente influenciado pela concepção da batalha de cerco e ainda influenciado pelos antecedentes da última e da presente conflagração.

O emprêgo, em larga escala, dos engenhos blindados, liquidando-se por batalhas de cerco de grande envergadura, dera à Wehrmacht a vitória ao fim de deztois dias na Poló-

nia, ao fim de doze dias em França, ao fim de dez dias nos Balcans. Nos três casos o aniquilamento das forças do adversário abria-lhe o caminho das capitais: Varsóvia, Paris, Atenas, cuja posse significava o êxito sem remissão das armas alemãs. Esse caminho quando os soldados alemães tiveram de o percorrer esteve sempre francamente desimpedido.

A campanha de leste oferecia características completamente diferentes desde o início. O emprêgo da arma blindada deparara com engenhos idênticos, manobrados com idêntica aptidão. A batalha de cerco não se traduziu pelo aniquilamento das melhores forças do adversário. Entretanto, era necessário procurar o caminho de Moscovo e percorrê-lo. A diferença estava em que, ao contrário do que acontecera com os caminhos que haviam levado a Varsóvia, a Paris e a Atenas, esse caminho estava bloqueado por um exército que dispunha de armas idênticas ao do atacante e utilizava um idêntico espírito combativo.

(Continua)



Soldados telegrafistas e de informações alemães estendem um cabo que vai ser montado através da lama do degelo que sobe à altura dos joelhos





# O Teatro de Amadores nos Estados Unidos

Por ISABEL ROSS

Durante o ano passado, cerca de 500.000 produções teatrais foram postas em cena por amadores, em todos os Estados Unidos, das quais 75.000 eram da autoria de americanos. As produções variam de grande simplicidade ao extremo artifício; das de valor reduzido às que merecem a honra de ser representadas no Little Country Theatre, em Fargo, North Dakota, um dos mais bem equipados teatros da província, em todos os Estados Unidos. De uma costa à outra do país, em aldeias e grandes cidades, em herdades agrícolas, universidades, liceus, igrejas e vários outros centros, centenas de grupos se dedicam à arte dramática com verdadeira devoção.

Este é que é, essencialmente, o teatro norte-americano e não o da Broadway ou de Hollywood. É ele que representa o esforço, a tenacidade e o espírito artísticos do jovem americano. É ele que transmite a voz de todas as classes americanas, do mais culto estudante universitário ao mais humilde trabalhador. É ele que transmite a voz dos rapazes e raparigas que são capazes de arrostar as maiores tempestades de neve, apenas para não deixarem de assistir a um recital escolar, de ouvir um coro de gente de campo cantando e «Marchando pelas Nuvens com Deus», ou de colaborar numa representação de Ibsen, numa localidade isolada.

## O TEATRO ESCOLAR

O principal incentivo do teatro de amadores nasce nas universidades e liceus, onde a arte dramática faz parte do plano de estudos, havendo, actualmente, numerosas universidades que mantêm cursos especiais de produção teatral.

Existem nos Estados Unidos 65.000 grupos de amadores dramáticos, compostos, na maioria, por estudantes universitários e liceais. Estes, os dos liceus, que se reúnem em numerosas associações dramáticas, produzem, por temporada, qualquer coisa como 25 peças originais, para a apresentação das quais constroem os seus próprios cenários, sendo ainda eles que montam a instalação eléctrica e tudo o mais necessário. Muitos liceus possuem palcos perfeitamente equipados com todos os apetrechos.

Em certas regiões, é tal a procura de professores liceais de arte dramática, que as universidades mantêm cursos de preparação para este fim. Algumas, como as Universidades de Iowa e Cornell, ministram o ensino através de secções de oratória.

Contudo, as universidades não limitam aqui a sua acção, pois ministram ensinamentos de realiação, encenação, efeitos de luz e caracterização. Envia grupos de estudantes a diversos pontos rurais da região para estimularem os habitantes a produzir as suas próprias peças e é tal o avanço alcançado nestes campos que o número de universitários — rapazes e raparigas — preparados para ensinar os diversos aspectos da arte dramática, não tem precedentes na vida académica dos Estados Unidos.

A arte dramática nas cidades de província interessa profundamente as universidades e escolas agrícolas do Médio Oriente, que, nas duas últimas décadas, têm enviado companhias de estudantes actores a certas regiões, para ali ministrarem os seus ensinamentos aos aldeões e lavradores.

Dois nomes que muito auxiliam o desenvolvimento do teatro na América rural, são os de Frederick H. Koch, professor de literatura teatral na Universidade de North Carolina, e Alfred G. Arvold, regente da mesma cadeira na Escola Agrícola de Fargo, North Dakota. Em 1915, Koch formou uma companhia teatral denominada «The Playmakers», que em breve se ramificou por todo o Estado de

North Carolina em grupos a que se dava o nome de grandes artistas e dramaturgos, como, por exemplo, Sarah Bernhardt, John Barrymore e William Shakespeare. A Universidade a que pertence é uma das mais activas do país, no campo da arte dramática.

Arvold converteu uma velha capela da escola de que é professor, no famoso Little Country Theatre, cujo palco tem sido pisado pelas maiores celebridades do meio teatral de todo o mundo. Na sua biblioteca, guarda-se a melhor colecção de literatura teatral existente nos Estados Unidos, entre a qual se encontram obras autografadas de Bernard Shaw, David Belasco, Daniel Frohman, John Drew e vários outros grandes dramaturgos.

Numa sala decorada com motivos rurais, mobilada com toscos bancos, mesas de pinho, curiosos objectos de arte e iluminada pela luz de lanternas, preparam-se e discutem-se peças a apresentar. Oferecida pelo famoso violinista Fritz Kreisler, a história dessa sala, traduzida em 26 línguas, foi distribuída aos delegados de diversos países à Conferência Internacional de Vida Rural, que se reuniu na Bélgica em 1950.

O teatro de Fargo especializou-se, principalmente, em peças de fácil ence-

nação por amadores. Milhares de pessoas assistem aos seus festivais, programas teatrais e palestras sobre arte dramática.

## A ARTE DRAMÁTICA NO CAMPO

Com a sua enorme actividade, Arvold impulsionou extraordinariamente a arte teatral em todo o Estado. O resultado é que, em numerosas localidades, as peças são representadas em armazéns, campos de «base-ball», celeiros e outros recintos semelhantes.

O teatro de motivos agrícolas merece a preferência das regiões rurais, o que se podia verificar pelos milhares de camponeses que, antes da guerra, atravessavam as extensas pradarias, apenas para assistir às representações de «The Land of Royal Coon» («A terra do trigo real») e «The Enchantment of Spring» («O encanto da primavera»). Numa pequena aldeia de 1.089 habitantes apenas, pôs-se em cena a peça intitulada «The Story of Grand Forks Country», representada por um elenco de 1.000 pessoas, entre as quais se encontravam um bebé de sete meses e um homem de 65 anos.

Um exemplo flagrante do desenvolvimento da arte dramática nos Estados Unidos, é apresentado pela Universidade de Colorado, onde o teatro faz parte do curso de literatura inglesa. Nessa Universidade, as peças são musicadas pelos alunos da Escola de Música. Os cenários e figurinos são de autoria dos estudantes de Belas-Artes.

O teatro religioso é posto em cena pelas igrejas, interpretado por grupos especiais — como o Pilgrim Players, de Santa Mónica, Califórnia, e o Fireside Players, de Nova York. O «Drama da Paixão» tem contribuído para a popularidade desse género de teatro. Josef Meier, que interpreta Jesus e dirige a companhia, instalou-se em 1937 na América após ter saído da Alemanha. O seu grupo é formado de gente da Westphalia — hoje cidadãos americanos — que não pretendem regressar à Alemanha nazi.

Existe ainda na América um forte interesse pelo teatro de «marionettes», havendo grupos que percorrem o país, levando a toda a parte o encanto desses bonecos que parecem falar e sentir como gente.

Hoje, mais do que nunca, o teatro desempenha um papel primordial na vida dos Estados Unidos.

Crianças do campo cantam numa cena da peça baseada na novela de Gladys Hasty Carroll, intitulada «As the Earth Turns».



Gladys Hasty Carroll, conhecida escritora dramática americana, lê a introdução da sua peça intitulada «As the Earth Turns», perante a assistência de um teatro de verão, em South Berwick Maine.

O teatro norte-americano exerce uma poderosa influência sobre a vida cultural da nação. Os seus espectáculos, bastante variados, dirigem-se sempre ao encontro do interesse do público, dos ideais políticos e da perfeição artística. Todos os géneros de teatro encontram públicos nos Estados Unidos, que, no teatro, tal como na literatura, altera constantemente as suas preferências.

Nos teatros da Broadway, o famoso centro teatral de Nova York, os melhores artistas de outros países, além dos americanos, representam as mais famosas peças dos mais notáveis dramaturgos universais. Nos últimos anos, entretanto, um grupo de famosos dramaturgos americanos libertou-se da tradição, para exprimir nas suas obras os múltiplos aspectos da vida americana com elevado poder descritivo e imaginação, ao mesmo tempo que grupos de amadores prestavam a sua contribuição própria em prol do teatro nacional.

Broadway era verdadeiramente o centro do teatro americano. Nas fachadas dos seus teatros brilhavam luminosamente os nomes dos maiores artistas americanos e europeus. Os visitantes de todo o mundo, para lá se dirigiam inevitavelmente e Times Square era uma verdadeira Babilónia moderna. Dali partiam as companhias que levavam o teatro a todos os recantos do país, antes do cinema haver lançado a sua réde. Jornais e revistas votavam espaço ilimitado das suas colunas a assuntos relativos ao teatro e seus artistas.

Actualmente, esse quadro encontra-se um tanto mudado. Se bem que o teatro profissional ainda constitui uma poderosa arma, o povo procurou criar o seu teatro próprio, que conta também com a colaboração dos verdadeiros talentos, embora menos conhecidos do público. Organizaram-se grupos que escrevem as suas peças, representam-nas e fazem do teatro parte integrante da sua vida de sociedade.



**PETROLEO COM IODO CLIPER'S**

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao todo que o produto contém



*Nem um só cabelo!*

Emetese a cobrança

**CLIPER'S**

Pedidos aos distribuidores

FRASCO 20 ESCUDOS

LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA



**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil  
Peça folhetos grátis á

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

**EMISSIONES DIARIAS**

**OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA**

TELEF. — 2 0244  
TELEG.—PAPELCAZ

Papelaria **Carlos**  
de Carlos Carneiro, s.º

SECCOES DE VALORES / SELADOS E TABACAGIA

ESTABELECIAMENTO DE EMPLACAMENTO ESPECIALIZADO

GRANDE SOBRIPO DE ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITORIO

**RUA DO OURO, LISBOA**

**Os homens que lidam com a morte**

(Continuação da pág. 17)

7.200 K W A. correspondendo a 100.000 cavalos-vapor. Os transformadores, cuja missão é levantar a tensão para o transporte, trabalham continuamente. Ai os operários, com ferramentas convenientemente isoladas, — todas as máquinas estão protegidas com rédes — vigiam cuidadosamente. A energia sai da Central, actualmente por 8 cabos a 3.300 volts, 10 a 10.000 volts e 2 30.000 volts, que servem para a distribuição e alimentação das sub-estações estabelecidas em vários pontos da cidade. Toda a área de Lisboa e concelhos limítrofes (Oeiras, Cascais Sintra, Mafra e Loures), têm electricidade fornecida pela Central Tejo. Uma linha com 90 kms. distribue energia, ao largo do Tejo até Santarém. Desta linha derivam ramais para Torres Vedras, Ota e Alentejo.

\*\*\*

Dirige a Central Tejo à beira do rio, o senhor eng. Mariz Simões, que vive junto da fábrica. É seu adjunto o sr. eng. Pedro Alvarés — dois homens, que, no meio de dedicados operários têm sobre os ombros o pesado encargo da luz nunca faltar na cidade...

— E quando falta — diz-nos o senhor eng. Mariz Simões — o desarranjo não é na Central. É na rede — basta que um rato se atravesse... — em qualquer sub-estação que prontamente, pelo serviço de piquetes se vai reparar. Aqui não há correias que saltem, nem parafusos que saíem — como é costume dizer-se por ai...

O serviço de despachos que funciona na Boavista está atento e localiza a avaria. Quando se dá um desarranjo na Central — e já se têm

dado alguns — isso então é coisa mais séria... e a cidade não pode ficar às escuras.

MANUEL MARTINHO



Ela porém, é que precisava de dois açóites por lhe não limpar a roupa com o

**CASULO Limpa-Fatos**

que torna os fatos como novos e mais duráveis: elimina-lhes nódoas, lustro, mau cheiro, delecta-os e limpa-os.

Produto maravilhoso, sintese de 6 substâncias químicas inofensivas. Actua sobre os tecidos, renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de solução.

Em todas as drogarias



REVENDA:  
**SCHROETER & ALMEIDA**  
Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

**PASTA MEDICINAL**

*Couto*

*Evita as doenças da boca*

TEMPO VERILITE

Não peça a sorte... peça

**Niepoort**

**P A P Y R U S**

**PAPYRUS** — O melhor papel para escrever  
**PAPYRUS** — O melhor papel para imprimir  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Títulos de Crédito  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Apólices, etc.  
**PAPYRUS** — Os melhores livros comerciais  
**PAPYRUS** — Os melhores sobrescritos  
**PAPYRUS** — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:  
**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correiros, 70  
LISBOA  
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

Evita e trata todas as doenças da boca como: Piorreia, gengivites, cária dentária, etc.

**Sulfadentina**

A ÚNICA PASTA DENTÍFRICA COM SULFADENTINA

Unico depositário: **PAOLO COCCO**  
Rua Andrade, 4, r/c., Esq. — LISBOA

A venda em todas as farmácias e nas melhores casas da especialidade



# ★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

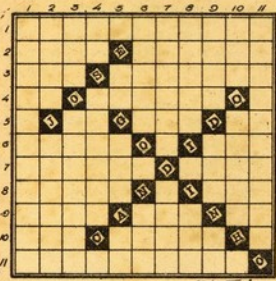
PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 14

Por Jerónimo Pinteus de Sousa

LISBOA



Enunciado

**HORIZONTAIS:** 1—A que faz cálculos. 2—Discursai; anular. 3—Chefe etíope; colhem. 4—Reis; guarnecerão de asas. 5—Cruel (inv.º); sadias; aparecia. 6—Calhaus; acóla. 7—Sulcaria; cavidade. 8—Solo; eco. 9—Embarcação ligeira; alimento; único. 10—Caminho; apelido. 11—Certificara.

**VERTICAIS:** 1—Que estabelece logicamente uma relação (fem.). 2—Discursas; praias. 3—Dificuldade; separas. 4—Letra grega; ligue. 5—Art. (plur.); fecha as asas para descer mais depressa; abreviatura de epagos. 6—Bofetadas; pedaço de madeira. 7—Fizeras abas a; nome de mulher. 8—Possuidoras; ovário dos peixes. 9—Vejo; prep. e art. (plur.); clima. 10—Braço de rio geralmente navegável; brancos. 11—Equiparlamos.

Problema n.º 13

Solução

**HORIZONTAIS:** 1—Trocias; 2—Raras; cães. 3—Elas; mocas. 4—Saissem; adi. 5—Só; on. 6—Al; de. 7—Lia; incerta. 8—Sarda; ovas. 9—Adro; atara. 10—Roeu; brassas.

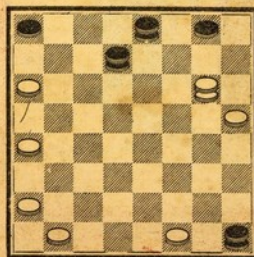
**VERTICAIS:** 1—Três; valsar. Rala; liado. 3—Orais; arre. 4—Cãs; solidou. 5—As; na. 6—Me; ar. 7—Acomode; ita. 8—Laca; ervas. 9—Veado; tara. 10—Ássi-na; asas

## DAMAS

PROBLEMA N.º 7 (Concurso)

Por Vitorino de Sousa Valverde

Nazaré



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

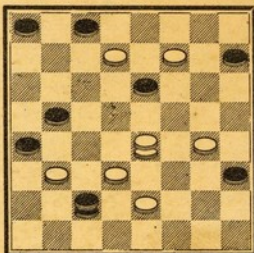
B—Pedras em 2, 4, 8, 16, 17 e 24.  
Dama em 21.

P—Pedras em 29 e 32.  
Damas em 1, 27 e 30.

PROBLEMA N.º 8 (Concurso)

Por Luis António David (Lisboa)

(Dedicado a Fernando Martins, campeão de Lisboa de Jogo das «Damas», em 1.ª categoria)



Jogam as brancas e ganham.

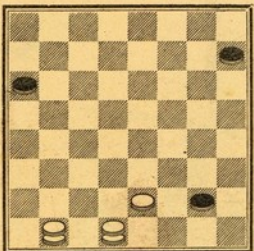
Colocação das peças:

B—Pedras em 11, 12, 13, 26 e 27.  
Dama em 14.

P—Pedras em 9, 16, 20, 22, 25, 31 e 32.  
Dama em 7.

FINAL DE JOGO N.º 5

Por Francisco Henriques (Almeirim)



Jogam as brancas e ganham.

O autor dedica este Final ao seu amigo e distinto «damista» José Rodrigues Lopes, de Lisboa.  
Nota—Este Final não faz parte do Concurso, e por isso leva o número de ordem correspondente aos trabalhos publicados antes do referido Concurso.

PROBLEMA N.º 5 (Concurso)

Solução

2-6	13-18	15-19	19-22
9-2 (D)	2-11-4	24-15	26-19
14-23-30	10-13	30-17-6-24-31	
4-21	17-10	P.	g.

PROBLEMA N.º 6 (Concurso)

Solução

22-26	21-26	4-7	3-6
29-22-13	30-21	11-4	4-18
2-5	19-22	16-23-30	
9-2	2-11-20	18-27	
30-16-3-17-30			
P.			g.

SOLUÇÃO

da posição da «Forçada» proposta pelo sr. Capitão Borges na «Vida Mundial Ilustrada» n.º 139

1.ª hipótese

6.	7.	9-31	8.	31-9
8-19	10-3	19-10		
9-2	2-9	9-2		
9.	10.	10-5	11.	11-24

12.	2-11	ganham.		
	24-6			
2.ª hipótese				
6.	7.	9-31	8.	31-27
8-19	10-3	11-20		
27-16	16-7			
9.	10.	3-12	ganham.	
19-12				
3.ª hipótese				
6.	7.	9-27	8.	27-30
8-19	10-6	6-3		
30-17	17-30	30-17		
9.	10.	14-21	11.	19-10
11-14				

(jogo de esp.)

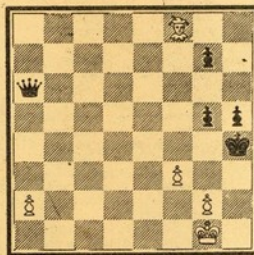
17-6  
12. ganham.  
3-10

## XADREZ

FINAL N.º 1

Por K. A. L. Kubbel

Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham.

FINAL N.º 9 (Prokop)

Solução

1. R3C, P5T+; 2. R4A, P6T;  
3. R5D, P8T (D); 4. AXD, PTT;  
5. R5R, RXP; 6. R5A+ e ganha.

## CHARADAS

PARAGÓGICAS

1) A disciplina faz parte da educação do homem civilizado.—4-5

Lisboa

Teimar

2) A doença encontra campo próprio nas casas insalubres.—1-2

Lisboa

Teimar

3) Cultiva a terra com ardor para que não nos falte o sustento.—3-4

Lisboa

Teimar

4) A fome é o receio do pobre.—2-3

Lisboa

Teimar

NOVISSIMAS

5) Castiga todo aquele que se entrega ao vício abominável.—5-1

Lisboa

Viega

6) A virtude deve esar sempre para servir a caridade.—1-2

Lisboa

Viega

7) A incúria é um dos muitos defeitos de negligente.—3-1

Lisboa

Viega

Ventura  
par... lamentar

Por Zéco



—É preciso melhorar a situação das massas operárias...



...Trabalhadores!... Gente humilde, gente boa, que viveu humilhada pela tirania patronal, contai com o meu apoio...



...Eu saberei sacrificar os meus interesses para defender os vossos...



—Maldita mónica que me fez engasga: no melhor do meu belo discurso!



# PAISAGEM INTIMA

Uma novela de MANUEL ANSELMO

Ilustração de RUDY

**E**LA chegou quasi em pontas de pés. Trazia uma saia de flanela, quentes meias de lã, uns olhos terrivelmente castanhos, como que espavoridos, e a sua pele branca, parecido horrificada continuamente de pó de arroz. Um leve arno insinuava-se nos trismos dos seus lábios. O tio advertiu-a:

— Cautela, Ivone. Não te sujes nas tintas... O seu atelier de pintor mundano e célebre resplandecia aquêle só quasi envergonhado de Janeiro. A soturnidade gris do ambiente sobressaltava-se de momentos a momentos com os dardos dourados, e por vezes obliquos, de uma claridade inesperada e tão singular que nem sempre aquecia os corpos. Mas Ivone regressara já ao seu mundo de bonitos e surpreendia nos violáceos e azulinos das telas de seu tio uma imensidade de problemas infantis.

— Tio, aquela senhora é a mamã? — perguntou-lhe a certa altura, apontando com seu dedo interrogativo um desenho que dominava o fundo do atelier. Representava uma mulher esguia, com sobranceiras cerradas e umas pestanas quasi misteriosas à força do crimmelo. O pincel deixara em suspenso o desabrochar de um sorriso talvez perverso.

Gonçalves da Maia demorava a resposta, como se esta o envergonhasse intimamente. Mas acabou por tilbiar, nervosamente:

— É um desenho qualquer, Ivone. A tua Mãe era mais linda...

— Ah! parecia-se tanto!

Ivone voltou logo aos seus conhecidos de velha data: a boneca de borracha e ar, simulando uma bailarina, e o cãozinho feipudo, comprado ainda no tempo da mãezinha, numa loja de brinquedos da Baixa. Tagarelando com elas, com estima e desenvoltura, ia recomendoando as mesmas histórias de fadas e Menino-Deus que ela na santa ingenuidade dos seus anos, recolhera na lembrança deslumbrada. A sua voz, que Gonçalves da Maia ia escutando, tinha acentos de água caindo de fonte mansa.

A tela grande, em que o sorriso tentador parecia abrir-se à medida em que a luz aumentava, apontava para Ivone os olhos líquidos, de tinta azul inglesa, cheios de pesquisa e ironia. O pintor olhava com estranheza para aquêle diálogo anónimo, felino, entre uma tela súbitamente aquecida pela imaginação do próprio artista e aquela criança feliz, inocente, que estava agora a distribuir pela boneca e pelo cãozinho um ramo de violetas quasi murchas.

— Repara, Carlos, como tu a amas ainda... A filha que tu recolheste e educas é uma presença querida daquela Elsa que tu idolatravas. Eu sou um derivativo...

Imaginava já os acessos de raiva que a certeza disso provocaria naquela húngara que conseguira domesticá-lo. Sim, fora a mãe de Ivone, à sua querida Elsa, que amara como a nenhuma outra. Dera-se, porém, o desastre de automóvel em que, êle próprio esteve prestes a sossobrar. Passaram-se anos. Recolhera a Ivone, educando-a com todos os mimos, mas quem actualmente dominava a sua carne era a outra — essa húngara cujo fascínio se impregnara à própria tela que o fitava, de longe, agora quasi que com piedade...

Era bonita, apesar dos cabelos oxigenados e daquelas pernas magras, demasiadamente magras. Tanta era, porém, a sua distinção e tamanho o seu charme pessoal que, ao envi-la em Paris, disreterar sobre Picasso no atelier de um seu colega brasileiro, Gonçalves da Maia a fitara como se em seus olhos, que de manhã eram verdes para poderem parecer de tarde azues, tivesse encontrado o apêlo daquela estrela que é o primeiro vagido de todos nós. Sônia — lhe dissera depois que se chamava ela quando, acalmada a carne, o mistério do seu corpo lhe parecera da própria cor de um poema.

Elsa decidira fugir-lhe então, numa vingança mesquinha, para os braços do futuro pai de Ivone. Bem soubera êle quanto isso tinha significado de lágrimas e desespero para a jó-ven loira, ainda sua prima, que nascera quasi no mesmo dia que êle e no velho casarão de aldeia que era, então, propriedade dos comuns avós maternos. Elsa amara-o com sofreguidão,

nada lhe tendo recusado. Esse sentimento parecia, porém, fluído à vista da vertigem que unira a sua carne à de Sônia, naquela tarde cinzenta de Paris, depois da discussão sobre Picasso. O desastre de automóvel escangalhara todos os anteriores projectos matrimoniais — depois da desilusão de Elsa nos braços do pai de Ivone, de que se separara a tempo, dias antes do desastre, para poder regressar ao carinho sensual e lírico de Gonçalves da Maia. O seu testamento de amor fora Ivone — que o pintor perfilhara e ia criando mais como ave palradora e mimalha que como filha. Sônia soubera de tudo e queilava-o a todo o momento. Os olhos de Elsa sorriam, porém, nas pupilas de Ivone — e Gonçalves da Maia fora-se habituando aquêle pairole inocente, melgo, que iluminava de luz matinal as primeiras sombras dos seus quarenta e tal anos.

— Tili, a boneca diz que quer pintar... Chegara o momento em que ela pretendia brincar com as tintas. Borrava, então, uma tela de traços polcromos desenhados a êsmo e sem qualquer itinerário ou intenção. O pintor esperava que daquêles traços avulsos, infantis, pudesse transparecer um dia a esperada vocação.

O telefone retiniu, porém. Era Sônia que o reclamava imediatamente. Queria tomar chá com êle e matar as saudades. Ou então ir posar ao atelier para o seu retrato.

— Quem telefonou, tili? Foi a mamã?... — Não, meu amor. Foi uma senhora... Pareceu-lhe que o amio inicial recomençara nos lábios carnu-dos. Ela nada obtemperou, limitando-se a arremessar o cãozinho, com que brincava, de encontro à tela.

— Tenho de sair, querida. Vamos para casa.

A campanha da porta tilintou, porém, daí a pouco, quando ambos, já reconciliados, se preparavam para subir as escadas que ligavam o atelier à sala de jantar do primeiro andar. Sônia chegava, inesperadamente, com a mesma destemida desenvoltura de sempre. Tinham combinado ir encontrar-se numa casa de chá na Baixa. Ela decidira, porém, por birra nervosa e talvez fascizadora, vir buscá-lo. Ela, agora, imensamente bela, fitando Ivone que a olhava com olhos inimigos.

— Quem é esta senhora tili? — interrogou a sua vozita mimalha, inocente.

— Uma senhora minha amiga, querida. Cumprimenta-a e sobe. A Sr.<sup>a</sup> Joana levar-te-á ao jardim...

Sônia continuava a friccionar os seus olhos verde-azues, perversos, felinos, de encontro à cabeleira murmurante de Ivone — e não pro-

nunciava uma só palavra. Parecia-lhe que Elsa revivia ali na filha — e lhe lançava um desafio póstumo daquela mal-humorada vivacidade infantil.

Ivone lá foi subindo as escadas, muda e resignada, mas lançando para Sônia uma antipatia cuja ferocidade parecia naquele silêncio odioso ganhar voz. Quando ela desapareceu de vez e Gonçalves da Maia ia tentar esboçar um sorriso de reconciliação, Sônia, molhando de ironia uma aparência de tristeza, sentenciou altivamente a sua decisão firme:

— As duas não pode ser, meu caro. Adeus...

Antes que êle tivesse tempo de reagir e de procurar vencer o torpôr de uma amargura que lhe ia começando a prender os nervos e os próprios braços, Sônia saiu do atelier — de encontro ao gesto, aflitivo e quasi suplicante, do pintor. Este compreendeu então que a saúde de Elsa, presente na ternura que dispensava a Ivone, poderia compensá-lo daquela decisão cruel, ciumenta, de um corpo vivo contra a própria morte. Os seus pincéis acenavam-lhe uma cumplicidade muda que o silêncio dominador e soberano recolhera no seu próprio mistério. Pintara a sua própria paisagem íntima naquela tela que esboçava os primeiros traços de Sônia e poderia vir a ser definitivamente realizada se lhe fosse acrescentada a emoção viva, criadora, que à presença emotiva e espiritual de Elsa nele determinava. A sua paisagem íntima, feita embora de contradições, realizaria uma unidade estética e psicológica; talvez a sua obra-prima.

A poeta dostrada do crepúsculo, naquele inverno que aproveitava um doce amnistio solar, ia entornando, entretanto, no caprichoso desenho do casario lisboeta, inocentes exclamações de luz e sombra...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844